



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO EM HISTÓRIA

FRANCO LINDEMBERG PAIVA DOS SANTOS

POVO DE FIBRA: MUNDOS DO TRABALHO NO UNIVERSO DA JUTA (Baixo
Amazonas: 1940...)

Manaus
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO EM HISTÓRIA

FRANCO LINDEMBERG PAIVA DOS SANTOS

POVO DE FIBRA: MUNDOS DO TRABALHO NO UNIVERSO DA JUTA (Baixo
Amazonas: 1940...)

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal do Amazonas como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre em
História

ORIENTADOR

Prof. Dr. DAVI AVELINO LEAL

MANAUS

2020

Ficha Catalográfica

Santos, Franco Lindemberg Paiva dos
Povo de fibra: mundos do trabalho no universo da juta (Baixo Amazonas: 1940...) / Franco Lindemberg Paiva dos Santos. 2020
149 f. : il. color; 31 cm

Orientador: Davi Avelino Leal
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas

1. Modos de vida. 2. Modos de trabalho. 3. Trabalhadores da juta.
4. Várzea. I. Leal, Davi Avelino. II. Universidade Federal do Amazonas.
III. Título

DEDICATÓRIAS

A MEU PAI

*Crescemos, mas ainda precisamos de heróis!
Não daquele com capas e poderes extraordinários.
Mas daquele capaz de nos inspirar,
a superarmos as dificuldades que a vida impõe!*

*Você é um desses, meu pai!
Me ensinou a levantar depois das quedas!
Também a valorizar as pequenas coisas da vida!
Acima de tudo, me ensinou a encarar a vida
com uma dose extra de bom humor!*

*Nessa viagem que agora encerro!
Tu fostes a seta a me indicar o caminho
Que me levou a conhecer e também a valorizar
A Amazônia e o seu povo!*

*Se hoje sou um homem apaixonado pela cultura regional,
a maior parte desse amor!
É graças às inúmeras histórias,
Que durante toda a minha vida!
ouvi de você!*

Obrigado Pai! Minha inspiração!

UM ANJO

*Mesmo sem procurar, um dia encontrei um anjo!
Não tinha tinha asas, mas em sua imaginação me fez voar!
Não falava do Céu, mas suas narrações eram divinas!
Sua voz macia, explicava com firmeza as aventuras humanas!*

*Não era era masculino, mas sim feminino!
Não tinha a aparência europeia!
Mas sim a beleza cabocla singular da Amazônia!
Com um andar macio, de quem muito caminhou!*

*Sua longevidade e sua simpatia me cativaram de imediato!
Suas curtas narrativas, mostravam uma grande trajetória vivida!
Na curta convivência que tivemos, conseguiu me mostrar muito da vida!*

*Mas como lugar de anjo não é aqui!
Sua hora de ir destilar simpatia junto de Deus chegou!
E lá se foi Dona Maria, depois de cem anos de vida,
destilar simpatia no céu!*

*Apesar de tristes pela sua partida!
Ficamos feliz por fazer parte dessa longa vida!*

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa de grande porte como essa, embora seja resultado de um trabalho individual, é sempre uma obra coletiva. Isso porque, durante todo o seu processo de planejamento, pesquisa e elaboração, a vida do pesquisador finda se entrelaçando com muitas outras vidas, fazendo com que os acontecimentos envolvidos nele afetem a todos. Com essa obra não poderia ser diferente! Inúmeras foram as personagens que, de uma forma ou outra, deram sua parcela de contribuição para que este pesquisador que vos fala, pudesse levar a termo tal trabalho. Lembrar de todos esses nomes, talvez não seja possível, e aqui deixo já um pedido de desculpas antecipado, caso hajam omissões.

No topo dessa lista está Deus. Talvez, para alguns não haja a ideia de um ser superior agindo em nossa vida, mas para mim, sempre existiu a certeza de que, as minhas ações foram o resultado das minhas decisões e dos caminhos tomados; mas sempre com alguém “dando uma mãozinha”, e esse colaborador, pra mim, só pode ser Deus.

Aqui nesse plano, começo agradecendo a minha família. Primeiro minha esposa e companheira de lutas e sonhos Célia, meus filhos Lucas e Lígia, que tiveram que enfrentar inúmeras renúncias para me proporcionar tempo e condições de conduzir essa pesquisa, além de suportar por diversas vezes minhas crises de ansiedade acompanhadas de doses de mau humor. Agradeço pelo carinho e compreensão de todos e ressalto o quanto vocês foram importantes para essa caminhada e o quanto eu os amo. Segundo, meus irmãos que sempre me cercaram de uma corrente positiva, desde a minha aprovação na seleção desse mestrado, até o presente momento.

Um agradecimento especial aos meus pais que além de emanarem energias positivas, ainda tiveram que ver diminuída bruscamente a frequências de minhas visitas a eles, situação que me causou bastante sofrimento, mas que eles compreenderam com aquele amor com que sempre me cercaram. Ressalto que vocês são a inspiração para tudo o que faço na vida e, nesse caso específico, meu pai foi o responsável por despertar em mim a curiosidade inicial com essa temática, que cresceu até chegar a esse produto.

Agradeço aos senhores Pedro Mair (meu pai), José Cordeiro e Raimundo Printes e as senhoras Maria Ribeiro, Maria da Daíze, Marlene Silva e Irenilda Garcia, que gentilmente se dispuseram a falar de sua vida a estranhos como eu, narrando a sua convivência com a cultura da juta. Narrativas sem as quais, esse trabalho não teria sido possível.

Meu agradecimento, pra lá de especial, a esse profissional que foi muito mais que um orientador, mas um amigo e companheiro de sonho e projetos, Professor Dr. Davi Avelino Leal. Além da sua orientação, as informações da disciplina Seminário temático II, foram muitos úteis para a compreensão da realidade histórica e antropológica amazônica. Suas dicas precisas e seu companheirismo foram fundamentais para a realização dessa pesquisa e desse produto que agora entrego.

Ainda no âmbito da Ufam, o meu agradecimento à dedicação e ao carinho dos demais professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas PPGH-UFAM, principalmente aqueles que transmitiram diretamente seus conhecimentos a mim e aos meus colegas, nas disciplinas que tive a satisfação de frequentar: Professoras Patrícia Silva, Patrícia Melo (eternamente Patrícia Sampaio), e Maria Luiza, profissionais que eu conhecia de longe mas que não tinha tido a satisfação de tê-las como docentes. Suas aulas confirmaram a beleza do ser humano e do profissional que vocês são. Prof. Balkar a quem sempre tive admiração e respeito desde a graduação e que, talvez não lembre, mas foi a primeira pessoa a me incentivar a participar do mestrado, ainda na graduação. Sem contar os demais professores que, embora não ministrassem disciplinas para nós, sempre nos deram forças e conselhos úteis ao nosso crescimento acadêmico.

O exame de qualificação, me ligou a dois profissionais de educação que foram decisivos para a configuração final desse trabalho. Primeiro a Prof. Dra. Patrícia Silva que já tinha me proporcionado informações valiosas com a disciplina História, Trabalho e Movimentos Sociais na Amazônia, ministrada no primeiro semestre de 2018 e, nesse exame, me apresentou dicas valiosíssimas no campo da história oral, dentre elas, a frase que eu nunca esquecerei: “*deixe eles falarem*”. Segundo o Professor Manoel Masulo do Departamento de Geografia que me apresentou chaves de leituras valiosas na compreensão dos homens do campo amazônico.

Um agradecimento especial ao Jailson, secretário do PPGH-UFAM, pela sua dedicação e disponibilidade em nos ajudar todas as vezes que precisamos de algo, ou a nos orientar em todos os momentos que algum assunto parecia ser nebuloso nessa caminhada.

Agradeço também aos colegas da turma 2018 pelo companheirismo, com trocas de informações e ideias. Inúmeros foram os casos em que incentivamos uns aos outros e ajudamos sempre que um de nós precisava de uma força. Desse grupo um agradecimento especial a Mayra Uchôa e ao Caio, que compartilharam, comigo, não somente o mesmo orientador, mas conhecimentos e informações nas inúmeras conversas reservadas que tivemos. Deles, não há como não destacar a Mayra que, ao desenvolver uma temática de pesquisa próxima a minha, se revelou uma excelente parceira de pesquisa.

Saindo do âmbito da Ufam, o meu agradecimento a família CEPAN-SEDUC, que não somente me incentivou, como me proporcionou condições de conduzir essa pesquisa com relativa tranquilidade, além dos inúmeros colegas de trabalhos que me ajudaram com orientações técnicas, correções gramaticais, troca de ideias e de materiais. Lá, mesmo trabalhando, encontrei as condições ideais para conduzir essa pesquisa.

Por último, mas não menos importante que os demais agradecimentos, o meu muito obrigado a Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas FAPEAM, que me proporcionou um aporte financeiro por meio da bolsa de estudo, o que tornou menos pesado o desafio de encarar uma empreitada dessa natureza, além de possibilitar a aquisição de livros e outros materiais necessários à esse trabalho.

Espero não ter esquecido ninguém, mas caso isso tenha ocorrido, o meu muito obrigado a você que não teve o nome citado por mim. Que Deus proteja a todos.

RESUMO

Esta pesquisa é dedicada ao conhecimento dos modos de vida e trabalho das pessoas que se envolveram com a juta, uma das atividades mais desafiadoras que um dia se instalou na região amazônica. Sua proposta básica é conhecer, através das narrativas dessas pessoas, a forma como elas, conviveram e se relacionaram com essa atividade. Para uma compreensão melhor dessa realidade, será feita uma análise do ambiente em que esses sujeitos, trabalharam com tal produto: a várzea.

Tudo isso para que entremos em contato com as trajetórias de vida desses senhores e dessas senhoras e possamos conhecer o trabalho com a juta, a realidade da vida na várzea e a forma como as populações dessa parte da Amazônia constroem as suas relações e compreendem a vida e o que está além da vida: o sagrado. Em função dessa proposta, não temos a pretensão de emitir conceitos sobre a forma como esse tipo de trabalho era desenvolvido, mas somente buscar, através das narrativas apresentadas, compreender essa realidade.

Palavras-chave

Modos de vida - Modos de trabalho - trabalhadores da juta - várzea

ABSTRACT

This research is dedicated to the knowledge of the ways of life and work of the people who got involved with jute, one of the most challenging activities that was installed in the Amazon region. Its basic proposal is to know, through the narratives of these people the way they lived and related to this activity. For a better understanding of this reality, an analysis of the environment in which these subjects work with this product will be made: the floodplain.

All this is needed so we will be able to get in touch with the life trajectories of these gentlemen and ladies and we can understand how it work with jute, their life reality in the floodplain and the way in which people in this part of the Amazon build their relationship and understand life and what is beyond life: the sacred. As a result of this proposal, we do not have the intention of issuing concepts about how this type of work was developed, but only seeking, through the narratives presented, to understand their reality.

Key words

Ways of life - ways of working - jute workers - floodplain

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: “O POVO DE FIBRA”.....	24
1. Nossos sujeitos.....	24
A. Pedro Mair dos Santos (1939...)	24
B. Maria Vasconcelos Ribeiro (1918-2019).....	25
C. José Cordeiro da Silva (1950...)	26
D. Raimundo Ribeiro Printes (1948...)	28
E. Maria da Daíze Jacaúna Carneiro (1934...)	29
F. Marlene Gonçalves da Silva (1949...)	30
G. Irenilda Evangelista Garcia (1938...)	31
2. Ingresso no universo da juta.....	31
<i>Pedro Mair dos Santos</i>	34
<i>Maria Ribeiro Vasconcelos</i>	37
<i>José Cordeiro da Silva</i>	39
<i>Raimundo Ribeiro Printes</i>	42
<i>Maria da Daíze Jacaúna Carneiro</i>	44
<i>Marlene Gonçalves da Silva</i>	46
<i>Irenilda Evangelista Garcia</i>	47
3. O cotidiano de trabalho nos jutais.....	48
<i>Preparo do terreno</i>	50
<i>Plantio</i>	51
<i>Cuidados com a plantação</i>	52
<i>Beneficiamento</i>	53

CAPÍTULO II: OS DESAFIOS DO CULTIVO DA JUTA NA AMAZÔNIA.....	67
1. A juta em meio a realidade amazônica (inserção e convívio com outras atividades).....	67
2. O trabalho dentro d'água: questões de saúde, risco de acidentes e questões culturais.....	82
CAPÍTULO III: A VÁRZEA DOS TRABALHADORES DA JUTA.....	99
1. Modos de vida na várzea!.....	100
a. A enchente.....	101
b. A questão da posse da terra.....	106
c. O contato com a cidade.....	108
d. A beleza e a fartura da várzea.....	113
e. Outros temas.....	118
2. Universo religioso-mitológico dos trabalhadores da juta.....	122
a. Simpatias e medicina na várzea.....	122
b. A religiosidade do povo da várzea.....	125
c. Os mitos da várzea.....	128
3. Contudo, não estamos no paraíso!	136
CONSIDERAÇÕES	
FINAIS.....	140
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	144

INTRODUÇÃO

*POVO DE FIBRA
Boi Garantido 2006*

*Um povo de fibra cultiva a sua vida
Em poesias inundada de esperança
Das águas douradas do rio Amazonas
Beijam várzeas e sementes de bonanças*

*O povo do sol nascente deixou um legado
Ao povo caboclo pra geminar nas manhãs
Uma nova canção*

*Na vila Amazônia a jutecultura resplandeceu
E em Parintins um novo
Ciclo de fatura alvoreceu*

*Juteiro tem a fibra da coragem
E desafia arraia e poraquê
Em junho é batuqueiro
Na Baixa de São José*

*É Garantido uôôô
É Garantido*

*O amor que sustância
Esse povo de fibra*

Tirando os equívocos historiográficos, os quais não podemos exigir que um poeta popular tenha conhecimento, a letra dessa toada do Boi Bumbá Garantido, de 2006, faz uma síntese do que pretendo conversar contigo ao longo deste trabalho, caro leitor. Nele, pretendo te levar a conhecer a realidade vivida no trabalho com a juta, de homens e de mulheres que tivemos¹ a grata satisfação de conversar e ter acesso a narrativas, advindas de memórias ainda vivas, de um momento ímpar em suas vidas.

Partindo da letra da música, vamos aqui conversar, sobre “um povo de fibra”, homens e mulheres que, pelos mais variados motivos, se envolveram com uma das mais insalubres atividades econômicas que um dia se instalaram na Amazônia. Tudo o que vamos conversar neste trabalho é exatamente sobre essas pessoas que encararam, com uma certa naturalidade, uma atividade que as expunha a horas a fio imersos em água, travando uma disputa territorial com os legítimos habitantes dos rios e igarapés, alguns dos quais, se constituindo em verdadeiras ameaças à sua integridade física, como a arraia e o puraqué.

Será em função de trabalharem com uma fibra vegetal de elevada aceitação no mercado naquele momento e, acima de tudo, por encararem um desafio laboral bastante incomum, com um grau de dificuldade muito superior a outros trabalhos, que escolhi nomeá-los com o título dessa música, pois eles realmente são um povo de fibra.

Esta não é a primeira pesquisa a falar sobre as pessoas que trabalharam com a juta na região amazônica, provavelmente não será a última. Desde o trabalho pioneiro de Renan Freitas Pinto (1982)², que a academia se deu conta da importância de se estudar as pessoas que se envolveram nessa atividade.

Nesse momento, você deve estar se questionando sobre a necessidade de se falar de um assunto que outros já abordaram. Primeiro te respondo que, apesar de termos outros trabalhos bem consistentes sobre os trabalhadores da juta – dentre os

¹ Dois motivos me levam ao uso desse plural: primeiro, em função de, em algumas dessas entrevistas, me encontrar na companhia de meu orientador o Prof. Dr. Davi Avelino Leal; segundo, porque três, das sete entrevistas que uso, me foram gentilmente cedidas por minha colega de mestrado Mayra de Oliveira Uchôa, que pesquisa uma temática muito próxima à minha e com a qual trocamos muitas informações ao longo dessa caminhada.

² PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. *Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no Médio Amazonas*. 1982. 187 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia, Política e Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

quais destacamos os de Aldenor Ferreira (2016)³ e Denison Silvan (2018)⁴ – ainda há muito a ser pesquisado sobre a realidade dessas pessoas, até porque, esta compreensão é uma chave de leitura de uma parte significativa da população amazônica como um todo, já que a juta no seu momento mais forte, chegou a empregar metade da mão de obra rural dos estados do Amazonas e do Pará⁵.

Segundo, porque no campo da história, o tráfego por essa estrada é mais escasso ainda, com uma única pesquisa direta sobre trabalhadores da juta – o de Daniela Tristan⁶, e mesmo assim do meio urbano, das fábricas.

A novidade que espero te apresentar com esse trabalho, é um olhar historiográfico, sobre essas pessoas, seus sonhos, seus desafios e as variadas maneiras como se envolveram com a jiticultura, bem como as variadas formas com que encararam tal atividade. Te advirto que esta análise serve também, como um universo experimental, de compreensão da realidade da população da várzea amazônica, no período em que os sujeitos dessa pesquisa se envolveram com esta atividade.

Por conduzir esse trabalho pela linha da oralidade, pretendo criar condições para que as vozes desses homens e mulheres apareçam mais do que a minha⁷, por isso me propus a dar ouvidos ao que eles/elas narraram acerca do assunto. É inevitável que a minha opinião e minhas considerações de pesquisador ocupem um lugar de destaque, mas pretendo fazer de forma que ela seja uma tentativa de entender o ponto de vista deles.

Para conseguir tal objetivo, além da literatura especializada – da qual apresentei uma pequena amostra acima – pretendo usar como espinha dorsal deste

³ FERREIRA, Aldenor da Silva, *Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)*. 2016. 487 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

⁴ SILVAN, Denison. *Trabalhadores da juta na Amazônia: trajetória de luta, suor e sofrimento*. 2018. 245f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas

⁵ Cf. Ferreira, 2016, p.114

⁶ TRISTAN, Daniela Rabelo Monte. *Trabalhadores da tecejuta: Experiência Operária e Construção de Memória numa Fábrica Têxtil do Oeste do Pará (Santarém 1951-1990)*. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas

⁷ Dica valiosíssima dada a mim, pela Profa. Dra. Patrícia Rodrigues Silva, por ocasião do meu exame de qualificação.

trabalho, as narrativas desses senhores e dessas senhoras apresentadas a mim ou a outros pesquisadores⁸, nas entrevistas gentilmente concedidas.

Não me causaria espanto, se nessa altura da narrativa estejas tentado a perguntar sobre a juta: o que é? Como é produzida? Porque a sua produção é tão insalubre? Para que adentres à narrativa principal sabendo para qual direção nosso barco vai singrar, embora a juta seja um coadjuvante em nossa história, vou traçar algumas linhas que te permitam clarear estes pontos obscuros.

A juta (*Corchorus capsularis*) é uma fibra vegetal, bastante usada na indústria têxtil na fabricação de sacarias, tecidos, cordas e uma série de outras utilidades. É um vegetal originário da Índia, que foi aclimatado ao solo e clima amazônico por colonos japoneses na localidade de Vila Amazônia, entre os anos de 1930 a 1934 o que explica esse verso da música usada como epígrafe: “*O povo do sol nascente deixou um legado*”.

A adaptação desse vegetal a região foi tão eficiente, que em menos de uma década, ele estaria espalhado por uma grande extensão do rio Amazonas, a partir de Parintins subindo no lado amazonense até atingir a entrada do rio Purus (cerca de 530 km); ou descendo pelo lado paraense até a foz do rio Tapajós (cerca de 230 km). Lembrando novamente, o que falei acima, no auge dessa atividade (nos anos 60), ela chegou a empregar 50% da mão de obra rural desses dois estados.

A grande particularidade da produção da juta, é que para as fibras se soltarem, as hastes da planta precisam ficar alguns dias imersos em água para em seguida serem batidas e lavadas eliminando as cascas. O problema é que essa operação precisa ser feita dentro d'água, no mesmo ambiente em que as hastes ficam imersas. Isso obriga o trabalhador, nessa etapa de produção, a permanecer com água até a cintura, de 8 a 12h e em alguns casos acima do ombro. Nesse ambiente úmido, em contato com uma água fétida, devido ao apodrecimento das hastes de juta, as pessoas ainda conviviam com animais que habitam esse ambiente, com destaque para a arraia e o puraqué, sendo constantes os acidentes relatados.

Esse é o elemento que tem chamado a atenção em todas as pesquisas que se debruçaram sobre os trabalhadores da juta. Todavia, em todas elas temos uma

⁸ Cf. nota 1

análise feita dessas condições de trabalho, a partir dos referenciais desses pesquisadores, é algo que é inevitável quando se produz uma investigação sociológica ou geográfica (áreas que têm trabalhado com esse assunto), mas que ou ignoram ou utilizam-se pouco dos referenciais culturais, históricos (no nosso caso) e até sociais dessas pessoas.

Nesse ponto, te coloco diante de uma outra novidade desse trabalho. Minha proposta é também, olhar o mundo do trabalho no universos da juta (subtema dessa pesquisa), principalmente as fases de trabalho aquáticas, mas a partir dos referenciais deles/delas. A partir desses referenciais, quero te levar a entender as motivações que fizeram com que cada um deles se envolvesse e permanecesse por um tempo, exercendo uma atividade que, olhada de fora, se apresenta como extremamente prejudicial à sua saúde e sua integridade física.

Espero não ser enfadonho, mas preciso te mostrar como foi a construção desse percurso em minha mente. No início, encontrava-me diante da preocupação, levantada por Pinto (1982), acerca do sistema e do grau de exploração dessas pessoas⁹, concluindo que elas eram vítimas passivas de um sistema perverso. Esta questão tornou-se o meu primeiro campo de observação, até eu me dar conta, na qualificação, de que tinha um valioso material de história oral em mãos e que precisava “deixar essas pessoas falarem”¹⁰. A partir daí, iniciei uma caminhada de investigação, não mais sobre o que a academia falava - embora essas informações ainda estejam presentes nesse trabalho - mas sobre o que esses senhores e essas senhoras falavam deles/delas, do trabalho e da realidade na juta. Em outras palavras, as classificações e categorizações acadêmicas são deixadas em segundo plano, para que simplesmente possamos ouvir, o que eles/elas falam de si e do seu trabalho.

Escolhida a trajetória de pesquisa, comecei a busca de referenciais entre os historiadores da oralidade. No trabalho de Alessandro Porttelli (2010), encontrei o primeiro na afirmação de que *“Com frequência se diz que na História Oral, damos*

⁹ Por essa época, as principais ferramentas de análise da realidade, vinha da escola sociológica paulista, a qual sempre se propunha a entender como a estrutura do sistema capitalista amarrava os grupos sociais e os punha para produzir para ele. Era uma visão estruturalista da realidade e ainda sem a nova forma de enxergar a ação dos grupos sociais advinda dos historiadores da nova esquerda inglesa dos quais E. P. Thompson é uma referência.

¹⁰ Cf. nota 6

voz aos sem voz. (...) O que fazemos é recolher essa voz, amplifica-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra¹¹; ou como esse mesmo autor diz em outro trabalho: “...Esta é a nossa contribuição como historiadores orais: “nós oferecemos a eles às histórias deles a exposição e acesso a um discurso público mais amplo¹²”. Foi assim mesmo que me senti com esse trabalho, ampliando o discurso desses senhores e dessas senhoras, e possibilitando às histórias deles/delas acesso a um discurso público mais amplo, objetivo que espero ter alcançado!

Não saberia te informar se estou construindo uma história “*História de baixo para cima*”¹³, como nos diz Hobsbawm, penso que está mais para o que diz Selma Leydesdorff (2000): “...Precisaremos explorar o debate entre historiadores como Carlos Ginzburg e Natalie Zemon Davis, que repetidas vezes demonstraram que a **pequena amostra** pode fornecer **insights** sobre as transformações mentais e culturais de um período¹⁴” (grifo meu). Pois, das narrativas dos sete sujeitos¹⁵ dessa pesquisa, almejo te apresentar uma ideia de como foi a realidade de quem trabalhou com a juta. São somente sete entre milhares, mas deu pra perceber nas memórias deles, muito do que vemos ainda hoje na realidade dos homens e mulheres que habitam a várzea e trabalham nas mesmas condições que eles. Com essa amostra, não pretendo esgotar a compreensão da vida nas várzea onde esses sujeitos trabalharam com juta, mas espero te ajudar a compreender como foi essa vida.

Em termos de delimitação, o recorte temporal deste trabalho inicia nos anos 1940 e vai até os dias atuais. A razão desse não fechamento é em função da dinâmica da História Oral, que, por trabalhar com testemunhas vivas, e usar como material básico de trabalho as narrativas advindas das memórias dessas pessoas,

¹¹ PORTELLI, Alessandro, *História oral e poder*. Rio de Janeiro: Mnemosine, Vol. 6, nº 2, p.2-13 (2010) p.3

¹² PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e voz. 2016. p.32

¹³ HOBBSAWM, Eric. *A história de baixo para cima*, in: *Sobre história*. São Paulo: Cia das Letras, 2013. p. 280-300

¹⁴ LEYDESDORFF, Selma. *Desafios do transculturalismo*. in: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. p.76

¹⁵ Foram entrevistados(as) três homens e quatro mulheres com idades entre 69 a 100 anos na época da entrevista (de março a novembro de 2018). São eles: Pedro Mair dos Santos (79 anos), Maria Vasconcelos Ribeiro (100 anos) José Cordeiro da Silva (68 anos), Raimundo Ribeiro Printes (70 anos), Maria da Daíze Jacaúna Carneiro (84 anos), Marlene Gonçalves da Silva (69 anos) e Irenilda Evangelista Garcia (80 anos). Desses, o Seu José trabalhou com juta nas proximidades do município de Manacapuru (ilha de Paratari), Seu Pedro trabalhou nas proximidades do município de Itacoatiara (Paraná da Eva) e os demais trabalharam no entorno de Parintins.

se projeta como algo sempre aberto, nunca fechado. Portelli (2016) esclarece melhor isso nessa passagem acerca da memória: “...ela é um trabalho incessante de interpretação e reinterpretação e de organização de significados¹⁶”. Isso faz com que, enquanto os sujeitos desse trabalho estiverem vivos e suas memórias ativas, tenhamos sempre uma gama de possibilidades abertas para a dinâmica dessa memória.

Em termos geográficos o recorte é o trecho de várzea entre os municípios de Parintins e Manacapuru, passando pelo município de Itacoatiara. Todas concentradas em comunidade rurais, na várzea, porque a juta é uma produção específica desse tipo de região. Esse detalhe é importante ressaltar, pois ao falar da realidade de trabalho dessas pessoas, estarei falando automaticamente da vida nessa região da Amazônia. Isso se torna mais evidente diante do fato de que essas pessoas não viviam somente de juta, ela era uma atividade importante, com um peso enorme nas receitas deles, mas não era a única fonte de renda deles.

Em termos de metodologia de trabalho, também recebi de Portelli (2016) dicas valiosas quando o mesmo afirma:

Quando trabalhamos com fontes orais, então, devemos traçar um caminho complexo cobrindo três níveis distintos, mas interconectados: um fato do passado (o evento histórico), um fato do presente (a narrativa que ouvimos) e uma relação fluída, duradoura (a interação entre esses dois fatos). Sendo assim, o trabalho do historiador oral envolve:

- A historiografia no sentido tradicional (a reconstrução de eventos passados);
- A antropologia, a análise cultural, a crítica textual (a interpretação da entrevista);
- O espaço intermediário (como esses eventos produzem determinadas memórias e determinadas narrativas)¹⁷

Será esse esforço de interpretação, dentro desses três níveis que você verá o tempo todo ao longo dessa obra. Como já te assinalai acima, o esforço central do que irei te apresentar, é no sentido de deixar com que eles/elas falem, e tentar extrair o maior número possível, de elementos de compreensão da vida deles e do convívio com essa atividade para reconstruir essa realidade historiográfica. Te advirto que estais diante da obra de um iniciante nessa forma de fazer história, e

¹⁶ Portelli, 2016, p.159

¹⁷ Idem, p.18

como todo calouro, tenho mais probabilidade de errar do que de acertar. Mas espero ter compreendido essa página bonita da história da sociedade amazonense e ter te ajudado a compreendê-la também.

Entrando no corpo da redação, nas três partes em que é dividido esse trabalho, vamos juntos, analisar as narrativas desses pessoas, progredindo do que elas falaram delas mesmas, passando pela descrição do universo de trabalho na juta e com a juta, até chegar na compreensão do espaço onde eles/elas trabalharam com tal produto, a várzea.

No primeiro capítulo, intitulado “O povo de fibra”, pretendo te levar a conhecer melhor os sujeitos dessa pesquisa e a sua relação com a juta, vou iniciar com um pequeno resumo biográfico de cada um deles, tentando mostrar sua trajetória de vida antes, durante e depois da experiência com a juta. Considero vital iniciar esse trabalho com essa proposta pois tudo que verá adiante tem como centro gravitacional a vida desses homens e dessas mulheres, portanto, já iniciarás te familiarizando com eles, sabendo quem são. Portelli, em outra obra (2010), explicita bem a importância de valorizarmos as pessoas que entrevistamos para os nossos trabalhos de história oral, dizendo que: “...é necessário perceber que a entrevista é uma experiência de aprendizado: o pesquisador pode ter uma série de títulos acadêmicos e o narrador pode ser analfabeto, mas é este que possui o conhecimento que buscamos¹⁸.” E já que eles são os detentores do conhecimento de que buscamos, nada melhor do que iniciar conhecendo quem são.

A segunda parte deste capítulo é uma análise do processo de inserção dessas pessoas na jiticultura, onde tu terás uma amostra dos vários caminhos, das várias possibilidades que levam uma pessoa a se inserir em uma atividade econômica. Essa compreensão é vital para não cairmos nas análises simplistas, baseadas na visão estruturalista, que coloca todos dentro do mesmo esquema¹⁹, questão presente em algumas obras que se debruçaram sobre esses trabalhadores como a de Silvan (2018).

¹⁸ PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e voz, 2010. p. 213

¹⁹ Algo bastante combatido por autores com E.P. Thompson em sua obra, principalmente THOMPSON, *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Finalizo esse capítulo apresentando as narrativas dos sujeitos dessa pesquisa que mostram como era o processo de produção da juta, começando desde o preparo do terreno até chegar a comercialização. Esse aliás, foi um dos assuntos mais bem trabalhado em todas as entrevistas, com alguns deles fazendo questão de descrever todas as etapas desse processo e como ocorria as etapas mais complexas: dentro d'água. Para que compreendas a importância desse processo produtivo, principalmente as fases aquáticas, todos os trabalhos que giraram em torno da temática da juta e das pessoas que trabalharam ou trabalham com ela, fazem questão de descrever como ele ocorria, sempre emitindo conceitos acerca das fases já destacadas²⁰.

No segundo capítulo, intitulado “Os desafios do cultivo da juta na Amazônia” fiz um esforço, sempre a partir das narrativas dos sujeitos dessa pesquisa, de compreender a cultura da juta dentro da realidade amazônica, principalmente do ponto de vista econômico e cultural. Na primeira parte, a proposta é entender como se deu a inserção da juta na realidade do homem e da economia amazônica. Nela, suas narrativas foram analisada junto com Aldenor Ferreira (2016)²¹ e Alfredo Homma (2016)²², para que tenhamos uma ideia clara dos fatores que colaboraram para que a juta se espalhasse com tanta velocidade pela várzea amazônica e se transformasse em uma atividade econômica bastante lucrativa.

Um outro tema que vai emergir nessa primeira parte deste capítulo é o lugar da juta dentre as atividades produtivas dos moradores da várzea. Dentro dele, te convido a observar, primeiro que a juta era somente mais uma atividade desenvolvida por essas pessoas - assunto já falado anteriormente -, segundo que haviam vários níveis de envolvimento com a jicultura, desde famílias que

²⁰ Desses destacamos: GENTIL, Janete M. L. *A juta na agricultura de várzea na área de Santarém - Médio Amazonas*. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Série Antropologia, VI. 4, 1988; PAIVA, Alciane Matos. *Agricultura camponesa e desenvolvimento rural/local: um estudo da organização da produção de juta e malva na várzea do município de Manacapuru*. 2009. 130f. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal do Amazonas; FERREIRA, Aldenor da Silva, *Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)*. 2016. 487 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

²¹ Cf. nota 20

²² HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. *A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola*. Brasília: Embrapa, 2016, 2a Ed.

priorizavam esse tipo de produto até aquelas que não se envolveram com a atividade apesar do seu atrativo econômico. Esse ponto tem um peso enorme, ao menos para mim, pois muitos denominam esses trabalhadores de juteiros (a própria música vista no início usa essa nomenclatura) o que espero que vejas nesse capítulo que é uma definição frágil pois eles/elas não viveram somente de juta.

Na segunda parte deste capítulo, te convido a analisarmos as fases de produção da juta dentro d'água. Fases que, como já falei acima, são as que mais proporcionaram discussões acadêmicas. Três elementos serão estudados com calma, as particularidades desse tipo de trabalho, os riscos que o mesmo representava e representa à saúde do trabalhador e - o que é pra mim e pra academia a questão principal - por que essas pessoas aceitavam se envolver em uma atividade com tal nível de comprometimento de sua saúde e de sua integridade física. Só que aqui, em vez de olhar a coisa a partir dos referenciais econômicos e médicos que fez com que muitos autores os considerassem como pobres coitados, explorados, vou analisar contigo elementos da cultura dos moradores da várzea, os quais tenho certeza, que serão de muita valia para a compreensão desse trabalho em si, e da naturalidade como eles/elas conviveram e encararam tal forma de trabalho.

O terceiro e último capítulo, intitulado “A várzea dos trabalhadores da juta” é um convite a um olhar panorâmico sobre esse ambiente. Vamos acoplar nossa câmera em um drone imaginário, e sobrevoa-lo guiados, como sempre pelas narrativas dos sujeitos dessa pesquisa. Para que esse voo tenha êxito, pincei das falas deles/delas os fragmentos que descrevia o ambiente ao seu redor, especialmente os mais enfatizados. Te advirto que não se trata de uma tentativa de realizar um tratado sobre a várzea amazônica, e penso que não seria possível de se fazer algo parecido devido a magnitude e a complexidade desse ambiente. O que vais encontrar neste capítulo, é simplesmente um esforço de situar a jiticultura no ambiente em que ela foi, e é produzida, compreendendo, na medida do possível esse lócus.

Como já existem excelentes trabalhos sobre a vida na várzea amazônica, principalmente nas ciências sociais e na geografia, recorri a alguns desses autores para uma melhor localização das narrativas dessas pessoas e te ajudar a

compreender melhor a dinâmica do mundo da várzea. Das produções encontradas acerca desse assunto, terão um destaque nessa conversa, os trabalhos de Antônio Witkoski (2007)²³, Roberta Andrade (2015)²⁴ e Manuel Masulo (2007)²⁵.

Este capítulo inicia com um convite feito por um dos meus entrevistados: Seu Printes, que nos convida a conhecermos, o que na opinião dele, é a verdadeira Amazônia. Esse senhor discorre sobre as enormes diferenças entre a Amazônia encontrada nas cidades, principalmente nas grandes como Manaus e a encontrada no que, na região, se chama genericamente de interior - a área rural, da qual a várzea faz parte. Tal situação faz lembrar a frase de Sarah Campelo, citando Raymond Williams: *“Como destaca Raymond Williams, no livro O campo e a cidade, o contraste entre a cidade e o campo remonta à Antiguidade Clássica. Entretanto, é a modernidade quem aprofunda essa fissura*²⁶”. É óbvio que não vamos aprofundar os mecanismos que promovem essa fissura, o que vou analisar contigo é simplesmente a realidade da várzea.

Dividido em duas partes, esse capítulo tem na sua primeira parte a análise de vários elementos presentes na realidade dessas pessoas naquele local que, juntas, como peças de um mosaico, formam a imagem da várzea.

A primeira peça desse mosaico será a enchente, ou cheia como é popularmente conhecida na região. Fenômeno natural presente em todas as partes do mundo onde existem rios, mas que na Amazônia tem um peso enorme na organização e composição da vida de quem mora ao seu redor. Caso você não conheça a região, caro(a) leitor(a), é imperativo que você saiba que a maior parte da população do “interior” amazônico mora na várzea, e que estes são terrenos cobertos (parcialmente ou totalmente, dependendo da intensidade) pela enchente anual. Por viverem em um lócus com essa particularidade, essas populações desenvolveram padrões culturais adaptados a esta oscilação periódica. Segundo

²³ WITKOSKI, Antônio Carlos. *Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus, EDUA, 2007

²⁴ ANDRADE, Roberta F. Coelho, *A composição da vida no beiradão do Rio Amazonas: memórias e identidades ribeirinhas*. Manaus, EDUA, 2015

²⁵ CRUZ, Manoel de Jesus Masulo. *Territorialização camponesa na várzea da Amazônia*. 2007. 261f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo.

²⁶ GÓIS, Sarah Campelo Cruz. *Narrativas de água e fogo: Atraso e progresso na Chapada do Apodi*. in: RIOS, Kênia Sousa (org.). *História oral e natureza: resistência e cultura*. Coleção história oral e dimensões do público. São Paulo: letra e voz, 2019. p.79

Witkoski (2007), eles seriam herdeiros direto das grandes civilizações encontradas pelos viajantes europeus que aqui adentraram a partir do século XVI,²⁷ genericamente denominados por Antônio Porro (1996) como o povo das águas²⁸. Daí o peso da enchente na vida desses homens e mulheres.

A segunda peça, é a questão da posse da terra. As terras de várzea possuem uma particularidade que não permite que sejam tituladas e isso tem um peso enorme na organização econômica de quem mora nesse ambiente pois, sem os títulos essas pessoas não têm acesso a programas de financiamento da produção agrícola.

Como terceira peça temos a relação com a cidade, que se configura como um local de referência, para muitos elementos vitais para essas pessoas, como complementação de estudos, comércio e acesso a serviços de saúde.

A quarta peça do mosaico, que tem uma ligação forte com o texto de abertura deste capítulo, diz respeito a beleza e a fartura da várzea. Nele você vai se deliciar com a descrição de uma realidade bastante singular e com um leque imenso de opções de vida para quem resolver viver nela.

A última peça, que na verdade é um mini mosaico, é uma coletânea de temas soltos, narrados por um ou outro entrevistado, que vão desde o lazer até as formas de trabalho em mutirão existente nesse ambiente.

A segunda parte deste capítulo será destinada a compreensão do universo simbólico e religiosos dessas pessoas. Nele você entrará em contato com uma religiosidade completamente particular, que apesar de ter uma forte raiz cristã católica, é muito distinta do catolicismo presente nas cidades. Nesta parte, irá realizar um passeio pelo universo antropológico desses homens e mulheres conhecendo algumas de suas crenças, a forma de relacionamento com o sagrado e algumas das explicações mitológicas para os fenômenos extraordinários encontrados nesse ambiente.

Ao término da leitura dessas páginas, espero que tenhas entendido a força e a capacidade de ação e construção simbólica, de inúmeros homens e mulheres que

²⁷ Witkoski, 2007, p.97

²⁸ PORRO, Antonio. *O povo das águas*. Ensaios de etno-história amazônica. Rio de Janeiro: Vozes, 1996

trabalharam com a desafiante economia da juta, representados nos sete entrevistados cujas narrativas analisei contigo.

Boa leitura!

I. “O POVO DE FIBRA”.

Caro(a) leitor(a), neste primeiro capítulo quero conversar contigo sobre a realidade da vida e do trabalho nas plantações de juta, desenvolvidas nas várzeas da região pesquisada. Através da narrativa dos nossos sete entrevistados, te convido a conhecer como os habitantes da várzea se envolveram, trabalharam e conviveram com a cultura da juta em meio às várias outras atividades que fizeram parte do seu cotidiano. Quero também promover algumas análises de informações não ditas ou ditas de outra forma que podem brotar de suas narrativas.

1. Nossos sujeitos.

A. Pedro Mair dos Santos²⁹ (1939...)³⁰.

Seu Pedro, como gosta de ser chamado, é natural do município amazonense de Itacoatiara, nascido no ano de 1939 em uma localidade chamada Arari, em frente à cidade³¹. Com um ano de idade, sua família se mudou para uma ilha localizada próximo a foz do Rio Madeira denominada Ilha da Trindade ou Ilha do Cumaru, como ele gosta mais de chamá-la. Falando desta ilha, ele vai nos narra que foi nela

²⁹ Seu Pedro é o pai desse pesquisador que vos fala e a minha inspiração inicial para esta jornada de pesquisa.

³⁰ Entrevistado em 16 de abril de 2018 por mim e por meu orientador Prof. Dr. Davi Avelino Leal, em sua residência.

³¹ Seu Pedro relatou que seu pai era filho de judeus radicados na cidade de Itacoatiara, e teve que abandonar sua família - ser deserdado - por ter se apaixonado “por uma caboquinha lá da cidade de Juruti”. Uma amostra do mosaico de povos que compuseram a população amazonense e das histórias particulares que cada um desses povos trouxe.

que “eu me entendi”³². Foi também na ilha do Cumaru que o seu pai começou a trabalhar com juta por volta do ano de 1945, ano em que o mesmo, embora ainda muito criança, se envolveu com esta atividade auxiliando seu genitor.

Prosseguiu relatando que, em 1951, com o dinheiro ganho com a juta, seu pai adquiriu um terreno no Paraná da Eva, de dimensões muito maiores do que o anterior. Lá foi onde a sua memória mais lhe forneceu relatos.

Em 1953, por ocasião de uma das maiores enchentes já vividas no estado do Amazonas, ocorreu um episódio envolvendo uma cobra sucuri de grandes dimensões (atacou uma porca dentro de casa³³), sua família resolveu mudar-se para Manaus, tendo seu pai adquirido dois grandes terrenos no bairro da Praça 14. A partir daí a rotina da família passou a ser dividida entre Manaus e o Paraná da Eva onde a produção de juta prosseguiu nos anos seguintes.

Em 1960, Seu Pedro, contrariando a opinião de seu genitor, vem para Manaus, para servir ao exército, dando baixa no ano seguinte em função das notícias de que seu pai estava tendo enormes dificuldades em tocar a produção da juta sozinho. Segundo ele, foi uma das decisões que mais se arrependeu posteriormente. Deste ano em diante, fixou-se em Manaus, indo ao Paraná da Eva somente no período da colheita e da produção (maceração e lavagem) retornando em seguida.

Em 1974, ele e seu pai (que apresentava problemas de saúde - hérnia) abandonaram a produção da juta definitivamente passando a se fixarem em definitivo em Manaus.

B. Maria Vasconcelos Ribeiro (1918-2019)³⁴

Cheguei a Dona Maria por intermédio de sua neta, Patrícia Printes (professora do curso de proficiência em espanhol) que ao saber do conteúdo de minha

³² “Me entendi” ou “me entendi como gente” é uma expressão usada em algumas localidades do Amazonas para se referir a tomada de consciência, para compreensão da vida, do mundo.

³³ Durante as enchentes, é comum os ribeirinhos amazônicos construírem currais flutuantes anexos às suas casas, muitas vezes dentro delas para abrigarem os animais que criam (bois, porcos, galinhas, etc): estas construções são chamadas de marombas.

³⁴ Entrevistada em dois momentos: em 11 de junho de 2018, por mim em sua residência e em 21 de julho por mim, meu orientador Prof. Dr. Davi Avelino Leal e por minha colega de mestrado Mayra Uchôa que desenvolve pesquisas com as mulheres que trabalharam com a juta.

pesquisa, me falou que sua avó não somente tinha trabalhado com juta como tinha memórias muito agradáveis deste momento.

Natural de Óbidos - PA, Dona Maria veio ainda “mocinha” para o município amazonense de Parintins, onde conheceu o seu marido (Seu Raimundo Ribeiro Printes), dois episódios que ela não conseguiu recordar as datas.

Em 1944, aproximadamente, ela e seu marido souberam que os japoneses haviam implantado uma nova atividade econômica na várzea (a juta) e que um deles chamado Ryoto Oyama (considerado o pai da juta³⁵) precisava de pessoas para trabalhar com esta fibra vegetal na região. Diante da nova oportunidade que surgia, Dona Maria e Seu Raimundo se instalaram em uma região denominada de paraná do Cumprido³⁶. Lá ela vai viver, o que suas narrativas apresentam como, os anos mais felizes de sua vida. Dois aspectos foram muito enfatizados por ela, o trabalho em si (local, atividade, companhias) e a figura do Sr. Ryoto Oyama, tido por ela como pessoa muito boa.

Em 1960, aproximadamente, Dona Maria e seu marido abandonaram a atividade da juta em função da dificuldade de Ryoto Oyama em manter a atividade. Na sequência, também em datas que ela não conseguiu (ou não quis) lembrar, se mudaram para Parintins e anos depois para Manaus, onde fixaram residência no bairro de São Geraldo.

Em 16 de abril de 2019, Dona Maria faleceu indo destilar sua simpatia em outro plano e deixando muitas saudades!

C. José Cordeiro da Silva (1950...)³⁷

³⁵ Ryoto Oyama foi o colono japonês que, com insistência (em uma narrativa quase épica) conseguiu aclimatar a juta à região amazônica. Conferir ARAUJO, Carlos. *História da imigração japonesa no Estado do Amazonas*. Manaus: FIEAM, 1995; FERREIRA, Aldenor da Silva, *Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)*. 2016. 487 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. e HOMA, Alfredo Kingo Oyama. *A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola*. Brasília: Embrapa. 2016. 2a. Ed.

³⁶ Três denominações geográficas são usados por Dona Maria ao se referir a esta região: lago, costa e paraná. Por ter usado mais vezes a denominação paraná, optamos em usá-la.

³⁷ Entrevistado em 05 de agosto de 2018, por mim em sua residência..

Seu José é tio de minha esposa, sendo reconhecido por ela e pela família com a alcunha carinhosa de “Tio Zezinho”. Uma pessoa simpática e prestativa que nos concedeu esta entrevista exatamente no dia em que comemorava mais um ano de vida.

Do pouco que narrou do período anterior a experiência da juta, Seu José nos relatou que é natural de Manaus e que nessa época, morava em um bairro chamado Compensa, na zona oeste da cidade.

O convite para trabalhar na juta veio em um momento em que a família de Seu José passava por dificuldades financeiras, em função de todos estarem desempregados. Neste ano (1978) a enchente do Rio Solimões/ Amazonas estava sendo muito rápida e de grandes proporções o que forçou um amigo da família, também chamado José, a buscar ajuda na colheita para não perder a produção³⁸. Sua família então (composta por ele, seu pai e seus dois irmãos) se deslocou para uma ilha denominada de Paratari, no rio Solimões, no município de Manacapuru.

Seu José narrou que, no primeiro ano, como só vieram para a colheita e a lavagem da juta, a produção foi de sete mil e quinhentos quilos de juta; mas que no ano seguinte (1979) foi de pouco mais de onze mil quilos pois a sua família também colaborou com a semeadura

No ano seguinte (1980) o proprietário, que havia convidado a família de Seu José, cedeu uma parte do terreno para eles plantarem a sua própria juta. Neste ponto de sua narrativa, ele não informou a quantidade de juta plantada, sua memória focou nas características físicas deste pedaço de terra, descrevendo com detalhes o formato da restinga onde trabalharam e os tipos de águas encontrados a frente (rio Solimões) e ao fundo (lago).

O ano de 1981 passou em branco na narrativa de Seu José, vindo o mesmo a nos narrar que no último ano desta experiência com a juta (1982) a família também trabalhou com a malva, colhendo uma faixa de seis mil quilos, sem informar, no entanto, quanto foi produzido de juta.

³⁸ É prática muito comum na Amazônia, quando uma família enfrenta dificuldades para realizar a colheita completa do que plantou, em função da enchente, buscar auxílio em famílias vizinhas ou com conhecidos nas cidades próximas. A recompensa para este tipo de auxílio geralmente se dá com pagamento indireto em forma de divisão do produto colhido. Por isso o nome mais comum para esta forma de agir é “meia”, (de metade) com a/as pessoa(as) que vieram em auxílio chamados de meeiros.

Os problemas de saúde de seu pai, somados às dificuldades enfrentadas no trabalho dentro d'água, mais a necessidade de ele e seus irmãos estudarem fizeram com que a família de Seu José abandonasse a atividade da juta/malva depois de 1982 e retornasse para Manaus. Onde todos, depois de um tempo, conseguiram emprego.

Seu José, ainda encontra-se na ativa, desenvolvendo o ofício de mestre de obras em Manaus.

D. Raimundo Ribeiro Printes (1948...)³⁹

Seu Printes, como gosta de ser chamado é o filho mais velho de Dona Maria Vasconcelos, nossa segunda entrevistada. O conheci em um dos eventos mais memoráveis que já tive a oportunidade de participar: a comemoração de cem anos de sua mãe. O fato de estar pesquisando este tema fez com que eu fosse apresentado a ele e da longa conversa que tivemos surgiu a ideia de entrevistá-lo para reforçar e/ou olhar por um outro ângulo as experiências narradas por Dona Maria.

Duas particularidades sobressaem na narrativa de Seu Printes tornando a sua entrevista bastante singular: em primeiro lugar o fato de ter sido o único dos nossos sujeitos a experimentar o trabalho com a juta somente em sua infância com as frases *“Eu era minino”* e *“Não tinha dimensão da coisa”* repetidas com muita frequência. Em segundo lugar, foi o único a apresentar uma visão bastante negativa deste trabalho⁴⁰.

Outro aspecto que tornou a entrevista de Seu Printes, singular, é que ele foi o único dos sujeitos entrevistados a ter um curso superior, sendo sua narrativa, apesar de apresentar alguns vícios de linguagem bem típicos da região amazônica, permeada por um vocabulário mais aprimorado e por uma análise um pouco mais crítica do episódio.

Seu Printes narrou que trabalhou cerca de dois ou três anos com juta e que aos dez anos de idade deixou esta atividade para ir estudar na cidade de Parintins.

³⁹ Entrevista concedida a mim, em 20 de novembro de 2018, em sua residência.

⁴⁰ Esta duas particularidades serão exploradas com mais detalhes no decorrer do trabalho.

Apesar das imprecisões temporais frequentes, ele foi capaz de descrever com uma riqueza de detalhes o cotidiano do trabalho com a juta e a geografia da região, com destaque para a travessia do Rio Amazonas, com seu pai por ocasião da entrega da juta aos japoneses o que para ele era um espetáculo descrito assim:

...tanto que uma das imagens mais *bunitas* que eu tenho na memória, é muitas vezes quando a gente tava chegando em Parintins o sol *tava* nascendo exatamente do lado que a gente tava saindo; aquela bola de fogo por traz da mata, era uma imagem lindíssima.⁴¹

O ponto onde a narrativa de Seu Printes e de Dona Maria possuem a maior concordância e com relação a imagem do patrão Seu Ryoto Oyama, tido por ele como gente muito boa. Aliás, ele fez questão de acrescentar que, quando criança, a sobrevivência dele se deve a presença de um médico, entre os colonos japoneses, Dr. Toda, que o salvou de uma grave doença, no início de sua vida.

De resto, Seu Printes me apresentou ao universo imaginário da população de Parintins (lendas e religiosidade) e discorreu sobre as particularidades da vida na várzea dos rios amazônicos.

Seu Printes é funcionário de carreira da Caixa Econômica Federal, onde, até a época da entrevista, ocupava a função de gerente.

E. Maria da Daíze Jacaúna Carneiro (1934...)⁴²

Dona Maria, ou "cabocla de Fibra" como foi carinhosamente apelidada. Foi uma das primeiras pessoas entrevistadas por minha colega de mestrado, Mayra Uchôa, que desenvolve uma temática bastante próxima da minha⁴³.

Ela começou narrando que nasceu em uma comunidade chamada Duacá, "pra banda da Faro" como ela próprio afirma. Todavia, não soube explicar se esta

⁴¹ PRINTES, Raimundo Ribeiro. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 20 de novembro de 2018

⁴² Entrevistada por Mayra de Oliveira Uchôa, minha colega de mestrado em 16 de outubro de 2018 na sua banca de venda de tacacá.

⁴³ Mayra também é orientanda do Prof. Dr. Davi Avelino Leal, meu orientador, e desenvolve uma pesquisa acerca das mulheres que trabalharam com juta intitulada "Juteiras da Amazônia: trabalhadoras de juta, trajetórias de vida e mundos do trabalho às margens dos rios da Amazônia (1930-1945)". Em função desta proximidade temática, temos trocado informações e fontes de pesquisas, inclusive entrevistas.

localidade é Paraense ou amazonense. Em seguida, em data que não soube informar, mudou-se para uma localidade próxima a Parintins chamada Igarapé do Boto onde se casou e começou a trabalhar com juta, juntamente com o seu marido. Ao mesmo tempo que não soube informar quando se casou e começou a trabalhar com juta, limitando-se a dizer que fazem 60 ou 70 anos; afirmou que tanto o seu casamento como o início do trabalho com juta ocorreu quando ela tinha 16 anos, que apontam, mais ou menos, para o ano de 1950.

Depois de 10 a 15 anos trabalhando com juta no Igarapé do Boto, Dona Maria e seu marido mudaram-se para Parintins. Os primeiros tempos em Parintins a família se manteve vendendo frutas e verduras, pouco tempo depois ela conseguiu um emprego em uma empresa de beneficiamento de juta denominada Fabril Juta. Um ano depois, esta empresa veio a falência e Dona Maria começou a trabalhar vendendo tacacá⁴⁴, atividade que desenvolver até hoje.

F. Marlene Gonçalves da Silva (1949...)⁴⁵

Natural de Parintins, Dona Marlene morou inicialmente até a idade de 12 anos com sua mãe, de onde saiu para morar em casa de família⁴⁶. Depois de um tempo, o qual ela não soube precisar, retornou a casa de sua mãe, que acabara de ser abandonada por seu pai.

Por esta época, teve duas meninas, ainda morando com sua mãe. Quando tinha a idade de 18 anos, sua mãe recebera um convite para trabalhar com juta em uma localidade denominada de Limão, a jovem Marlene a acompanhou nesta jornada. Ambas foram trabalhar na lavagem de juta, em um local, que segundo sua narrativa tinha bastante gente e uma divisão do trabalho bem feita, haja visto que a

⁴⁴ Tacacá é uma iguaria da culinária amazônica feito com o tucupi que é um líquido amarelado de sabor azedo extraído da mandioca, e no qual se adicionam goma de mandioca, jambu (planta amazônica que provoca uma leve dormência na boca) e camarão. É servido em cuias e preferencialmente acompanhado de pimenta.

⁴⁵ Entrevistada por Mayra de Oliveira Uchôa em 19 de outubro de 2018 em sua residência.

⁴⁶ O hábito de pegar adolescente nas zonas rurais e cidades menores para “morarem” (na verdade trabalharem) em casas de famílias ricas ou de classe média era muito disseminado pela Amazônia até alguns anos atrás. Caracterizava-se como uma forma de se conseguir mão de obra barata ou semi-escrava para o serviço doméstico sobre o pretexto, na maioria das vezes, de acesso a moradia e estudo nas grandes cidades da região.

função das duas era somente lavar e estender a juta, a qual era trazida pelos homens que trabalhavam lá.

Em uma data que não soube precisar, Dona Marlene e sua mãe abandonaram a localidade do Limão e o trabalho com a juta e retornaram a Parintins. Na cidade ela trabalhou em duas empresas de beneficiamento de juta: primeira em uma denominada Caçapava, depois em uma denominada Fabril Juta. No restante da entrevista Dona Marlene se limitou a falar de suas diversões e da vida no interior, não informando o que fez após abandonar a última fábrica.

G. Irenilda Evangelista Garcia (1938...)⁴⁷

“Nascida e criada” em Parintins, Dona Irenilda iniciou sua narrativa falando de um casamento que não deu certo, foi breve, mas que lhe deixou dois filhos. Ao término dele, ela começou a viver de lavagem de roupa, costura e bordado, atividades que desenvolve até hoje. Apesar de lhe proporcionar alguma renda, estas atividades não eram suficientes para a sobrevivência, vindo da ajuda de seus irmão e sua mãe o complemento para o sustento.

Na busca por melhorar sua condição financeira, Dona Irenilda se empregou na empresa de beneficiamento de juta denominada Martim Melo, onde mais tarde se instalou a Cooperativa de Juta - COOPJUTA. Nesta empresa ela foi trabalhar com a classificação da juta⁴⁸. Durante oito anos ela exerceu esta atividade, no fim dos quais, abandonou a fábrica por sugestão de seu mãe - que achava desnecessário ela trabalhar tanto já que seu marido tinha condição de mantê-la.

Em um período que a mesma não soube precisar, mas que durou três anos, Dona Irenilda e seu marido Trabalharam com juta em uma comunidade denominada Valente. Sua função, nesta nova atividade era simplesmente estender e retirar do sol a juta, que trabalhadores de seu marido levavam e traziam para ela.

⁴⁷ Entrevistada por Mayra de Oliveira Uchôa em 18 de outubro de 2018, em sua residência.

⁴⁸ Nas empresas que compravam a juta e a preparavam para as fábricas de beneficiamento, chamadas prensa, se procedia a classificação da juta em uma escala que ia do tipo 1 ao tipo 9. Tal escala tinha como critérios a textura, o brilho e a resistência da fibra sendo a tipo 1 a de melhor classificação e, portanto a mais cara.

Ao término desta experiência, Dona Irenilda e seu marido retornaram a Parintins e a partir daí ela somente trabalhou em casa com costura e bordado.

2. Ingresso no universo da juta.

Para que haja uma compreensão das experiências vividas por nossos sujeitos, é preciso que você, caro(a) leitor(a), tenha ao menos uma noção do que foi a juta e o seu papel na economia da região amazônica, especialmente para os estados do Amazonas e do Pará.

Por trás da história da introdução desta fibra vegetal na região amazônica, se encontra presente o cruzamento de três realidades distintas e, com elas, três situações sócio econômicas completamente díspares:

Primeiro, os estados do Amazonas e do Pará, que passarão as décadas de 20 e 30 do século XX a procura de uma atividade econômica capaz de substituir a borracha, em termos de geração de renda e de arrecadação para a máquina pública. Para isso estes estados foram buscar na fórmula da concessão de terras a estrangeiros uma possibilidade de atrair investimentos e com eles voltar a ter crescimento econômico.

Esta proposta de concessão de terras a estrangeiros fará com que apareça a segunda realidade: a dos japoneses. O Japão, no final do século XIX e início do século XX, se via às voltas com uma população numerosa e uma demanda de terra pequena, piorando gradativamente diante da crescente industrialização. Dentro deste contexto, a busca por regiões em que colonos japoneses pudessem ser aceitos, passa a ser uma das prioridades para as autoridades nipônicas. É em meio a esta busca por terras que a embaixada japonesa no Brasil recebeu em 1926, um pedido formal do governo do Amazonas, para o envio de colonos em terras a serem cedidas a representantes destes povo, para assentamentos de colonos. Assim, iniciará toda uma negociação que terá como figura principal o empresário e político japonês Tsukasa Uyetsuka, e que culminará com a chegada de colonos japoneses em 1929⁴⁹.

⁴⁹ Sobre esta história conferir: ARAÚJO, Carlos. *História da imigração japonesa no Estado do Amazonas*. Manaus: FIEAM, 1995; KAWADA, Takuya. *Histórico da imigração japonesa no estado do*

A terceira realidade que se cruzará nessa história será da agroindústria do café, principal produto de exportação brasileira. O café era exportado para a Europa e os Estados Unidos em grãos, e estes eram embalados em sacas feitas com fibra vegetal, especialmente juta. Cafeicultores e pessoas ligadas a esta atividade, já haviam tentado cultivar juta para baratear os custos com a embalagem do produto⁵⁰.

É em meio ao cruzamento destas três realidades distintas que ocorreu a experiência levada a frente pelo Sr. Tsukasa Uyetsuka, que trará colonos preparados em um centro de pesquisas, criado por ele nos arredores de Tóquio, exclusivamente para este fim (Escola Superior de Colonização, cuja sigla em japonês era Koutaku⁵¹). Estes colonos denominados de koutakusseis, continuaram seus estudos no Instituto de Pesquisas da Amazônia, em Vila Amazônia (Parintins). A ideia de Uyetsuka, segundo Marília Ferreira Emmi (2013)⁵², era com estes colonos preparados, montar uma grande estrutura para receber outros 10 mil colonos. Para gerar suporte econômico a todas estas pessoas, foi escolhido como carro chefe, um produto com grandes possibilidades de adaptação ao clima e solo amazônico e com enorme aceitação e procura no mercado nacional e internacional: a juta.

Desde o início da missão dos koutakusseis, que começaram as pesquisas com a juta. Todavia, este processo de aclimação só logrará êxito graças a persistência e capacidade de observação de um dos membros mais velhos desta comunidade o Sr. Ryoto Oyama⁵³, e somente em 1934⁵⁴, quase cinco anos depois do início do projeto. Nos anos seguintes, o espécime aclimatado começa a ser produzido em escala cada vez maior, até que, em fevereiro de 1937, as primeiras levadas da juta cultivada pelos japoneses eram comercializada na praça de Belém⁵⁵, atraindo de imediato o interesse de empresários, comerciantes e políticos locais. Este produto

Amazonas. Manaus: FIEAM, 1995 e CEHIB, (Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil). *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1992

⁵⁰ Cf. FERREIRA, Aldenor da Silva, *Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)*. 2016. 487 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. p.29

⁵¹ Kokushikan Koutou Takushoku Gakkou

⁵² EMMI, Marília Ferreira. Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira (1850-1950). Belém: Naea/UFGA. 2013. p.192

⁵³ Este episódio rendeu ao Sr Ryoto Oyama o Título de “pai da juta”

⁵⁴ ARAÚJO, 1995, narra com detalhes este feito com um acentuado tom épico, heróico.

⁵⁵ Cf. Ferreira, 2016. p.166

logo vai atrair a atenção da população local que, inicialmente trabalhará para os japoneses como mão de obra assalariada e posteriormente, por terem aprendido muito rapidamente as técnicas de plantio e beneficiamento passarão a cultivar por conta própria, fazendo com que os japoneses passassem de empregadores direto a aviadores destes produtores. Segundo Renan Freitas Pinto, (1982)⁵⁶, foi uma conclusão óbvia dentro de uma ótica capitalista.

A década de 40 do século XX, inicia com a cultura de juta se espalhando muito rapidamente na várzea dos rios amazônicos, especialmente o Amazonas⁵⁷. É dentro deste processo que nossos sujeitos serão atraídos para este novo universo de trabalho que se consolidava.

A partir de agora, te convido a iniciar comigo a análise da entrada dos nosso sujeitos dentro deste mundo de trabalho particular que foi, e é, a juta.

Pedro Mair dos Santos

Seu Pedro iniciou sua narrativa acerca do acesso ao universo de trabalho com a juta, fazendo um retrospecto breve de como este produto chegou ao território amazonense. Segundo ele:

Então veio dois japoneses da Vila Amazonas, se pesquisarem vocês vão entrar aí, da Vila Amazonas. Da Vila Amazonas veia aquela sementezinha, eles plantaram lá. Como a terra é fértil, porque a juta só dá na várzea (que nem melancia), eles tiveram proveito e plantaram um número maior para poder tirar a semente da juta, que ela é pequenininha né, ela é pequenininha. Então os japoneses, veio aquela famosa, olhas os japoneses estão financiando pra quem quer plantar juta né...⁵⁸

Percebe-se aqui com esta narrativa, a certeza de que ele tinha uma noção clara, acerca da origem da juta e de como foi o processo de aclimação deste produto ao solo e clima amazônico. No centro do discurso a convicção de que a várzea regional possibilitou o sucesso deste projeto, e que o cuidado com a

⁵⁶ PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. *Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no Médio Amazonas*. 1982, 187 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia, Política e Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul p.50

⁵⁷ A cultura da juta terá um peso significativo para a economia dos estados do Amazonas e Pará entre as décadas de 1940 a 1980, tendo o seu momento forte entre os anos de 1950 e 1970.

⁵⁸ SANTOS, Pedro Mair dos. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos e Davi Avelino Leal*. Manaus, 16 de abril de 2018

multiplicação das sementes foi o fator primordial. No fechamento da narrativa vem a informação de que se espalhava pela região a conversa de que os japoneses estavam financiando o plantio de juta a quem estivesse interessado.

Ao iniciar a entrevista Seu Pedro fez a seguinte afirmação: “...*eu nasci no ano de 1939, com 6 anos eu comecei a trabalhar em juta, com seis anos eu comecei a trabalhar em juta né*⁵⁹”. A partir daí sabemos que o ano de ingresso da sua família na economia da juta data do ano de 1945. A missão japonesa já havia acabado⁶⁰, os japoneses remanescentes haviam se espalhado pela região e muitos deles estavam trabalhando como aviadores no comércio de juta.

Na seqüência de sua narrativa, Seu Pedro nos apresentou os seguintes nomes e as seguintes informações geográficas:

Então os japoneses estão financiando pra quem quer plantar juta. Dois japonês: Nakajima (*Toshizo Nakajima*) e Syama (*Yoshimi Suguiyama*)⁶¹ Nakajima era o genro e Syama era o sogro, a família dele todinha. Eles vieram morar numa ilha que tem na foz do Rio Madeira chamada ilha Grande né, Ilha Grande, é conhecido de várzea e, nós morávamos numa ilha também que tem de frente da ilha deles chamada ilha do Cumarú , eu não sei se este nome é certo porque uns chamam de ilha da Trindade né, mas a gente só conhece como Ilha do Cumarú . (correções em parêntese minha).⁶²

Apesar da dificuldade em pronunciar o segundo nome, Seu Pedro apresenta com precisão os nomes da maior empresa de comercialização de juta chefiada por nipônicos na área do baixo Amazonas. Nakajima é apresentado em Amazonas 2011⁶³, como o “rei da juta” e um dos principais introdutores de inovações nestes tipo de

⁵⁹ Santos, 2018

⁶⁰ Em KAWADA, 1995, p,21. encontramos a afirmação de que em função da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, ao lado dos aliados (norte-americanos, ingleses, franceses, russos,etc) as relações diplomáticas com os países do Eixo (Alemanha, Itália, Japão) e todos os seus cidadãos presentes em território brasileiro passaram a ser considerados possíveis espiões, muitos deles sendo presos e enviados a campos de concentração. Na Amazônia, os japoneses capturados foram confinados em Tomé-Açu. HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. *A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola*. Brasília: Embrapa, 2016, 2a Ed.,p.64-68, traz as informações de que os japoneses de Vila Amazônia, que não fugiram, foram, presos, enviados para Tomé-Açu e seus bens confiscados, ficando sobre custódia da agência do Banco do Brasil em Manaus, que os pôs a leilão em 1946, sendo arrematados pela Cia, J.G. Araújo.

⁶¹ Os nomes entre parêntesis são correções feitas por mim, baseadas em pesquisa sobre estes imigrantes.

⁶² Santos, 2018

⁶³ AMAZONAS, Associação Koutaku do. *A saga dos Koutakusseis no Amazonas.uma história de pioneirismo, sofrimento, perseverança e SUCESSO*. Manaus, 2011.p.80. De acordo com este texto, a

atividade. Do ponto de vista geográfico, ele informou que a juta já havia chegado com força na foz do rio madeira, aproximadamente uns 350 km do local onde a sua aclimatação havia começado. É bom termos a clareza que uma distância semelhante a esta, a cultura da juta já havia percorrido descendo o Rio Amazonas, dentro do território paraense. Em outras palavras, há pouco mais de uma década da experiência exitosa de Ryoto Oyama, a jicultura já estava espalhada por uma área de aproximadamente 700 km.

Seu Pedro prossegue relatando como o seu pai foi atrás do financiamento dos japoneses: “*Então meu pai morava lá com a família dele e outros parentes. Já que os japoneses estavam financiando e meu pai era **um homem muito trabalhador**, vamos correr lá para financiar, e os japoneses financiavam mesmo né, o plantio de juta*⁶⁴”. A parte grifada (grifo meu), destaca uma característica de seu pai que Seu Pedro repetirá com uma certa frequência ao longo da narrativa. O ser trabalhador⁶⁵, aparece aqui como a condição principal para o ingresso em uma atividade nova. Em outras passagens este termo vai aparecer como se fosse uma condição de existência.

Um último aspecto da narrativa de Seu Pedro que preciso mencionar está na sua justificativa da escolha pela juta quando ele faz a seguinte afirmação:

Você sabe que o pobre, quando vai comprar fiado ele compra mesmo e neste tempo não tinha outra coisa senão uma plantação de milho, de roça, aquela coisa isto é que sempre tive aqui no Amazonas, mas é uma renda muito difícil, com o tempo, quer dizer, roça, milho, estas coisas nunca tiveram um preço bom.⁶⁶

Tem-se aqui uma afirmação que, embora seja curta, nos apresenta uma situação comum vivida por muitos moradores da várzea amazônica, a dificuldade de encontrarem preços adequados para os seus produtos. Neste contexto de poucas

empresa chefiada por Nakajima e Suguiyama “*tinha, em 1948, 12 famílias japonesas e 80 famílias brasileiras produzindo juta para eles*”, ao longo da área produtora de juta. O texto segue afirmando que “*neste ano este grupo conseguiu colher 450 toneladas de juta, equivalente a 2,500 contos a época*”. Uma empresa com um capital bastante robusto.

⁶⁴ Santos, 2018

⁶⁵ “Ser trabalhador” é uma expressão que encontrei com uma certa frequência em muitos dos meus entrevistados. Ficava nítido, nas narrativas deles, que era algo que os identificava, uma espécie de condição ontológica, se aproximando muito do que Hannah Arendt define na sua distinção entre *animal laborans* e *homo faber*, na sua obra clássica, *A condição humana*, 2007 (10ª Ed)

⁶⁶ Santos, 2018

opções de renda extra, a juta se transforma em algo bastante atraente, para a sua família.

Maria Vasconcelos Ribeiro

Com Dona Maria foi realizado duas entrevistas, a primeira em junho de 2018, onde somente eu participei, e a segunda em julho de 2018 que contou com a presença de meu orientador, Prof. Dr. Davi Avelino Leal e de minha colega de mestrado Mayra de Oliveira Uchôa.

Nas duas entrevistas, Dona Maria fez questão de falar, quase que o tempo todo, dos japoneses, em especial do Sr. Ryoto Oyama, destacando seu caráter e a sua cordialidade. Quanto a questão acerca do seu ingresso no universo da juta, ela não tinha memória das motivações e sempre desviou do assunto se limitando a falar da sua faixa etária por ocasião do ingresso nesta atividade.

Na primeira vez que foi perguntada sobre com que idade começou a trabalhar com juta ela se limitou a dizer: *“Há! Não me fale no meu ano que não sei lhe dizer quantos anos tinha⁶⁷”* e acrescentou: *“Naquela época não tinha mesário, não tinha lá. Ninguém sabia quantos anos tinha e nem ia...⁶⁸”* Aqui ela coloca as limitações cartoriais como justificativa para a falta de precisão acerca da idade em que iniciou os trabalhos com juta. Mais adiante, como quem não quisesse me deixar completamente sem resposta, ela acrescentou: *“Era nova, era mulher bem nova, mas muito trabalhadora, eu trabalhei o japonês gostava muito da gente⁶⁹”*. Nesta narração complementar, Dona Maria se limita a informar que, apesar de não saber a idade com que iniciou esta atividade, era bastante jovem na ocasião e complementa com o que, em sua opinião, era o mais importante a me informar: o fato de ser uma pessoa “trabalhadora” e de ter agradado ao patrão com esta característica.

Já prestes a encerrar esta primeira entrevista, Dona Maria me presenteou com esta narrativa:

Assim que ele fez. A primeira vez foi assim. Ele plantou, ele plantou os pés de juta lá pelo interior, noutra interior e quando começou a dar fruta tudinho,

⁶⁷ RIBEIRO, Maria Vasconcelos. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 11 de junho de 2018

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem

ele num tirou, apanhou tudinho, deixou secar tudo e apanhou tudinho pra não perder nenhum caroço. Ele ajuntou todo o caroço daquele semente, daquela juta que ele plantou, ele ajuntou tudinho. Ai foi justamente quando ele comprou esta terra ai de frente de Parintins, pra ele já vim fazer ai ele já fez muito melhor, muito maior.

É! Ele sabia trabalhar mesmo. Ele começou do nada e plantava lá o jutá e de lá ele vendeun pra muita gente. Vende pra muita gente. O caroço, a casca, tudo ele vendia. Porque na casca também, nem que tu bata com garrava, a gente bate com garrafa pra ela saí mas não sai tudo, ainda fica. Pega a garrafa e vai bater (batendo com as mãos), não sei com quê. Bate. Bate, bate aquele monte pra ela caí, cai muito. Ajunta a casca e tudo e vai enchendo nos baldes. Tira a semente. Lá, aquela casca, enchendo o saco, ainda vai jogar e vai nascer muita juta.⁷⁰

Nela pode-se perceber, nas palavras de quem conviveu com o responsável por aclimatar a juta em terras amazônicas, em histórias provavelmente narradas por ele ou seu filhos, um resumo de como se deu a aclimação deste espécime vegetal as terras amazônicas.

A fala de Dona Maria, apresenta por outro ângulo, aquilo que Carlo Araújo, (1995) na nota 25, contou de forma quase épica: primeiro o Sr. Ryoto conseguiu alguns pés, deles tirou as semente e delas conseguir um número maior de pés e, conseqüentemente de sementes e com esta segunda safra de sementes é que ele irá iniciar uma plantação a nível comercial.

A segunda informação relevante é acerca do fornecimento de sementes que, inicialmente também era uma atividade desenvolvida por Ryoto Oyama. Tanto ele comercializava as fibras de juta como vendia sementes e, cascas que continham sementes.

Na segunda entrevista, (com a presença do Prof. Dr. Davi e da colega Mayra) novamente perguntada sobre o seu ingresso no mundo da juta, ela inicialmente nos informou que: “...*eu morava em Parintins. Quando eu vim de Óbidos, eu morava em Parintins. De Parintins fui atravessar o Amazonas pra ir trabalhar com o japonês do outro lado do rio. De frente de Parintins, de frente, em um rio chamado Cumprido⁷¹!*”. Ou seja, o que era relevante para as suas memórias, o que em sua opinião valia a pena ser narrado e passado adiante era o local de onde ela partiu para ingressar no universo de trabalho da juta e o local onde desenvolveu tal atividade. Já quase

⁷⁰ Idem

⁷¹ Idem

encerrando esta derradeira entrevista, ela revelou que foi o ano de 1944 o momento em que iniciou os trabalhos com a juta.

Toda esta questão acerca do ingresso de Dona Maria na realidade de trabalho da juta nos faz lembrar duas frases de Alessandro Portelli, (2016), “...é comum, aliás, que a informação mais importante se encontre para além daquilo que tanto o historiador quanto o narrador consideram historicamente relevante”.⁷², onde se entende que, o que para mim, meu orientador e minha colega era relevante, para ele não era; outros assuntos como o Sr. Ryoto Oyama, por quem ela nutria uma admiração profunda, se configurava como prioridades em suas narrativas. Mais adiante, nesta mesma obra, Portelli nos afirmara: “...a oposição entre memória e esquecimento também é falsa porque o esquecimento é parte necessária da memória...é um trabalho constante de busca de sentido”⁷³. Onde fica reforçado que, o que não se consegue ou não se deseja lembrar, é o resultado de um trabalho de busca de sentido por parte da memória.

José Cordeiro da Silva

Seu José foi o mais direto e preciso em suas informações. Começou dizendo onde trabalhou com juta e por quanto tempo exercera esta atividade: “...é, na Ilha do Paratarí. Oh! Trabalhei pouco tempo: uns quatro anos⁷⁴!”, na sequência ele vai narrar que trabalhou de 1978 a 1982, período em que a jiticultura já começava a enfrentar uma séria crise.⁷⁵ Como dá pra ver, sua experiência foi curta, mas isso não significa que não tenha sido significativa.

Seguindo em sua entrevista, Seu José vai narrar onde fica localizada a ilha do Paratari:

⁷² PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: letra e voz. 2016. p.10

⁷³ Idem, p.47

⁷⁴ SILVA, José Cordeira da. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 05 de agosto de 2018

⁷⁵ Cf. HOMMA, 2016, p.107; FERREIRA, 2016, p.59 e SOARES, Gesiane Tavares. *Sustentabilidade sócio-ambiental: um estudo de caso na cooperativa de fibras vegetais, malva e juta, de Manacapuru no Amazonas*. 2015

Ela fica acima⁷⁶ de Manacapuru. Se eu não me engano é uma ilha que, é tipo um furo pra i pra, não sei se é Ilha do Arraia, não me lembro bem. Tá! Sei que esta Ilha do Paratari, se eu não me engano, é da direita do Rio Solimões. É, de frente a Boca do Jacaré, não tenho muita lembrança disso ai. Faz tempo que, eu não ando pra lá, entendeu. Mas, foi uma coisa muito boa na época que a gente trabalhou!⁷⁷

Algo que merece ser destacado dessa narrativa, é que o município de Manacapuru, onde fica a ilha do Paratari, hoje se configura como o principal produtor de fibras vegetais do estado do Amazona. Tendo ainda um número significativo de produtores rurais cultivando este produto, embora não mais nos mesmos níveis encontrados no passado.

Prosseguindo, Seu José revelou as o que levou a sua família a ir trabalhar com a juta:

Rapaz, a gente tinha uma família muito grande que moravam lá, muito amigo nosso daqui da Compensa, que nos convidou uma época que a gente tava sem trabalho, e tava chegando a enchente, e ele nos propôs, nos propôs, né a, dá de meia. Chegando lá ele ensinou o corte, pra puder colocar de molho feito fileira né. Colocava pau nas ramas, e colocava barro na cabeça do feixe. E num período de oito, doze dias a gente tava lavando, tirando ela. Hoje eu não tenho nenhum vídeo, nenhuma foto pra te mostrar, senão te mostraria.⁷⁸

A situação que vai levar estes conhecidos da família de Seu José a convidá-los a trabalhar com eles é um dos principais desafios que enfrentam os homens e mulheres que trabalham nas várzeas dos rios da região amazônica: a intensidade e velocidades inconstantes da enchente destes cursos d'água. Sabe-se que o ciclo de enchente-cheia e vazante-seca - binômios usados por Antônio Carlos Witkoski, (2007)⁷⁹, - tem até uma certa previsibilidade, enchendo entre os meses de maio a junho e vazando entre os meses de setembro a novembro. Todavia a intensidade e

⁷⁶ É muito comum, na Amazônia, as definições geográficas, que têm como referencial rios e/ou igarapés, o uso dos termos “em cima” ou “embaixo”, tendo o primeiro como referência a localização no rio ,a partir do ponto de localização, a parte que se direciona para a nascente deste curso d'água; e o segundo se refere a parte do rio que se direciona a foz deste curso d'água. “Acima de Manacapuru” se refere a parte de fica depois desta cidade para quem ruma em direção a nascente do Rio Solimões/Amazonas.

⁷⁷ Silva, 2018

⁷⁸ Silva, 2018

⁷⁹ WITKOSKI, Antônio Carlos. *Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus: EDUA. 2007

a velocidade da subida das águas é única a cada ano: tem ano onde esta subida é lenta, gradual, permitindo aos ribeirinhos uma colheita tranquila da produção da várzea; tem ano, porém, que esta subida é rápida e intensa, obrigando estes trabalhadores a ampliar a velocidade da colheita sob pena de perder, ao menos parte da produção. É quando ocorrem estas subidas aceleradas e intensas que o ribeirinho recorre a ajuda de terceiros, e uma das formas mais comuns de isso ocorrer é com a prática da meia.

A meia é uma forma de empregar um número maior de trabalhadores na colheita e posterior processo de maceração, lavagem e secagem da juta, sem ter que dispor de recursos financeiros para isso, pois o meeiro não recebe um salário e sim uma parte da produção, que ele próprio se encarregava de comercializar e obter o pagamento pelo seu trabalho.

De acordo com Manuel Masulo Cruz (2007)⁸⁰, as décadas de 1970 e 1980, especialmente a de 80 foram marcadas por um número elevado de enchentes-cheias acima da média, o que corrobora a situação descrita por Seu José.

Continuando esta narrativa, Seu José descreveu o processo de aprendizagem do trabalho com a juta destacando a rapidez com que aprenderam a lidar com tal ofício, pressa extremamente útil em um momento crucial como aquele.

Na última narração digna de destaque, nestes assunto, Seu José vai nos falar do nome da pessoa que convidou sua família a trabalhar com juta e descrever brevemente a distribuição geográfica do plantio da juta naquela localidade:

...ei que a gente, no primeiro ano que a gente foi pra lá, é, esse senhor chamado, deixa eu me lembrar o nome dele. Era José, se não me engano, o dono de lá, dessa ilha né, desse terreno. E ele plantava tanto na várzea, como no, por traz num lago que ele tinha.⁸¹

Novamente recorreremos a Cruz, que em trabalho desenvolvido com ribeirinhos de comunidades pertencentes ao município de Manacapuru constatou que estes

⁸⁰ CRUZ, Manoel de Jesus Masulo. *Territorialização camponesa na várzea da Amazônia*. 2007. 261f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo.

⁸¹ Silva, 2018

utilizavam, com mais freqüência os terrenos de fundo da propriedade, quase sempre de frente para os lagos pelo fato dos mesmos serem mais apropriados a este tipo de atividade. No caso descrito por Seu José, são utilizados tanto a frente do terreno, voltada para o rio; como os fundos da propriedade, voltado para o lago.

Raimundo Ribeiro Printes

Dos nossos entrevistados, Seu Printes é o único que nasceu dentro do universo de trabalho da juta. Ele é filho de Dona Maria Ribeiro Vasconcelos, a nossa segunda entrevistada. Tanto ele como sua mãe relataram este nascimento em meio a esta realidade.

Dentro do quesito que estamos conversando, caríssimo(a) leitor(a), poderia ser, então, uma entrevista de pouca utilidade, mas Seu Printes serviu como uma espécie de contraponto, ora corroborando, ora apontando para outra direção, à entrevista de Dona Maria. Isto foi feito não para a descoberta de uma “verdade” mas para termos mais elementos de debates na análise da memória.

Dos pontos de divergência entre as narrativas de mãe e filho, um dos mais significativos diz respeito exatamente a posse do local em que trabalharam com juta: enquanto Dona Maria, em vários momentos de sua entrevista, deu a entender que trabalhavam em terras que pertenciam ao Sr. Ryoto Oyama, Seu Printes vai, na passagem abaixo, nos afirmar exatamente o contrário. Segundo ele.

Não, não era nem deles, nem era do meu pai, era assim, terrenos devolutos. Chegava lá, vou ficar aqui, vou armar minha casa. A gente tinha uma casa lá, escolheu o terreno, fulano escolhe um terreno pra lí; todo mundo ia produzindo e nunca vi confusão, pelo menos naquela época. Não sei se pra hoje, se já estão todos, “agora isso aqui é meu” oficial; não sei como é que tá hoje, mas naquela época não era assim, entendeu! meu pai não tinha documento nenhum do terreno e os outros também não tinham. Mas havia uma convivência muito boa e a gente tinha estar, eu era minino, a gente saia pra ir visitar, visita aí, uma aliança, vizinho vinha, ficava na sua casa. então, por questão de terra não tinha conflito, pelo menos naquela época.⁸²

⁸² PRINTES, Raimundo Ribeiro. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 20 de novembro de 2018

A ocupação de terras devolutas é a maneira mais usual dos habitantes da várzea conseguirem uma propriedade, até porque, este tipo de terreno por lei, pertence à União e não pode ser titulado a particulares. Também não é nenhuma novidade a forma como as pessoas tomavam, e tomam, posse de suas terras. O que se destaca desta narrativa, é o fato de ele afirmar que trabalhavam em uma propriedade que era da família, e não dos japoneses.

Um pouco antes de falar da propriedade, Seu Printes fez a seguinte afirmação:

O meu pai começou a trabalhar com os japoneses, com; meu pai e minha mãe trabalharam com o Ryoto Oyama, que foi o “pai da juta” aqui no Brasil. Ele que desenvolveu, ele que experimentou, fez as experiências, deu certo; e outros japoneses também, é que; lá em Parintins, na Vila Amazônia, havia a colônia dos japoneses. então vários japoneses se envolveram na produção, na comercialização de juta. Então o meu pai trabalhou com o Ryoto Oyama, depois tinha o seu Cazuma, minha mãe fala, eu não me lembro do Seu Cazuma...⁸³

Nesta narrativa, além de confirmar que trabalhavam para os japoneses, Seu Printes, informou que os japoneses estavam instalados em Vila Amazonas, portanto, em um outro local distante do terreno da família. Em se tratando desta questão, teremos várias passagens tratando da travessia do rio para ir levar juta a Parintins, o que não sua opinião era a atividade mais divertida que ele fazia. Destas passagens destacamos:

...de forma agradável eu lembro quando a gente ia pra cidade que meu pai levava, a gente saía na canoa, com os fardos de juta né, chegava em Parintins, vendia tudo; depois meu pai tava com grana, aí a gente ia comprar, tá entendendo Era a parte interessante, tá entendendo, era a parte legal,era essa daí. Às vezes a gente ia lá em Vila Amazônia; pra você ter uma idéia, Vila Amazônia era até mais importante que Parintins em termo de comércio.⁸⁴

Além de reforçar a ideia de que os japoneses estavam instalados em Vila Amazonas e de que seu pai e ele iam periodicamente lá ou a Parintins entregar juta, Seu Printes ressalta que, naquele momento, Vila Amazonas era mais importante em termos de comércio do que Parintins.

⁸³ Printes, 2018

⁸⁴ Idem

Em outra passagem, cuja parte dela já foi citada quando falei da vida dele, Seu Printes descreve como se dava a “aventura de atravessar o rio Amazonas e o espetáculo que a natureza lhes oferecia nesta viagem:

Então atravessava o Rio Amazonas, porque a gente tinha que atravessar de madrugada porque a gente precisava cruzar, ir pra Parintins cedo. A gente ia cedo pra Parintins, saia cedo, cedo mesmo, noite ainda, tá entendendo; tanto que uma das imagens mais *bunitas* que eu tenho na memória, é muitas vezes quando a gente tava chegando em Parintins o sol *tava* nascendo exatamente do lado que a gente tava saindo; aquela bola de fogo por traz da mata, era uma imagem lindíssima.⁸⁵

Em um outro grande trecho da entrevista, Seu Printes fez uma descrição de como era a navegação antes do aparecimento dos motores a combustão.

...o motor é agora, o motor é agora. O, a travessia do rio era a vela, e quando tinha a vela, muitas vezes não tinha vela e ia no remo mesmo. Nã época não tinha motor. Hoje não, hoje você não vê mais a vela. Olha Frank (Franco), Parintins era uma coisa interessante; era bacana, era *bunito* rapaz. Você vê, por exemplo em Parintins, ao, eu acredito que umas dez horas, onze horas da manhã, você olhava no rio, umas quatro velas atravessando o rio, quatro ou cinco velas atravessando o rio. Era vela vermelha, vela azul, vela branca, tá entendendo, atravessando o rio. Não tinha a rabeta, hoje você vê é “prarrrrr, pá,pá,pá,pá,pá,pá!

Direto, não tem mais as velas. Isto é a rabeta; naquela época era a vela, o cara metia a vela, o barco corria aqui rapaz, tipo uma voadeira, me lembro...

...eu via que a canoa tinha um buraco bem no meio, quando, no banco da frente, da proa, era forte o banco, reforçado, no meio dele se colocava o mastro da vela, tá entendendo. Era assim, e lá atrás, quem ia segurando a vela, hora soltava a vela, é isso aí: solta a vela, segura, solta...⁸⁶

Sem pretender aprofundar o assunto, posso novamente lembrar Portelli e o seu conceito de escolhas feitas pela memória⁸⁷, pois tanto no caso de Dona Maria como no de seu filho Seu Printes, as suas narrativas demonstraram que suas memórias estavam presas a situações específicas: para Dona Maria o mais importante era as experiências vividas junto aos japoneses, especialmente o Sr. Ryoto Oyama; já para Seu Printes, as experiências mais marcantes ocorreram na

⁸⁵ Idem

⁸⁶ Idem

⁸⁷ Cf. nota 31

travessia do rio Amazonas, em companhia de seu pai, para entregar juta em Parintins.

*Maria da Daíze Jacaúna Carneiro*⁸⁸

Dona Maria trouxe poucas informações mas que são importantíssimas para montagem do mosaico de histórias de vida de pessoas que trabalharam com a juta.

Suas primeiras informações dizem respeito ao local onde se criou: *“Agora vim morar aonde é chamado Boto... igarapé do boto, ali”*⁸⁹. Neste mesmo local ela constituirá família: *“Me criei lá... depois eu me casei com um rapaz daí mesmo, da costa do boto...”*; e ingressará no universo da juta: *“...aí nós moramos lá assim... nós moramos... mas a nossa... o nosso trabalho era in juta”*⁹⁰...

Já quase no meio da entrevista, Dona Maria falará do momento em que trabalhou com juta. Primeiro ela falará da distância temporal: *“...olha de 60... 70... ih lá vai...”*⁹¹” diante da insistência da entrevistadora, que não sequênciamente perguntará com que idade começou os trabalhos na juta ela dirá: *“...quer saber minha idade que eu comecei a trabalhar com juta?... com 16 anos... com 16 anos... aí eu me casei com 16 anos... aí eu fui trabalhar... aí eu fazia tudo isso desde nova...”*⁹².

Diante deste dois conjuntos de narrativas podemos ter certeza que foi o casamento que levou Dona Maria para o mundo da juta. Fechando este assunto ela apresentará a ideia de ajuda um conceito muito presente nas regiões de várzea acerca do trabalho feminino: *“É... É... eu aguentava peso que eu pudesse... carregava... eu ajudava o marido né, naquele a gente trabalhava junto com o marido... é.”*⁹³. Acerca deste assunto Pinto afirmara o seguinte:

Cabe, inicialmente, assinalar a existência de dois tipos de trabalho para a unidade de produção familiar: o trabalho essencialmente voltado para a produção agrícola e o ligado a casa. Ambos estão estreitamente interligados pelo fato de ser a família, enquanto unidade de consumo, que

⁸⁸ Lembrando que as três últimas entrevistas foram realizadas pela minha colega de mestrado Mayra de Oliveira Uchôa e tratam-se de entrevistas um pouco mais curtas do que as minhas, mas que também trazem informações bem relevantes.

⁸⁹ CARNEIRO, Maria da Daíze Jacaúna. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 16 de outubro de 2018

⁹⁰ Carneiro, 2018

⁹¹ Idem

⁹² Idem

⁹³ Idem

vai determinar a quantidade e a forma de trabalho suficiente para suprir as necessidades de sua manutenção.⁹⁴

É senso comum, nas comunidades da várzea amazônica a ideia de que existem os trabalhos fora, ligados a produção agrícola e a aquisição de alimentos (caça, pesca, etc), estes considerados território masculino. Contrapondo a eles temos os trabalhos dentro, aqueles ligados a manutenção da casa e da família: cuidado com filhos, alimentação e limpeza da casa, estes considerados territórios femininos. Mais adiante, Pinto discorrera sobre como é visto o trabalho feminino na roça:

Essa divisão entre o trabalho e o cuidar da casa caracteriza bem os personagens envolvidos nos dois espaços distintos. Se a mulher deixa as suas tarefas domésticas para ir executar tarefas na roça, esta participação não é vista como trabalho, mas como ajuda.⁹⁵

Como se vê na fala de Pinto, o trabalho feminino, em função da mulher ser a responsável pelo trabalho de dentro, doméstico, mesmo estando e pé de igualdade com o masculino não é considerado trabalho e sim ajuda. O que Dona Maria narrou é o que pensam muitas mulheres que trabalham em uma rotina tão estafante como a de seus maridos, mas que não trabalham, só ajudam.

*Marlene Gonçalves da Silva*⁹⁶

Dona Marlene inicia a sua narrativa a respeito do seu ingresso no universo da juta, fazendo uma verdadeira síntese da sua história familiar:

Eu nasci aqui em Parintins... morava sempre com minha mãe... depois...eu morei com a minha mãe até doze anos... aí depois, fui trabalhar na casa de família...depois... aí... voltei morar com a minha mãe, foi no tempo que meu pai deixou minha mãe, aí eu fiquei com ela, nós ficamos com ela...aí... foi crescendo, a juventude, tive duas filhas, a Silmara e a Ilda, aí depois eu fui... minha mãe começou a trabalhar no interior, aí eu acompanhei ela...⁹⁷

⁹⁴ Pinto, 1982. p.124

⁹⁵ Idem, p.126

⁹⁶ Em função do último nome de Dona Marlene, ser o mesmo de Seu José, e o ano da entrevista, também. Para não te confundir, vou por o algarismo 2, ao lado do nome de edição dela, sempre que o usar de forma abreviada.

⁹⁷ SILVA, Marlene Gonçalves da. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 19 de outubro de 2018

Depois de muitas idas e vindas, de trabalhar em casa de família e de ter duas filhas, Dona Marlene, ainda jovem, vai acompanhar sua mãe em trabalhos no interior. Perguntada com o quê a sua mãe trabalhava no interior ela respondeu: “*Ela trabalhava com negócio de Juta também...*”⁹⁸. Dentro da forma de se ver o trabalho feminino na agricultura ela dirá que: “*...é... ela ia lá... que o marido dela trabalhava com juta, ele era empregado, do homem que trabalhava na juta, ele ia lá ajudar, com o pessoal...*”⁹⁹. Novamente o conceito de ajuda é usado para se referir ao trabalho feminino, independente da sua intensidade.

Mas adiante, na narrativa, Dona Marlene nos informará o local onde trabalhou com juta: “*...é... aqui, no... aí no limão...*”¹⁰⁰. Por último vai informar com que idade começou nestes tipo de atividade: “*...eu já era... já tinha idade, tarra com uns 18 anos por aí quando eu comecei a trabalhar...*”¹⁰¹. Desta entrevistada é somente o que pude obter de informações.

Irenilda Evangelista Garcia.

De Dona Irenilda as informações são mais escassas ainda. Duas particularidades estiveram presentes desde o primeiro momento em sua narrativa: a total falta de linearidade na sequência dos acontecimentos e a dificuldade em exercer qualquer tipo de datação. Mesmo assim, temos fragmentos de fala que nos dão uma ideia bem clara de como foi o seu ingresso no universo da juta. No primeiro, ela passará a informação de que trabalhou no interior junto com a sua mãe:

Eu morei no interior única coisa que eu fazia com ele no interior era estender a juta e recolher... mas pro roçado, capinar essas coisas, e a minha mãe me acompanhava ela.. minha mãe era viúva ela gostava de plantar melancia, jerimum, milho, feijão... eu ajudava ela a colher...¹⁰²

⁹⁸ Silva 2, 2018

⁹⁹ Idem

¹⁰⁰ Idem

¹⁰¹ Idem

¹⁰² GARCIA, Irenilda Evangelista. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 18 de outubro de 2018

Do que Dona Irenilda narra neste trecho de sua entrevista, podemos destacar que a sua temporada morando e trabalhando no interior foi na companhia constante de sua mãe e foi com a parte mais leve do trabalho da juta, que é estender a juta depois de lavada. Enfrentar o desgaste de passar várias horas dentro d'água lavando juta não fez parte de sua rotina. Quando ela tinha que exercer uma atividade um pouco mais desgastante, era sempre acompanhada de sua mãe. Outra informação relevante que será retomada com profundidade no segundo capítulo diz respeito ao imenso leque de produtos cultivados na propriedade, se plantava juta, mas também se plantavam uma série de outros vegetais, atividade chefiada por sua mãe mas que contava com o auxílio direto dela.

Outras informação que Dona Irenilda forneceu acerca deste assunto foi com relação ao local onde trabalhou com juta: *"Lá no...é aqui...conhecido como Valente...¹⁰³"* e ainda tentou explicar para a entrevistadora como chegar a esta localidade: *"Aqui entra na boca no limão e tem um braço que entra pra cá assim, quem sobe ali o limão...Ai tem um braço assim... é pra lá! Daqui de casa aonde a gente mora gente gastava uma hora e meia de canoa pra lá! Não era muito longe não...¹⁰⁴".* Pode até parecer difícil, mas para quem é acostumado a andar as distâncias colossais que encontramos na Amazônia, realmente parece perto e fácil de chegar.

Por último ela informou sobre os donos do local onde trabalhou com juta: *"Não... não era comunidade... era um local de um senhor que arrendava as terras pras pessoas trabalharem..Era arrendado.. era da companhia JG...¹⁰⁵".* A Cia. J. G. Araújo se projetava, na época, como uma das mais poderosas companhias comerciais no estado do Amazonas. Foi ela que arrematou toda a estrutura de Vila Amazonas em 1946, que havia sido confiscado pelo governo brasileiro em 1942.

3. O cotidiano de trabalho nos jutais.

Entrar no cotidiano laboral dos sujeitos deste trabalho, caro(a) leitor(a), é adentrar na etapas de trabalho da jiticultura. Nestes ponto, temos dois campos de

¹⁰³ Garcia, 2018

¹⁰⁴ Idem

¹⁰⁵ Idem

visão completamente distinto: de um lado o da academia com os pesquisadores, que como este que vos fala, se debruçaram no universo da juta e seus(suas) trabalhadores(as) tentando extrair informações; do outro lado, temos a visão destes(as) trabalhadores(as) que suportaram a faina de tal atividade econômica.

Estas duas visões em alguns pontos se aproximam, mas em outros se afastam completamente. Tal divergência parece vir da conceituação de trabalho, ou de trabalho diferenciado, explico: os pesquisadores que trabalharam sobre o assunto, estabeleceram uma divisão bem didática do assunto, estabelecendo um processo produtivo variando de 9 a 15 etapas; já entre os sujeitos deste trabalho, o processo de produção da juta varia entre 7 a, no máximo 9 etapas. Quando falei da conceituação de trabalho diferenciado, como fator de explicação, é porque, as etapas a mais citadas pelos pesquisadores, até aparecem nas narrativas destes homens e mulheres, mas como algo corriqueiro, não merecedor de ser notado. Em outras palavras, na academia se colocaram certas atividades que fazem parte do proceder tradicional destas pessoas em qualquer tipo de produção que desenvolvam e, portanto, não merecem ser anotadas. Em uma analogia grosseira, é quase como se tentassem destacar o ato de abrir os olhos ao acordar¹⁰⁶.

Na academia, em três obras¹⁰⁷ vamos encontrar a divisão destas etapas de trabalho com a juta. O primeiro foi o de Janete Gentil,¹⁰⁸ que estabeleceu a seguinte divisão:

1. Preparação do terreno: broca, derrubada, queimada, encoivamento¹⁰⁹;
2. Plantio: laço ou semeadura
3. Tratos culturais: desbastes, capina;
4. Colheita ou corte;
5. Beneficiamento: maceração, lavagem, secagem, enfardamento;
6. Comercialização.

¹⁰⁶ Faço a comparação entre essas duas visões das etapas de trabalho na juta não como o intuito de estabelecer uma valoração entre elas (qual é a melhor), mas de mostrar as diferentes formas de se ver uma mesma realidade. Até porque elas se completam.

¹⁰⁷ Estes não são os únicos trabalhos a pesquisar sobre a juta; mas são os que se preocuparam em proceder a esta divisão do processo de produção da juta.

¹⁰⁸ GENTIL, Janete M. L. *A juta na agricultura de várzea na área de Santarém - Médio Amazonas*. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Série Antropologia, VI. 4, 1988, p.159-165

¹⁰⁹ Em função da prioridade em mostrar este processo pela ótica dos sujeitos desta pesquisa, as explicações de cada um desses termos serão feitas à medida que os mesmos, ou termos similares forem aparecendo na narrativa deles.

Ao todo 6 grandes momentos que, com as suas subdivisões somam 14 etapas. É importante esclarecer que o primeiro momento somente tem todas aquelas etapas em se tratando da primeira plantação. Quando se tratar de um segundo plantio em diante, no mesmo local, só é necessário a capina, e em alguns caso a coivara.

O segundo trabalho a estabelecer as etapas de divisão da produção da juta foi o de Alciane Paiva¹¹⁰, que fez a seguinte divisão:

1. Preparação: broca, derrubada, rebaixamento, queima, encoivramento. Em caso de segundo plantio somente a roçagem;
2. Plantio;
3. Colheita ou corte;
4. Beneficiamento: maceração, desfibramento, secagem, enfardamento.

Ao todo cinco momentos com 11 etapas em caso de primeiro plantio e 7 etapas em caso de segundo plantio.

O último trabalho estabelecer esta divisão foi o de Aldenor Ferreira¹¹¹, cuja divisão foi a seguinte:

Preparação: somente em caso de primeiro plantio: broca, derrubada, encoivramento.

De segundo plantio em diante: semeadura, capina, desbaste, corte, formação de feixes, afogamento para maceração, desfibramento, transporte para o varal, secagem, enfardamento, comercialização.

Em caso de primeiro plantio 14 etapas e em caso de segundo 11 etapas.

Após este breve olhar sobre como o processo produtivo da juta foi visto na academia, te convido agora, caro leitor, a compreender como nossos sujeitos viam este mesmo processo.

Preparo do terreno

¹¹⁰ PAIVA, Alciane Matos. *Agricultura camponesa e desenvolvimento rural/local: um estudo da organização da produção de juta e malva na várzea do município de Manacapuru*. 2009. 130f. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal do Amazonas

¹¹¹ Ferreira, 2016, p.233-243

No item preparação do terreno, tanto a academia como nossos sujeitos concordam que o terreno para o plantio da juta deve ser muito bem preparado. Seu Pedro, nos explica o porquê desta necessidade:

A roça, às vezes o cara não precisa nem coivara; a juta você tem que coivara o roçado bem feito. Você planta com ela em máquina como tô dizendo; fica aquelas pau grosso mesmo aí, você corta tudinho, queima de novo, distoca, tiro o toco, fica limpinho mesmo. Porque como digo, você planta ela em máquina, não é como roça que às vezes o cara cava com a enxada, planta um aqui e outro ali e ela dá. A juta não, o roçado dela a juta ela e bem, é bem feita mesmo.¹¹²

Como se vê nessa passagem, a plantação de juta precisa ser disposta em uma certa lógica, tem que ser bem organizada, diferente da roça¹¹³ que pode ser feita de qualquer forma, sem ordem.

Este preparo tem início assim que as terras que haviam sido inundadas com a enchente começam a aparecer, e ocorrerá de duas formas.

Caso seja a primeira vez que se plantará juta naquele local, o primeiro passo será a derrubada da mata de várzea que ocorre em dois momentos, a broca “...*que corresponde a retirada de cipós, arbustos e árvores de pequeno porte*”¹¹⁴; em seguida a derrubada das árvores de grande porte. Na sequência, alguns dias depois, temos o encoivamento¹¹⁵ e a queima do que restou da floresta, deixando o terreno completamente limpo. Seu Pedro assim descreve esta sequência: “*Baixou, o rio baixa, aí quando sai as terras aí o cara vai e começa a brocar, a brocar como se diz lá na gíria, a brocar, derruba, passa um mês aquele roçado pra fica bem sequinho lá; aí você encoivara.*”¹¹⁶. A coivara somente pode acontecer depois que os troncos, galhos e raízes cortados estão secos, do contrário não pegarão fogo.

Caso aquele terreno já tenha sido utilizado no ano anterior para o plantio da juta, não será necessário a derrubada da floresta assim que as terras aparecerem. Neste caso, só é necessário a capina e a coivara, pois sempre haverá o que

¹¹² Santos, 2018

¹¹³ O termo roça, em boa parte da Amazônia se refere a plantação própria para consumo, especialmente a da mandioca que é o produto principal da alimentação da população local, dela derivando um grande número de subprodutos como a goma (para a fabricação de tapioca) a farinha, a farinha de tapioca, o tucupi, entre outros.

¹¹⁴ Gentil, 1988, p.159

¹¹⁵ Encoivara significa juntar o que restou de uma floresta (troncos, galhos, raízes) para queimá-los.

¹¹⁶ Santos, 2018

queimar, para deixar o terreno completamente limpo. Dona Maria da Daíze assim sintetiza este processo: “...é... como é que a gente fazia o roçado... desde do começo é? ... a gente fazia o roçado.. tacava o fogo...(...) aí a gente ainda ia cuivára , que é cuivára, jogar os paus tudo assim pra fazer o fogo, pra acabar com aqueles paus¹¹⁷”.

Plantio

Uma vez preparado o terreno era a hora do plantio. Hoje, temos a chamada “juta de lama” que é aquele semeado tão logo as águas baixam, com a terra ainda umedecida (origem do termo), com as sementes sendo jogadas de forma aleatória devido à dificuldade de locomoção neste tipo de terreno. Segundo Ferreira, é a forma mais usada pelas pessoas que plantam juta nos dias atuais¹¹⁸.

Nos anos em que o sujeitos de minha pesquisa trabalharam com juta, porém, a única técnica conhecida era a do plantio em série, organizado. Primeiro com o uso de um pau que ia furando a terra para se depositar a semente, descrito assim por Dona Maria Ribeiro: “...ia plantar, pegava um pau, fazia assim, ia furando e ai plantando, ia furando e ia plantando, ia furando e ia plantando assim. Era os carusso¹¹⁹”. Posteriormente, esta atividade ficou mais rápida com o uso de uma máquina conhecido como “Tico-Tico”, inventada pelo Sr. Ryoto Oyama. Dessa maneira, três entrevistados narraram o trabalho com esta máquina:

Seu Pedro:

Esta máquina, é uma maquinazinha manual que a gente faz como aquela que a gente planta arroz, né, já viu aquela que se planta arroz com aquele depositozinho assim né e aquelas duas alças assim e uma língua que fecha e abre né. Esta língua que fecha assim, da plantação, da máquina de juta, ela é preparada pra puxar 12 carocinhos daqueles. No que ela abra assim que ela puxa, ela puxa 12 carocinhos daqueles né, se puxar mais de 12 fica, e aquilo é próprio pra isso mesmo porque é muito pequenininho a semente, né, então pra morrer e coisa...¹²⁰

¹¹⁷ Carneiro, 2018

¹¹⁸ Ferreira, 2016. p.233-234

¹¹⁹ Ribeiro, 2018

¹²⁰ Santos, 2018

Seu Printes: *“Hã, meu pai tinha máquinas, de plantar a semente né, meu pai tinha essas máquinas, ele plantava¹²¹”*.

Dona Maria da Daíze:

...aí a rente ia plantar a juta... a as sementes né... botava na máquina...

Aí a gente comprava uma máquina botava semente na máquina e fazia assim óh, trac trac trac, ia plantando...

é simentinha que jogava na máquina aí a gente ia plantar, ele plantava e eu também plantava... pá. pá. pá. até...¹²²

Cuidados com a plantação

Dois tipos de procedimentos eram adotados para garantir que as árvores de juta crescessem de forma satisfatória: a capina para evitar que o mato tomasse conta da plantação e prejudicasse as plantas e o desbastes, na linguagem técnica ou desfiliação na fala de meus entrevistados. Recorrendo a fala deles/delas vou mostrar como se dava este processo:

Seu Pedro:

Agora depois que ela tá plantada se faz a primeira limpeza né, em um mês, dois meses já está assim alto, depois que ela está já assim com um metro ou dois metros de altura, porque ela cresce muito, você disfilha ela né, tira aqueles filhinhos fininhos assim, tira tudinho pra ela ficar robusta só com aquela toiceiras assim de quatro ou cinco árvore já pra no ponto de corte, senão ela também não presta, ela não desenvolve porque os filho atrasa muito. E estas doze sementes realmente já é pra ficar com aquela coisa assim, o que morrer se aproveita. Então é uma coisa que se tira, se chama disfiliação, você disfilha ela todinha ela cresce beleza.¹²³

Seu Printes: *“Depois tinha que cuidar da juta com muita atenção, porque ela gerava filhotes, e tinha que tirar um filhotinho de perto do outro, transplantar para outro lugar. Aguardar a planta se desenvolver pra chegar no momento da colheita¹²⁴*

”

Dona Maria da Daíze: *“...aí a gente ia capinar... botar no limpo tudo... disfilhar que tinha que disfilhar, ficar só duas alvas, três alvas, tinha que ficar duas alvas e*

¹²¹ Printes, 2018

¹²² Carneiro, 2018

¹²³ Santos, 2018

¹²⁴ Printes, 2018

três alvas...é porque criava mais filho e a gente tirava, ia disfilhar... pra ficar só aquelas três ou duas...¹²⁵

Beneficiamento

É neste momento que vamos encontrar as principais disparidades entre a visão da academia e a de nossos entrevistados acerca do processo de produção da juta. Muitas das etapas enumeradas pelos pesquisadores acima citados, são inseridas dentro de uma outra etapa, como se ela não fosse reconhecida como um trabalho diferente do que eles/elas já faziam.

É nesta fase também, que os produtores de juta necessitarão de uma mão de obra adicional pois o momento do corte coincide com o momento em que as águas dos rios da região começa a subir, estabelecendo um limite temporal para a concretização de todas essas etapas, especialmente o corte sob pena de perda da produção. O depoimento de Seu José ilustra muito bem essa situação: “...*tinha uns amigo nosso daqui da Compensa, que nos convidou uma época que a gente tava sem trabalho, e tava chegando a enchente, e ele nos propôs, nos propôs, né a, dá de meia*¹²⁶”. Sem o convite a trabalhadores adicionais, este amigo de Seu José fatalmente teria perdido parte significativa de sua plantação em função da enchente.

O *Corte* é a primeira etapa deste momento, sobre ele, Seu Pedro inicia nos falando sobre o período ideal para que ele venha a acontecer:

Com quatro meses ela tá pronta pra cortar, que se ela passar de quatro meses fica ruim a fibra fica, não se como é que, perde o peso fica madura, quebra quando a gente põe né quebra muito, então ela é própria de quatro meses, três meses em diante se por acaso tive uma cheia né por que você já pode aproveitar mas o certo dela são quatro meses...¹²⁷

Como se vê nesta narrativa, a juta se chegasse a amadurecer, produziria fibras de qualidade inferior. Essa informação, nos ajuda tanto a entender o funcionamento do calendário de trabalho dessas pessoas, como a dependência que se criou na jiticultura amazonense com relação a sementes. Pois o corte antes da maturação se por um lado produz a fibra com a qualidade desejada; por outro impede a árvore de

¹²⁵ Carneiro, 2018

¹²⁶ Silva, 2018

¹²⁷ Santos, 2018

produzir frutos e conseqüentemente, sementes, para plantios futuros, colocando essa produção a mercê de um fornecimento regular de sementes¹²⁸.

Os sujeitos deste trabalho prosseguem narrando como ocorria o corte da juta:

Seu Pedro:

O principal, você corta esta juta, corta esta juta e põe dentro d'água, faz os fechos, uns fechos grande assim né, a gente faz um fechos que dê um quilo de peso quando lavada, secada né, aqueles fechos a gente calcula para dizer assim, eu corto mil feixes de juta, eu tô calculando mil quilos de juta, a gente já sabe que eles são três palmos e meio assim né, de grossora, três palmos e meio. É uma coisa que não fica tão pesado e fica boa de se manusear, ...

Pois é! Então três metros, três palmos e meio é o essencial mesmo, pelos japoneses. Ela dá depois de lavada, estendida, que ela seca, ela dá um quilo, dá um quilo...

Pois é, ela fica, essa jangada, a gente põe ela dentro d'água, dentro de cinquenta e cinquenta feixos numa jangada. E a gente aí cobre com pau encima para ela ficar no fundo pois se ela fica no sol o sol assa a fibra e aí ela gruda. Então a gente afoga ela, como se diz. Se ficar alguma coisa, então a gente joga um capim por cima, às vezes até terra, né, pra ela ficar, a fibra fica protegida.¹²⁹

Dona Maria Ribeiro: *“Quando era pra lavar a gente cortava, cortava a juta primeiro, fazia os feixos, amarrava todo, afogava n'água. Botava dentro d'água pra afogar ela¹³⁰”*;

Seu José: *“Chegando lá ele ensinou o corte, pra poder colocar de molho feito fileira né. Colocava pau nas ramas, e colocava barro na cabeça do feixe¹³¹”*.

Seu Printes:

...porque ela dependia, a juta depende da água que é importante. Pra poder tirar a fibra da juta é necessário mergulhar depois que ela é colhida, depois que ela é cortada, tem que mergulhar em far...em, em feixes. Aquelles feixes ficam mergulhados por vários dias, né, até amolecer a fibra e depois ser retirada.¹³²

Dona Maria da Daíze:

¹²⁸ Paiva, 2009, p.78, nos traz a informação de que, embora o estado do Amazonas seja o principal produtor de juta no Brasil, esta produção depende totalmente das sementes que são produzidas no vizinho estado do Pará, no município de Alenquer.

¹²⁹ Santos, 2018

¹³⁰ Ribeiro, 2018

¹³¹ Silva, 2018

¹³² Printes, 2018

Aí, quando amadurecia, dois..três meses que ja tava madura a gente ia cortar.. quando estava em terra cortava de...de tesado né... quando estava n'água a gente caia n'água quando com foice, por aqui.. por aqui ia com foíça...

é... com foice... dobrava a juteira aqui e cortava pra poder... ela...

Dipois a gente cortava aquela juta né... aí fazia os feiches né... ia arrumando... arrumando... fazer os feiches assim né (faz o tamanho na mão) amarrava aquele.. fazia os feches né.. amarrava aquela Juta... entendeu como é?

É era grande... ai a gente cortava e fazia os feiches né... aí amarrava.¹³³

Esta sequência de narrativas, embora pareça enfadonha tem o propósito de mostrar, em primeiro lugar que o corte da juta não era algo feito aleatória e sem parâmetros - dos depoimentos citados percebe-se que tanto há um tempo certo para se proceder a esta atividade como existem dimensões tanto para o tamanho das hastes a serem cortadas como do tamanho dos feixes de juta. Em segundo lugar, e aqui retomo a fala de Seu Pedro que informou que essa padronização tinha o propósito de facilitar a contabilidade da produção, tendo cada feixe de juta as proporções que resultassem em um quilo de peso. Ora, como a juta era comercializada por peso, sabendo que cada feixe tem um quilo, e sabendo a quantidade de feixe produzido, tem-se uma previsão clara do lucro da produção. Claro que a classificação¹³⁴ do tipo de fibra vai ter uma interferência direta do valor pago por quilo de juta. E por último, é importante sublinhar, que, enquanto na academia, alguns teóricos enxergam a formação dos feixes, o transporte a água e o afogamento como etapas distintas, os sujeitos desta pesquisa enxergam somente o corte como uma etapa distinta, sendo os demais momento como consequência desta. Alguns ainda vão ver o afogamento como algo distinto, mas sempre dentro da etapa do corte.

A *lavagem*, que vem precedida pela *maceração*, é o momento em que, os homens e mulheres que trabalharam ou trabalham com a juta, procedem à separação das fibras do que outrora foi uma hastes de juta. Por maceração, entende-se processo de fermentação bacteriológica das haste, submersa em água

¹³³ Carneiro, 2018

¹³⁴ Ferreira, 2016. p.242, nos dá detalhes de como funcionava essa classificação e deixa como parâmetro os preços de 2014 por quilo dentro de cada tipo de juta.

para separação da casca que mantém segura as fibras e posterior separação das fibras. Aqui, se encontrar uma situação similar a encontrada no momento do corte: enquanto que na academia a maceração é importante, e entra como mais uma etapa do trabalho; para estes homens e mulheres o importante é somente a lavagem, pois é a atividade feita por eles, a outra é feita pela natureza. Os sujeitos desta pesquisa assim narraram esta etapa:

Seu Pedro:

Aí com vinte dia, você pode tirá ela; já pra lavar. Esses vinte dia ela aguenta até um mês, um mês e quinze ela aguenta por que tu lavar, as vezes tu tá muito aperreado né. As vezes então vinte dia ela tá no ponto de lavar. Se lava ela, bate bem dentro d'água pra sair a casquinha que fica assim, pra fibra fica beleza mesmo, já fica brilhando né!¹³⁵

Dona Maria Ribeiro:

Aí a gente ia tirar pra lavar. Ai pra lavá tirava o pau todo, partia na ponte, que a gente fazia uma ponte de pau, uma coisa, quando nem, n'água mesmo, batia, batia lá, lavava, sacudia tudo. Amarrava a cabeça, fazia assim. Vinha amarrando as cabecinhas, pra depois medir. Eles mediam quantos metros a gente lavava por dia, da juta.

Tirar, tira a fina de lá daquele pau, tira todinho pra lavar, e fica uma beleza, chega fica branca.

Não era só eu não, a mulherada. Hí nos era mulher, muita mulher. No era só alegria cantando, em cima daqueles pau, por aí tudo cantando, fazendo aquele alegria quase tudo mundo. Nós trabalhava o dia inteiro. É!

...ai você vai tirando a fibra, tira toda aquela fibra, batendo com um pau na ponte...¹³⁶

Seu José:

E a água quando tá enchendo ela enche rápido, aí a gente descia pegava aquele monte, ai que encima, encima numa balsa que era um assacuzeiro grande, né, a gente butava pra gente lavar a juta. Então a gente sentava ali encima, os fardos aqui só (assovio) lavando, jogando as, entendeu?¹³⁷

¹³⁵ Santos, 2018

¹³⁶ Ribeiro, 2018

¹³⁷ Silva, 2018

Seu Printes: “*Bater a fibra na água, que ela é batida, pra tirar a casca, e tirar o resto de material mais sólido daquela fibra. Bater, mas bater bem, lavar bem*”¹³⁸”

Dona Maria da Daíze:

A rente ia lavar a juta.. que cama né.. nós ia lavar a juta no roçado.. no roçado... quando fosse de tarde, tinha vezes que a gente levava comida pra comer lá em cima d’água.. lá em cima da ponte... aí quando batia... quando era de tarde a gente botava a juta na canoa... ia botando a juta tudo na canoa e vinha embora pra casa.

Amolecia... bom... dipois de mole, a gente chamava aquilo de jangada , pilha jangada assim.. que elas já tavam mole né... aí a gente pegava botava em cima do pau... fazia ponte de pau assim... e... e... baixava na água sabe... suspendia aquele feiche... aí dai que a gente ia tirar as fibras... sabe como é? Aí Tirar as fibras, rasgava assim, puxava assim pra rasgar ai...

É! É! É! Quando já tava assim sem as cabeças... assim que a gente tirava... a rente batia... n’água pra tirar todas aquelas cascas... toda aquelas cascas... dipois de tirar aquelas cascas... a gente... aí a gente enrolava e ia separando né... que elas já estavam lavadas.¹³⁹

Dona Marlene:

Aí... ia pra beira do rio, lá aonde tem, aonde colocava a juta, empilhava a juta, os homens empilhava a juta, quando tarra mole a juta a gente ia lavar, fazia uma ponte, a gente ficava naquela ponte lá, os outros puxam a juta os feiches da juta, ficava lá, em cima da ponte desmanchava aquele feiche e descascava ela tudinho, assim.. vara por vara sabe?

Aí tirava tudo aquilo, as vezes a gente lavava até... oitenta feiche quando era duas pessoas que lavava numa pia, aí a gente ia lavando, ia batendo.¹⁴⁰

Nessas seis falas, dá pra se ter uma ideia bem clara sobre como ocorria a lavagem da juta, que é exatamente o momento em que as hastes de juta apodrecidas são desmanchadas para daí se separa as fibras da juta. Em todas elas se encontra a necessidade de haver um local para se bater a hastes para a quebra e retirada das cascas da árvore e posterior separação das fibras. Chama a atenção, nos depoimentos de Dona Maria Ribeiro e de Seu José, a presença de um ambiente descontraído em meio a etapa mais insalubre deste trabalho.

A próxima etapa deste processo é a secagem da juta, o que, apesar de ser uma etapa simples, era de importância vital para a qualidade da fibra. Assim, os

¹³⁸ Printes, 2018

¹³⁹ Carneiro, 2018

¹⁴⁰ Silva 2, 2018

sujeitos desta pesquisa narraram esta etapa:

Seu Pedro: *“A gente lava ela dentro d’água; bota pra secá num varal que a gente faz né, um varal alto pra secá.”*¹⁴¹

Dona Maria Ribeiro: *“A gente media tudo aquela juta, estendia, depois ia estender, estende num varal assim, fica todo estendido pra secar, pra secar,”*¹⁴²

Seu José: *“...e você estendia ela num varal. Você faz uma forquilha assim aí você bota uma vara, você escora e joga porque ela tá molhada e tá muito pesada”*¹⁴³

Seu Printes: *“...estender pra poder secar. Secar bem, depois de tar seco ainda tirar algum resíduo que ainda existe”*¹⁴⁴.

Dona Maria da Daíze:

...quando chegava no porto de casa... a ente pegava aquelas... aquelas... aquelas jutas que ja tarra tarra lavada... carregava e botava embaixo do varal.. Varal é os paus que a gente põem assim pra ir jogando as... jogando as jutas cabeças da Juta... que a gente diz né...

Aí ia espalhando... ia espalhando... até secar né...? até secar.¹⁴⁵

Dona Marlene: *“...aí depois, no outro dia a gente ia estender a juta no varal pra enxugar”*¹⁴⁶.

Dona Irenilda: *O rapaz trazia né... o que eu podia estender... tinha dias que eu estendia até 3 toneladas... estendia e tirava... com vento bom com sol bom aí secava rapidinho...”*¹⁴⁷

Mais uma vez me deparei com uma curiosidade na comparação entre a academia e as narrativas dos sujeitos da minha pesquisa. Como você deve ter percebido, caro(a) leitor(a), nenhum deles narra cuidados adicionais no ato da secagem, todos simplesmente narraram o ato de trazer os feixes de fibras molhados e estender em um varal construído para esta finalidade. Quem ainda chega a entrar em algum detalhe particular é Seu José que descreve a necessidade deste varal ser

¹⁴¹ Santos, 2018

¹⁴² Ribeiro, 2018

¹⁴³ Silva, 2018

¹⁴⁴ Printes, 2018

¹⁴⁵ Carneiro, 2018

¹⁴⁶ Silva 2, 2018

¹⁴⁷ Garcia, 2018

bem resistente em função do peso da juta molhada. Por outro lado, os três pesquisadores citados acima¹⁴⁸, falam do tempo, necessário para a juta ficar neste varal e a vigilância que deve ser mantida em caso de chuvas, muito comuns na região, para impedir que as fibras em processo de secagem venha a ser molhadas, pois isso comprometeria a qualidade delas. Paiva chega até a citar a importância de se estender a juta pela manhã evitando de se fazer isso pela parte da tarde pois o excesso de sol pode ser prejudicial a ela.

Diante das poucas pistas que a memória destes homens e mulheres forneceram, sou induzido a pensar que, a ausência de um detalhe que para a academia é vital, não se dá por desconhecimento do mesmo, e sim, por tratar-se de algo tão banal, que não mereceu ser citado por eles.

A penúltima etapa é chamada de *enfardamento*, e consiste na preparação da juta, já pronta para a comercialização. Segundo Gentil¹⁴⁹, “...as fibras são reunidas em fardos de 60 a 70 kg”. Vou novamente te mostrar como os sujeitos desta pesquisa descreveram este momento:

Seu Pedro:

Quando tá bem sequinha você tira ela e enfarda, enfarda ela. Enfarda é uma coisa assim, no chão, uma vara, bota ela pra lá, bota pra cá, vira, vira pra fica um fardo só num tamanho, com as amarras por dentro. Daí você amarra aquilo, chega fica mesmo parecendo uma prensa né. Também não se faz fardo grande. Eu fazia fardo com meu pai de cinquenta quilo, sessenta quilo.¹⁵⁰

Dona Maria Ribeiro: “...fica todo estendido pra secar, pra secar, pra depois *ajuntar*¹⁵¹ ela pra fazer os fardos. Os fardos já seco”. ‘Ai você vai só amarrando a cabeça, fazer os fardos, fazer os fardos amarra as cabeças e vai fazendo os fardos’.

Seu José:

Quando ela tá enxuta, você vai fazer o fardo: você tira umas tira, faz tipo uma corda, três corda, aí você pega ela e vai dobrando, faz duas dobra vai uma pra outra pra cá e outra pra cá, aí depois você vai enrolando, e amarra, e faz os fardos que chamavam né, num sei como é hoje!¹⁵²

¹⁴⁸ Gentil, 1988, p.164, Paiva, 2009, p.82 e Ferreira, 2016, p.240-241.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ Santos, 2018

¹⁵¹ Ribeiro, 2018

¹⁵² Silva, 2018

Seu Printes: “...depois de tar seco ainda tirar algum resíduo que ainda existe.
*Enfardar*¹⁵³.”

Dona Maria da Daíze:

...de enxuta a juta... aí a gente botava no armazém, sempre tinha barracão assim pra gente botar separado... lá! lá tava a juta lavada... aí a gente ia fazer o fardo da Juta... ia enfardar aquela juta... aí a gente botava... nos paus assim... pra ir jogando ai ia virando...

É é... ai ia virando aquelas dobras quando já estavam assim numa boa altura ai a gente amarrava e mandava ai ja era pra ir pra venda...¹⁵⁴

Tanto Seu Pedro como Dona Maria da Daíze explicam com detalhe o processo de montagem dos fardos que se dá a partir de um pedaço de madeiro posto no meio do montante de juta com dobras tanto de um lado como do outro para depois ser amarrado no meio, conforme nos informou Seu José.

A partir deste momento, a juta já está no ponto de ser comercializada, só a espera do comprador passar, ou, quando era possível, ser levada até os locais de compra. Esta última etapa nos foi descrita assim:

Seu Pedro:

...o japonês financiava. Era o patrão como se dizia no seringal. O patrão, você trabalha exclusivamente pra ele. Mas quando é no tempo da juta, há mas aparece muito comprador! Deu nos livre. Ai o cara oferece tantas das coisas, mas só na hora quando já está colhido. É você vê um motor atrás do outro oferecendo preço melhor e não sei o quê e tanta coisa.¹⁵⁵

Dona Maria Ribeiro: “...fazer os fardos, fazer os fardos amarra as cabeças e vai fazendo os fardos. Ai você bota na costa, vai vender e pega dinheiro (risos)¹⁵⁶”.

Dona Marlene: “...aí os homens que empilhavam a juta, não era a gente que... eles pegavam a juta, empilhavam lá, depois vinha pra cidade que era pra vender...

¹⁵⁷”

¹⁵³ Printes, 2018

¹⁵⁴ Carneiro, 2018

¹⁵⁵ Santos, 2018

¹⁵⁶ Ribeiro, 2018

¹⁵⁷ Silva 2, 2018

Mesmo sem se deterem muito nesse assunto, nossos sujeitos permitiram a percepção de duas formas de comercialização da juta. A primeira, para quem morava distante das cidades onde se comprava juta para beneficiamento (Manaus e Parintins, no estado do Amazonas), que é o estabelecimento de intermediários que financiavam a juta para depois comprar a produção, muito embora isso não impedisse o aparecimento de outros compradores no período da safra. É o que percebemos na narrativa de Seu Pedro. Já a segunda forma de comercialização da juta, para quem morava próximo a Manaus ou Parintins onde não apareciam estes intermediários. Neste caso, os produtores tinham que trazer a juta produzida até as cidade, como nos narrou Dona Maria Ribeiro: “...*bota nas costas, vai vender e pega dinheiro*”¹⁵⁸.

Uma vez descrito todo o processo de produção da juta na várzea amazônica te convidado a analisar algumas particularidades da rotina dos sujeitos desta pesquisa para conhecermos melhor a realidade deles dentro do universo de trabalho da juta.

A primeira particularidade diz respeito a quantidade de pessoas que o serviço da juta necessita, para as fases que vão do corte à comercialização e Seu Pedro informou o seguinte:

...ele começou, ele trabalhava com vou dizer, só, só pagando gente, né, só pagando gente né porque, como digo o serviço da juta depende de gente.

Eu cansei de como diz de cortar juta até só mas é muito sacrifício. É umas três pessoa ou quatro pro pessoal não se aperrear como digo: tem que cortar, tem que lavar, tem que estender, tem que enfardar. Então é uma tarefa assim de quatro pessoa, pra não digamos, perder.¹⁵⁹

Como já foi visto em outro momento, deste trabalho, o corte da juta tem início no momento em que a enchente tem início, tendo tempo como um fator de pressão obrigando quem plantou, em caso de enchentes rápidas a contratar mão de obra adicional para, “...*não perder*” como disse Seu Pedro. Nesta narrativa, encontramos um número mínimo de 4 pessoas por quadra de juta plantados, para que o serviço possa fluir de maneira satisfatória.

¹⁵⁸ Ribeiro, 2018

¹⁵⁹ Santos, 2018

Na sequência dessa narrativa, ao falar das pessoas que seu pai contratava Seu Pedro fez a seguinte afirmação: *“Mas aí meu pai pagava o pessoal de fora. Vixi Maria, vinha mulher trabalhar. Lavar juta é serviço pra mulher fazer¹⁶⁰”*. Penso que deves ter percebido, caro leitor, que todas as mulheres entrevistadas participaram da etapa da lavagem da juta. Algumas como Dona Marlene trabalharam somente com isso. A narração de Seu Pedro então, vem confirmar esta ideia de que a lavagem da juta é um serviço feminino, talvez por ter algum tipo de analogia com a lavagem de roupa. É claro que vamos encontrar muitos homens lavando juta, como no caso da família de Seu José, mas, quando tinha mulher na plantação de juta esta tarefa era primordialmente delas.

Em se tratando de trabalho feminino, Dona Maria da Daíze, nesta narrativa: *“É... eu aguentava peso que eu pudesse... carregava... eu ajudava o marido né, naquele a gente trabalhava junto com o marido... é...¹⁶¹”* vem reforçar a ideia já conversada em outro momento de que o trabalho feminino, independente da sua intensidade, é classificado como ajuda. Todas as mulheres que trabalharam na juta, eram vistas como pessoas que ajudavam seus maridos, pais ou irmãos; nunca como trabalhadoras iguais a eles.

E neste ambiente, em meio a correria para cortar e lavar a juta *“...para não perder”*, as mulheres ainda têm que manter as responsabilidades domésticas como nesta fala de Dona Maria da Daíze: *“...nós ia lavar a juta no roçado... no roçado... quando fosse de tarde, tinha vezes que a gente levava comida pra comer lá em cima d’água... lá em cima da ponte¹⁶²”*. Ou seja, mesmo lavando juta, elas ainda tinha que se preocupar com as refeições.

Voltando a falar do processo de produção da juta, Seu Printes nos fala da necessidade de ter um estrutura de apoio no momento da retirada da juta de dentro da água: *“Depois pra tirar tinha que ter um, uma, peste, uma tora de madeira, ou uma espécie de estrado para a pessoa se apoiar e tirar a juta de dentro d’água¹⁶³”*. Nas narrativas das mulheres entrevistadas e de Seu José já temos alusão a uma ponte ou uma tora (tronco) de madeira, especialmente da espécie denominada de

¹⁶⁰ Idem

¹⁶¹ Carneiro, 2018

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Printes, 2018

assacu que é a madeira mais usada na confecção de flutuantes, trapiches (portos) e outros locais de presença humana dentro d'água. A narrativa de Seu Printes somente corrobora estas falas.

Para que você tenha uma ideia de como era um dia normal de trabalho dentro desse universo de produção da juta, dois dos nossos sujeitos Seu Pedro e Seu José, apresentaram uma descrição detalhada de como era a rotina neste ambiente:

Seu Pedro:

...a gente trabalhava normal. Pegava 7 horas, 7 e meia, até 8 horas, porquê a juta mais a gente trabalha dentro d'água. Às vezes um dia de inverno, chovendo assim, ninguém tinha coragem. Agora o cara tem que ir, pode chover como não, senão o cara perde. Não dá pra dizer assim: “há, tá chovendo, não vou”. O certo é sete e meia, oito horas. Larga assim onze e meia, almoça. Então é normal, um trabalho normal, parava sábado. As vezes eu trabalhava domingo porque meu pai me castigava, não guardava domingo. No Testemunha de Jeová não se guarda domingo. As vezes eu ia pra uma festa e chegava meio assim aí ele diz vai trabalhar. Curava a ressaca trabalhando. Mas eu com diz as pessoas trabalhavam, é um trabalho normal, na semana e o horário padrão.

...a gente larga até mais cedo, conforme o tempo, né. Quando não eu cansei de largar de noite, não enxergava mais nada (risos). Largava da juta e ainda ia botar espinel pra pegar tambaqui, só chegava em casa de noite. É por isso que meu pai sentia muita falta de mim porque meu pai não pescava e eu era o homem, como diz o pessoal, graças a Deus!¹⁶⁴

Este horário “*normal*” de trabalho descrito por Seu Pedro, possui um diferencial muito grande com relação a outras atividades desenvolvidas na várzea: a imposição do cumprimento de todos os dias de trabalho em função do “*risco de perda*” já descrito anteriormente. Em função disso, mesmo em dias chuvosos, o trabalhador se sentia obrigado a trabalhar. Em meio a esta descrição, ele também vai narrar particularidades da religião de seu pai, como a não obrigação do respeito religioso ao domingo, muito comum em uma região de predominância católica. Este comportamento religiosos diferente, segundo Seu Pedro, foi muitas vezes utilizado por seu pai como uma forma de puni-lo por ir às festas de sábado à noite.

Ao mesmo tempo que fala da normalidade desta rotina diária de trabalho, Seu Pedro descreve as inúmeras vezes em que largou o trabalho muito depois do horário ideal, a noite, quando o mesmo “*não enxergava mais nada*”. Nesta mesma

¹⁶⁴ Santos, 2018

narrativa, ele ainda vai descrever um outro componente da realidade destes homens e mulheres: a necessidade de encontrar tempo para buscar o seu sustento na natureza: *“ainda ia botar espinhel para pegar tambaqui”*. Tal realidade encontrada nas entrelinhas do depoimento de todos os nossos sujeitos.

Seu José, o outro dos nossos sujeitos que descreveu também essa rotina diária, assim nos narrou:

...seis da manhã ao meio dia, de uma a seis da tarde. Ninguém parava, quando tava partando, a tardezinha a gente trabalhava pra afogar, as vezes ia até às sete da noite. Afogar que eu quero te dizer é, as leira, na beira d'água, se pegava pá e botava os feixes de juta já lavada e botava n'água pro rio ir enchendo e ele sempre fica ali né. E, era esse o nosso, ninguém tinha sábado, num tinha domingo, num tinha feriado. Uma hora dessa¹⁶⁵ tava se virando, tempo de duas horas da tarde, três da tarde, tava virando juta pra enxugar.¹⁶⁶

Mais uma vez tempo a descrição de uma rotina normal de trabalho mas que traz junto com ela o imperativo de um tempo que não pode ser perdido, de modo a poder aproveitar tudo que foi plantado - *“não perder”*.

Seu José ainda vai nos narrar duas outras particularidades deste trabalho. Primeiro, os cuidados adicionais que se deveria ter com a juta pronta, armazenada descrito assim: *“...a gente fazia o fardo e deixava dentro de casa, armazenado. Não podia molhar, que se molhasse a gente tinha prejuízo. É, eles iam querer descontar, alguma coisa”*¹⁶⁷. Além de todo o trabalho descrito anteriormente, quem produzia juta ainda tinha que ter o cuidado para que nenhum tipo de umidade pudesse alcançar os fardos armazenados de juta, para que não se perdesse nada da qualidade do produto o que acarretaria perda na classificação e conseqüentemente, no preço.

Essa rotina, apesar da imposição do tempo, já bastante comentada, ainda possibilitava espaço para o lazer ilustrado nesta fala de Seu José: *“A gente fazia de tudo pra acabar cedo pra nós jogar uma bolinha. Como tinha um capo grande lá, a*

¹⁶⁵ Seu José foi entrevistado em um domingo, por volta das 13h.

¹⁶⁶ Silva, 2018

¹⁶⁷ Idem.

*gente jogava bola!... O velho ficava meio putó (risos) mas a gente sempre dava um jeito de jogar bola!*¹⁶⁸.

Estes dois sujeitos, também narraram o calendário anual de trabalho com a juta:

Seu Pedro:

Quem conhece diz que a juta só dá na várzea né. Só dá na várzea. E a várzea vai no fundo quando sai né, você faz o roçado no mês de agosto, setembro, em outubro você tá plantando ela. Ai tem, outubro, novembro, dezembro, em janeiro você já começa a colher ela, porque a sa sempre termina em maio ou em junho, termina. Nestes mês tudo a gente fica trabalhando, cortando, né; afogando.¹⁶⁹

Seu José:

...É, durante o ano, que você trabalha na juta, você trabalha um período de quatro, quatro meses, cinco meses. Três a quatro meses direto!

Não, ninguém trabalhava o ano inteiro não. É, quando, chegava a época do corte, é mais ou menos um mês, um mês e meio cortando juta, lavando estendendo. Porque a água vem enchendo, ela vai, tá. É no período da enchente. No período da vazante, você vai e... Você vai, samea ela, aí você tem que limpar, limpar. Ai, no período da enchente você vem cortando plantado, botando de molho e lavando depois.

...é, o período pro rio descer, que é seis meses, né. É seis meses. Nesta época você está esperando o rio descer. Quando ele desce você começa a samear a juta!¹⁷⁰

Nestas duas narrativas, que fecham este primeiro capítulo, fica bem claro o período em que se planta e cuida do plantio da juta e o período em que se corta e beneficia esta fibra. Estas duas falas ilustram um calendário que tem como seu principal elemento de definição os ciclos de enchente-cheia e vazante-seca. Seu Pedro descreveu os meses em que estes ciclos ocorrem, mas é bom sempre lembrar que a cada ano a velocidade tanto da subida como da descida das águas e a intensidade como eles ocorrem, possuem uma enorme variação. Temos então, uma rotina planejada por estas pessoas, baseadas em anos de experiência no trato com a várzea, mas com uma presença marcante da natureza, como fator de

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ Santos, 2018

¹⁷⁰ Silva, 2018

decisão para a composição destas datas. No próximo capítulo te convido a conhecer melhor o vegetal chamado juta e a sua relação com o ecossistema da várzea e com a totalidade da economia dos homens e mulheres que viveram e vivem dela.

II. OS DESAFIOS DO CULTIVO DA JUTA NA AMAZÔNIA

1. A juta em meio a realidade amazônica (inserção e convívio com outras atividades)

Caro(a) leitor(a), prosseguindo nesta reflexão, convido você, a junto, analisarmos como se deu e o que significou a inserção da juta em meio a realidade da várzea amazônica. Novamente, nosso referencial será as narrativas dos sujeitos desta pesquisa, que também serão comparadas as afirmações da comunidade acadêmica acerca do assunto.

Quero iniciar esta parte a partir de três falas de Seu José que traduzem de forma resumida o que significou a juta para estas pessoas:

...era o trabalho mais intenso, trabalho mais intenso.

...dá, dá pra viver da juta quem tem força de vontade e, muito sangue no olho porque é perigoso.

Então é isso aí, a juta é uma coisa boa. Se eu tivesse é, por exemplo, saúde, e um terreno bom, acho que até hoje eu taria nela.¹⁷¹

Na primeira, ele afirma que o trabalho com juta é intenso, o que se pode traduzir como uma atividade que necessita de um grande volume de esforço físico para ser realizada. A segunda afirmação além de reforçar a primeira ainda

¹⁷¹ SILVA, José Cordeira da. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 05 de agosto de 2018

acrescenta o ingrediente coragem (“sangue nos olhos”) a este tipo de trabalho. Posso afirmar, a partir do que foi citado acima, que o trabalho com a juta, “*não é pra qualquer um*” utilizando uma expressão local. Era “...*um serviço muito duro*”¹⁷² como afirmou Seu Printes, outro sujeito deste trabalho.

Todavia, ao mesmo tempo que adverte acerca das dificuldades que o trabalho com a juta impõe, Seu José, não somente afirma ser esta atividade uma coisa boa como que “...*dá pra viver*”¹⁷³ dela. Fica claro que foi um produto capaz de produzir um mínimo de riqueza e conforto na várzea dos rios amazônicos, mas que cobrava um preço elevado por eles.

Este paradoxo do que foi, e ainda é, a juta para os homens e mulheres da várzea amazônica, só pode ser entendido em sua totalidade a partir da compreensão do processo de implantação desta atividade na região.

Então, caro(a) leitor(a), de tudo o que foi falado até o presente momento, espero que tenhas compreendido, ou seja, que a juta era um vegetal que não existia originalmente em solo brasileiro, quiçá amazônico. Um grupo de colonos japoneses, chegados ao município amazonense de Parintins (Vila Amazônia), no início dos anos 1930, que vai aclimatar a juta à região¹⁷⁴, experiência contada em detalhes em vários trabalhos¹⁷⁵. De uma experiência de aclimação bem sucedida, a juta vai se

¹⁷² PRINTES, Raimundo Ribeiro. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 20 de novembro de 2018

¹⁷³ Esta expressão local traduz a ideia de que tal atividade é capaz de gerar renda suficiente para uma pessoa ou uma família obterem o mínimo necessário para as suas necessidades básicas e um pouco de conforto.

¹⁷⁴ Os koutakusseis, fizeram parte da experiência de colonização mais bem articulada a ser realizada em terras brasileiras, contando com uma preparação acadêmica dos mesmos desde o Japão e prosseguindo no Brasil. A forma como ficaram conhecidos, faz alusão a abreviação do centro de estudos onde se preparavam em solo japonês, cujas iniciais formavam a frase koutaku. A proposta por trás do envio destes colonos preparados era a montagem da estrutura para receber 10 mil outros colonos japoneses, cujo detalhes desta preparação, entre outros, incluía a organização de atividades rentáveis a esta imensa colônia que se formaria. Como principal atividade rentável estava a juta, que, na época, tinha uma enorme importância e aceitação no mercado.

¹⁷⁵ Dos quais destacamos: AMAZONAS, Associação Koutaku do. *A saga dos Koutakusseis no Amazonas: uma história de pioneirismo, sofrimento, perseverança e SUCESSO*. Manaus, 2011; ARAÚJO, Carlos. *História da imigração japonesa no Estado do Amazonas*. Manaus: FIEAM, 1995; CEHIB (Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil). *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1992; EMMI, Marília Ferreira. *Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira (1850-1950)*. Belém: Naea/UFGA, 2013; HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. *A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola*. Brasília: Embrapa, 2016, 2a Ed. e KAWADA, Takuya. *Histórico da imigração japonesa no estado do Amazonas*. Manaus: Fieam, 1995.

transformar, em um curto espaço de tempo, em uma ótima oportunidade de renda extra para muitos trabalhadores habitantes da várzea, além de uma espécie de redenção econômica e fiscal para as elites econômicas e políticas dos estados do Amazonas e Pará, em meio ao período de baixa renda gerada pela borracha, outrora geradora de riquezas e tributações bem volumosas.

No capítulo anterior, já detalhamos um pouco mais, como se deu este demorado processo de aclimatação. Quero te convidar para analisarmos os elementos que contribuíram para que a juta conquistasse uma imensa área na várzea amazônica em um curto espaço de tempo e como, em 1960, havia se transformado na principal atividade econômica dos estados do Pará e Amazonas¹⁷⁶.

Começamos com a fala de Aldenor Ferreira (2016):

...foi justamente a capacidade de trabalho dos camponeses varzeanos a principal responsável pela grandeza do empreendimento da juta na Amazônia. Eles aprenderam rapidamente a lidar com essa cultura em uma época que inexistiam os serviços de extensão rural na região, aprenderam pelo processo learning by doing.¹⁷⁷

Ferreira afirma categoricamente que foi a imensa capacidade adaptativa e de aprendizagem que fez com que os moradores da várzea amazônica aprendessem com relativa facilidade o processo de produção da juta. Esta afirmação, embora aparente ser simples, é de uma profundidade considerável, pois pesa sobre a população ribeirinha as acusações de indolentes e incapazes de aprender. O próprio termo caboclo, como eles são definidos por muitos, é carregado de uma enorme carga pejorativa. Ao afirmar esta capacidade inovativa e adaptativa destas pessoas, Ferreira contribui para desconstruir esta carga de preconceito. Alfredo Homma (2016) é outro autor que vai enfatizar esta capacidade inovativa e adaptativa das populações da várzea amazônica ao falar do sucesso da lavoura de juta afirmando que *“A inexistência do serviço de extensão rural na época demonstra que os pequenos agricultores não são avessos a inovações, desde que preços e*

¹⁷⁶ PINTO, J. M. 1966. *Aspectos econômicos da juta na Amazônia*. Manaus: INPA, relata que em 1962 mais de 200 mil pessoas dependiam da juta nestes dois estados.

¹⁷⁷ FERREIRA, Aldenor da Silva, *Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)*. 2016. 487 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. p.24

*mercado estejam à sua disposição*¹⁷⁸. Diante disso, fica evidente que, mesmo tendo uma série de outros fatores os quais veremos mais tarde, não dá para desconsiderar o peso da capacidade inovativa e adaptativa destas pessoas.

Voltando a falar dos sujeitos desta pesquisa e do processo de inserção da juta na realidade amazônica, dois deles: Seu Pedro e Dona Maria Ribeiro forneceram depoimentos valiosos acerca de como a juta chegou a região e da sua importância para a economia local.

Sobre a chegada da juta a região, Seu Pedro fez a seguinte narrativa:

Então veio dois japoneses da Vila Amazonas, se pesquisarem vocês vão entrar aí, da Vila Amazonas. Da Vila Amazonas veio aquela sementezinha, eles plantaram lá. Como a terra é fértil, porque a juta só dá na várzea (que nem melancia), eles tiveram proveito e plantaram um número maior para poder tirar a semente da juta, que ela é pequenininha né, ela é pequenininha. Então os japoneses, veio aquela famosa, olhas os japoneses estão financiando pra quem quer plantar juta né.¹⁷⁹

Nesta narrativa é possível encontrar três informações que se complementam: Primeiro de que a juta foi chegando aos poucos em cada pedaço do Amazonas através de vários métodos de divulgação, entre eles a propagação oral, popularmente “boca a boca”, ao afirmar que “*veio aquela famosa*” Seu Pedro refere-se ao fato de que eram as pessoas da redondeza que estavam comentando. A segunda informação relevante é que “*a juta só dá na várzea*”, numa clara definição do ecossistema onde este vegetal poderia se desenvolver. Terceiro, a descrição resumida das várias experiências feitas pelos japoneses em Vila Amazônia com a multiplicação constante de sementes feitas por Ryoto Oyama até obter uma produção em escala comercial.

Em um curto texto, Seu Pedro informou o processo de aclimação da juta em solo amazônico, a versão a que ele teve acesso e em acréscimo, narrou como a juta

¹⁷⁸ HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. *A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola*. Brasília: Embrapa, 2016, 2a Ed. p.85

¹⁷⁹ SANTOS, Pedro Mair dos. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos e Davi Avelino Leal*. Manaus, 16 de abril de 2018.

chegou até a ilha do Cumaru onde ele e seu pai começaram a trabalhar nesta atividade.

Dona Maria Ribeiro, por sua vez apresentou as mesmas informações, só que divididas em etapas. Primeiro narrou a forma como a juta foi aclimatada a região:

...assim que ele fez. A primeira vez foi assim. Ele plantou, ele plantou os pés de juta lá pelo interior, noutro interior e quando começou a dar fruta tudinho, ele num tirou, apanhou tudinho, deixou secar tudo e apanhou tudinho pra não perder nenhum caroço. Ele ajuntou todo o caroço daquele semente, daquela juta que ele plantou, ele ajuntou tudinho. Aí foi justamente quando ele comprou esta terra ai de frente de Parintins, pra ele já vim fazer aí ele já fez muito melhor, muito maior.¹⁸⁰

Vê-se também aqui o processo de multiplicação de sementes feitas por Ryoto Oyama, de um único pé de juta que apresentou as condições ideais até chegar a obter uma quantidade de sementes suficientes para uma produção em larga escala. Processo ocorrido entre os anos de 1934 a 1937.

Na sequência, ela narra o início do comércio de sementes implementado pelo mesmo Ryoto Oyama, além de descrever como se fazia para obter as sementes da juta de forma artesanal:

É! Ele sabia trabalhar mesmo. Ele começou do nada e plantava lá o jutá e de lá ele vendeu pra muita gente. Vende pra muita gente. O caroço, a casca, tudo ele vendia. Porque na casca também, nem que tu bata com garrava, a gente bate com garrafa pra ela saí mas não sai tudo, ainda fica. Pega a garrafa e vai bater (batendo com as mãos), não sei com quê. Bate. Bate, bate aquele monte pra ela caí, cai muito. Ajunta a casca e tudo e vai enchendo nos baldes. Tira a semente. Lá, aquela casca, enchendo o saco, ainda vai jogar e vai nascer muita juta.¹⁸¹

A expressão “*começou do nada*” vem para reforçar o início modesto com a retirada das sementes de uma única planta que foram plantadas nos jardins da casa de Ryoto Oyama, das plantas surgidas desta sementeira foi retirado um número maior de sementes que produziram um número maior de plantas até se atingir a

¹⁸⁰ RIBEIRO, Maria Vasconcelos. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 11 de junho de 2018.

¹⁸¹ Ribeiro, 2018

quantidade ideal para uma plantação comercial. A partir daí ele irá se projetar como cultivador e produtor de fibra de juta e como fornecedor de sementes, e assim foram organizados os primeiros anos da produção da juta.

Um detalhe que fica bem evidente quando comparo essas duas narrativas é o foco: enquanto Seu Pedro centraliza sua narrativa no grupo de japoneses e depois no contexto da chegada da notícia da juta a sua localidade, Dona Maria centraliza sua narrativa na figura de Ryoto Oyama, deixando transparecer a profunda admiração que nutria por esta pessoa.

Na narrativa destes dois sujeitos, aparece em destaque, também, o significado que a juta teve, tanto para eles como para a região e o país. Seu Pedro assim se refere a ela:

Agora a juta vou dizer. Foi uma coisa que desenvolveu muito aqui no Brasil, ela só perdeu por causa da Índia. A Índia vendeu juta mais barato pra parte do mundo, pra locais como Londres os Estado Unidos compravam juta. A Índia forneceu juta mais barata e diz que melhor, uma coisa assim, eu nunca ví, a juta da Índia eu nunca ví, mas que eles trabalham com juta. Foi mesmo que a borracha, a borracha aqui perdeu a economia por causa da desses lugares, é seringal de cultivo, na Inglaterra, na Malásia, que a terra é a mesma daqui. A Malásia é a mesma porcaria daqui, o solo amazonense e eles desenvolveu, que em muitas partes a seringa também não desenvolve e perdeu a economia perdeu a economia da borracha. Até hoje se corta borracha, se vende borracha, mas não foi como antigamente.¹⁸²

Neste trecho, Seu Pedro traduziu o significado econômico da juta para a Amazônia e para a nação brasileira e ainda fez uma comparação entre ela e a borracha, duas importantes atividades econômicas desenvolvidas na região que tiveram o seu momento de euforia seguido de decadência. Não tem como deixar de pôr em evidência, a noção do peso do mercado internacional, em ambas as atividades, fator que serve para reforçar a ideia de que os ribeirinhos da Amazônia não estão alheios ao que acontece ao seu redor como muitos tentam dar a entender.

Dona Maria Ribeiro, falando do mesmo assunto assim vai descrever a importância da juta para a região e para o país:

¹⁸² Santos, 2018

...Muito bonito o trabalho da juta, muito bom, muito bonito e fui um produto que deu força pro brasileiro, muita força, o Brasil subiu naquela época com a força da juta o Brasil cresceu, porque todo mundo trabalhava. Rapaz que veio de lá de Juriti, Juriti no estado do Pará. De lá daqueles lados vinha gente pra trabalhar, vinha de Santarém, vinha do Ceará, desde lá do nordeste vinha gente pra trabalhar.¹⁸³

Posso destacar, desta narrativa o peso econômico que a juta vai ter no período em Dona Maria trabalhou com ela e a força de atração de mão de obra exercida por esta atividade neste mesmo período. Merece destaque a ideia de que a juta “*deu força para o Brasil*”, numa alusão ao comportamento do mercado nacional, especialmente do café (um dos produtos que mais precisava da juta naquele momento), com relação ao desenvolvimento desta atividade econômica na região.

Fechando a primeira parte desta discussão, te peço licença para, em um trecho do trabalho de Ferreira (2016), ampliar o campo de visão e, não somente compreender o contexto da expansão da juta pela Amazônia, como a ter ideia dos demais fatores que também contribuíram para a expansão da jicultura entre os anos de 1940 a 1970:

Os outros fatores que contribuíram para o êxito primeiramente da cultura da juta e depois da malva foram: 1) Como dito, a conjuntura política e econômica favorável à industrialização com a chegada do Estado Novo e a sua política de substituição de importações; 2) a abundância de terras livres e propícias tanto no Amazonas quanto no Pará para o cultivo dessas Tiliaceae; 3) a disponibilidade de mão de obra liberada do monoextrativismo da borracha e acostumada com o trabalho pesado dos seringais; 4) a elevação dos preços das fibras de juta e seus derivados no mercado internacional, ocasionado pelas dificuldades de importação e exportação impostas pela Segunda Guerra Mundial; 5) a capacidade de trabalho dos camponeses amazonenses que aprenderam rapidamente a lidar com a juta, em uma época em que inexistiam os serviços de extensão rural na região; 6) pela presença da indústria em cidades polos como Manaus, Belém, Parintins e Santarém.¹⁸⁴

Além de expor uma análise mais detalhada da conjuntura que levou a juta e posteriormente a malva, a ganharem a imensa projeção econômica que tiveram nas décadas citadas, Ferreira confirma, através destes belíssimo trabalho, as

¹⁸³ Ribeiro, 2018

¹⁸⁴ Ferreira, 2016. p.59

afirmações dos sujeitos desta pesquisa e acrescenta elementos que sozinho eles(elas) não teria condições de perceber. Reitero que o objetivo com tal exposição não é traçar uma comparação entre a academia e os sujeitos desta pesquisa, e sim, complementar informações. Seria até absurdo pretender que pessoas simples tivessem acesso a este conjunto tão amplo de informações. Todavia, não posso deixar de exaltar a consciência que os mesmos possuem da realidade ao seu redor nas narrativas acima citadas.

Fechado esta parte, te convido agora, a realizarmos “um voo panorâmico” pela realidade econômica da várzea amazônica vivida pelos sujeitos desta pesquisa, na qual a juta estava inserida. Começo esta parte com esta afirmação feita por Alciane Paiva (2009):

...Então, podemos estabelecer que os malveiros e juteiros com são especificados, na verdade são os camponeses (agricultores) que numa determinada época do ano cultivam e beneficiam as fibras, sem abster-se de outras culturas, permanecendo na atividade de outros produtos para a sua subsistência.¹⁸⁵

Esta informação, embora aparente ser simples, ganha uma densidade elevada quando se quer refletir sobre a realidade das pessoas que trabalharam com juta e posteriormente com malva. No contexto acadêmico, há entre nós pesquisadores a tentação de estabelecermos conceitos para aquilo que pesquisamos para termos mais segurança em nossas considerações. Dentro desta “tentação conceitual” surge sempre a ideia de os classificar como juteiros. A afirmação de Paiva porém, deixa fragilizada a base para este procedimento, pois, fica claro que os sujeitos desta pesquisa não trabalharam somente com juta, ela foi somente uma das múltiplas atividades desenvolvidas por eles. Provisoriamente, podemos, no máximo chamá-los de ribeirinhos amazônicos que trabalharam com juta. Todavia, considero ser mais apropriado, driblar esta questão conceitual e tratá-los simplesmente como

¹⁸⁵ PAIVA, Alciane Matos. *Agricultura camponesa e desenvolvimento rural/local: um estudo da organização da produção de juta e malva na várzea do município de Manacapuru*. 2009. 130f. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal do Amazonas. p.85

peessoas que trabalharam com juta, ou como venho usando ao longo deste trabalho, sujeitos desta pesquisa.

Uma vez compreendido esta situação recorro a fala de Seu Pedro Mair para mostrar que entre os ribeirinhos, de uma mesma região (o Paraná da Eva) é possível detectar níveis diferentes de envolvimento com a juticultura. O primeiro grupo, do qual a família dele fazia parte, é formado por aqueles que elegeram a juta como a principal atividade econômica conforme narrativa abaixo:

Nós tinha ocasião que tinha dez pessoa trabalhando e quando não tinha estas pessoas, sempre nós éramos quatro, porque, sabe que a mulher no interior trabalha, eu tinha a Maria, a Conceição e a Anita e eu. Com o papai eram sempre cinco pessoas trabalhando né, o tempo todo tinha esta quantia porque era de casa, né...¹⁸⁶

Nesta primeira passagem, é possível perceber que, com exceção de sua mãe, todo os demais componentes da família se envolviam com a atividade. Mas adiante, nesta mesma entrevista, Seu Pedro vai narrar a visita nostálgica feita a um ex-vizinho seu, de nome Lourival, ainda residente no Paraná da Eva, e ao falar do envolvimento dele com a juta fez a seguinte afirmação: *“Ele foi companheiro de pescaria nos lagos, e estas coisas assim. Agora ele não era trabalhador assim com juta. Ele plantava uma bagatela pra se manter. Ele era mais pescador¹⁸⁷”*. Nesta narrativa, é possível se perceber a existência de um segundo grupo formado por aqueles com um envolvimento parcial com a juta. A principal fonte de renda para a família deste seu amigo era a pescaria, embora eles também investissem na juta. O último grupo, pode ser percebido na seguinte narrativa: *“Lá tinha um pessoal lá embaixo que era pescador, não plantava um pé de nada. Aí quando era de tarde lá vem o cara com um tambaqui, ‘Seu João’¹⁸⁸”*. Estas pessoas, que *“não plantava um pé de nada”* tinha na pesca a sua principal atividade econômica e, não se envolveram de forma alguma com a juticultura.

¹⁸⁶ Santos, 2018

¹⁸⁷ Idem

¹⁸⁸ Idem

A partir dessa fala, é possível deduzir que, apesar do peso econômico que a juta teve neste período, e do poder de atração de mão de obra exercido por ela, a mesma não se configurou como uma unanimidade entre os moradores da região ribeirinha, reforçando a necessidade de termos cuidado com as generalizações. Isto também vem de encontro à concepção thompsoniana do “termo ausente”¹⁸⁹, sintetizada na força da experiência humana e na sua capacidade de ação independente do poder da estrutura sobre eles.

Aproveito o momento para reforçar a crítica aos modelos cristalizados de leitura da realidade amazônica que enxergam o morador tradicional da região, classificado genericamente como “caboclo”¹⁹⁰, como um ser indolente e sem capacidade de ação, responsável direto, pelo seu quadro de miséria. Os exemplos mostrados até o momento, servem para encontrarmos entre estas pessoas, uma enorme capacidade de ação, de tomada de decisão e de adequação dos seus processos produtivos a realidade local, decisões muitas vezes tomadas a partir de critérios de escolhas da própria família e não a partir do ordenamentos externos. Encerro este breve e significativo parêntese com este trecho de Talita Lira e Maria Chaves (2016) sobre os sistemas culturais dos ribeirinhos: *“Pode-se afirmar que o sistema cultural dos ribeirinhos possui uma lógica e coerência particular que deve ser mais bem investigada e entendida em outros trabalhos, uma vez que possui uma imensurável riqueza a ela subjacente”*¹⁹¹. Por não ser objeto deste trabalho, um mergulho aprofundado nessa lógica, reforço o convite destas duas autoras para pesquisas mais aprofundadas acerca do assunto.

Apresentado estes diferentes níveis de envolvimento com a juta, vamos retornar ao nosso olhar panorâmico e aprofundar a análise desta realidade múltipla

¹⁸⁹ THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 182

¹⁹⁰ WITKOSKI, Antônio Carlos. *Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus, EDUA, 2007, p.88-92, ao mesmo tempo que descreve o imenso potencial deste ser denominado de caboclo, faz uma reflexão sobre a imensa carga de preconceitos que se encontram por detrás deste termo. Na página 91, citando Câmara Cascudo (1993), afirma ser estes conceitos, fruto de uma literatura branca, de elite, destinada a diminuir as camadas populares. Vai na mesma direção do personagem “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato, apresentado na obra “Urupês” como um sujeito preguiçoso e sem ambição alguma.

¹⁹¹ LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do P. S. Rodrigues. *Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sócio cultural e política*. Campo Grande: INTERAÇÕES, v. 17, n. 1, p. 66-76, Jan/mar. 2016. p. 75.

vivida pelos sujeitos desta pesquisa. Neste ponto, considero mais apropriado trabalhar com o conceito de “...*polivalência quanto às atividades produtivas*” apresentado por Roberta Andrade (2015)¹⁹². Pois, como já foi falado, estas pessoas são trabalhadores da juta, mas também, são trabalhadores envolvidos em muitas outras atividades. Nas entrevistas realizadas, todos fizeram questão de enfatizar que além da juta, desenvolveram outras atividades. Vou te mostrar algumas passagens que enfatizam isso.

Seu Pedro:

No interior, o serviço nosso da várzea. Quando saia aquelas terras era plantar feijão, que o feijão alimenta o ano todo. Você guarda, seca bem o feijão e guarda naquelas latas que antigamente vinha querosene né. Você lava bem aquelas latas, faz uma cortiça de buriti, aquela coisa assim, seca bem, bota o feijão, fica o ano todo belezinha.

Ai se plantar feijão, plantar milho, plantar jurumum¹⁹³, melancia pra comer, macaxeira e a roça também pra não comprar farinha, né. O papai nunca comprou farinha, porque tem gente que mora no interior e compra farinha.

Hi e vi muito e em casa todo tempo era fartura. Muitas vezes o pessoal vinha vender peixe pro papai em troca de farinha...

...eu cansei de matar pirarucu quatro horas da tarde pra ir pra festa tomar gelada, sem um tostão no bolso vou te dizer. Eu digo; “vou matar um pirarucu agora” e eu ia e matava mermo. Matava ele, metade ficava em casa...¹⁹⁴

Nestas passagens, além de descrever brevemente a dinâmica da várzea, Seu Pedro deixa bem claro que, ao mesmo tempo que se preocupavam com o plantio da juta, os moradores da várzea também dividiam o seu tempo com as preocupações em plantar tudo aquilo que seria necessário para a sua alimentação. Além de cultivarem seus alimentos, estas pessoas tinham a preocupação com a conservação dele, haja visto o período de cheia não possibilitar o cultivo de nada, daí a descrição do preparo das latas de querosene para o armazenamento destes produtos. É digno de destaque nesta narrativa a fartura e as reservas de farinha que possibilitavam até mesmo a troca por peixes entre os vizinhos. Um último ponto a ser destacado é o uso do pirarucu como reserva para despesas extras, entre as quais estava inclusa,

¹⁹² ANDRADE, Roberta F. Coelho, *A composição da vida no beiradão do Rio Amazonas: memórias e identidades ribeirinhas*. Manaus, EDUA, 2015. p.124

¹⁹³ Jerimum, ou “jurumum” como diz Seu Pedro, é uma denominação regional da abóbora

¹⁹⁴ Santos, 2018

para ele em sua juventude, a possibilidade de ir a festas. Tal prática, vem de encontro a afirmação de Antônio Witkoski de que a criação de animais pelo camponês ribeirinho (como ele define) é uma espécie de “*caderneta de poupança*”¹⁹⁵, uma reserva para os momentos de necessidade. Analogia semelhante posso fazer com relação ao uso do pirarucu - um dos peixes mais apreciados e valiosos da região - por Seu Pedro.

Dona Maria Ribeiro:

A gente não plantava só o roçado de juta não, a gente plantava tudo estes são. Fazia roçado pro outro lado de terra, fazia roçado, queimava. Coivarava, a gente tinha que coivará, e plantar.

...algumas pessoas eu conheci. Nem tudo! Gente do Ceará. Quem trabalhava com o pau-rosa era Seu Ivon, ele era lá do Ceará, ele e a esposa dele era do Ceará. Ai eles voltaram lá pro Ceará, quando acabou o trabalho...¹⁹⁶

Com dona Maria Ribeiro, além da descrição da necessidade de plantio de outros alimentos, corroborando com a narrativa de Seu Pedro, temos também a alusão a outros produtos explorados na região como o pau rosa. Merece destaque a afirmação de que “...*Fazia roçado pro outro lado*”, que serve para esclarecer que o roçado de juta e o roçado destinado a subsistência tinham que ficar em locais separados. Manoel Masulo Cruz (2007) assim vai descrever esta distribuição do espaço de cultivo de fibras na região de Manacapuru:

Com a introdução da juta na década de 40 do século XX, na várzea de Manacapuru, para atender um mercado nacional/internacional crescente por fibras, os camponeses-ribeirinhos escolheram o fundo da propriedade/posse, próximo ao lago, para organizarem o roçado dessa nova cultura. A escolha desse local, até então não utilizado para a agricultura, se deu em virtude dessa cultura ser colhida (cortada) com a chegada da água, durante o período enchente/cheia.¹⁹⁷

¹⁹⁵ Witkoski, 2007. p. 242

¹⁹⁶ Ribeiro, 2018

¹⁹⁷ CRUZ, Manoel de Jesus Masulo. *Territorialização camponesa na várzea da Amazônia*. 2007. 261f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo. p.58

Tal passagem, além de confirmar a narrativa de Dona Maria, ainda esclarece as razões da escolha dos fundos da propriedade para o plantio da juta. Não tenho como afirmar que tal organização era regra em toda a região, a única coisa que essas passagens me permite dizer é que, mesmo que fossem no mesmo local, a juta e os produtos destinados à alimentação tinham que possuir algum tipo de separação em função da própria dinâmica de produção desta fibra.

Seu José:

E, enquanto a gente tava lavando a juta, a gente butava uma malhadeira¹⁹⁸ pra pegar comida. E a gente pegava lá, tucunaré, aruanã, bodó, essas coisas todas, comida do amazonense.

Café tinha na lavoura, a macaxeira a gente tinha na lavoura né. E o tomate, cebola, essas coisas assim, tudo a gente plantava. A gente tinha um canteiro grande, cebola, ninguém comprava nada disso.¹⁹⁹

Além do já mencionado plantio de tudo o que a família precisava, seu José acrescenta a colocação da malhadeira, enquanto eles estavam na lavagem da juta. Afirma assim, que, enquanto trabalhavam com a juta, estas pessoas não poderiam, de forma alguma descuidar daquilo que era necessário para a sua subsistência. Como a pescaria com malhadeira não necessita de vigilância, foi a opção da família de Seu José, para a aquisição de peixes enquanto se trabalhava com a juta. Nesta narrativa também se destaca, a afirmação de que, até mesmo o café eles tinha na lavoura.

Os demais sujeitos desta pesquisa, vão confirmar o que os três entrevistados anteriores falaram, elencando o que eles plantavam, como nas falas de Seu Printes:

...ele plantava melancia, ele plantava, melão, plantava girimum, plantava é, milho, plantava feijão. Isso e me lembro que a gente plantava, isso aí, tá entendendo. A minha mãe até guardava as sementes de tudo e a gente, pra replantar, né, pra replantar no ano seguinte.²⁰⁰

¹⁹⁸ Espécie de rede de pesca, muito utilizada na Amazônia de formato retangular, que é fixada, estendida em um trecho do rio, lago ou igarapé. Tal apetrecho é mantida flutuando graças a boias presas em uma de suas extremidades.

¹⁹⁹ Silva, 2018

²⁰⁰ Printes, 2018

Dona Maria da Daíze: “A gente trabalhava, plantava milho, plantava feijão, plantava melancia... tudo isso a gente plantava a gente tinha... Canavial a gente plantava...” . E Dona Marlene: “Plantava sim, minha mãe plantava macaxeira...”²⁰¹”.

Dona Irenilda:

...minha mãe era viúva ela gostava de plantar melancia, jerimum, milho, feijão.. eu ajudava ela a colher... pra casa criava muita galinha, lá no interior... se ele não tinha tempo de pescar matava 3 frango até 4 fazia aquelas panelas pra nós pro roçado pros meninos e pra nós ficar em casa...

202

Com a narrativa de Dona Irenilda fechamos o leque de opções que os sujeitos desta pesquisa tiveram, ao mesmo tempo que cultivavam e beneficiavam juta. Além da lista de produtos agrícolas, citado por todos e da pescaria, temos a criação de animais, no caso aqui citado, de galináceos, que, quando não havia peixe, eram a opção para a alimentação.

De tudo o que foi exposto até aqui, espero ter deixado claro a você, caro(a) leitor(a), o quanto é inconsistente e inapropriado classificar estas pessoas como juteiros, pois a juta, além de ter um grau de importância econômica variável de família a família, como nos narrou Seu Pedro, ainda tinha que dividir espaço, na rotina deles (delas) com uma série de outras atividades, especialmente aquelas voltadas à subsistência.

Em se tratando da definição destas pessoas, penso ser este um terreno movediço e instável, pois, em todos estes anos de estudos sobre a realidade amazônica, ainda não se conseguiu chegar a um termo, uma denominação que possa ser aceita de forma unânime por toda a comunidade acadêmica local. Andrade (2015), por exemplo, apresenta a seguinte reflexão acerca da definição e da identidade das pessoas que habitam a várzea amazônica, denominado por ela de “beiradão”:

²⁰¹ CARNEIRO, Maria da Daíze Jacaúna. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 16 de outubro de 2018

²⁰² GARCIA, Irenilda Evangelista. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 18 de outubro de 2018

Falar em identidade é um desafio, haja visto ser considerado este um conceito-armadilha, que abre múltiplas possibilidades discursivas e, por si só, já é suficiente para inquietar diferentes áreas do saber. Este é um conceito que não guarda sobre si um consenso, uma homogeneidade...²⁰³

Como exemplo claro desta afirmação, ao longo desta pesquisa, os moradores da várzea dos rios amazônicos foram definidos como, “camponeses ribeirinhos”²⁰⁴, “Varzeanos”²⁰⁵, além de “moradores do beiradão” como nos diz Andrade e o popular “caboclo”, já comentado anteriormente.

Denison Silvan (2018), em sua tese de doutorado, sintetiza muito bem o local da juta dentro da realidade econômica destas pessoas nesta passagem:

No ambiente laboral pretérito da várzea, o trabalho de cultivo da juta pode ou deve ser classificado como uma atividade alternativa, de complementação ao orçamento doméstico. Dito de outra forma, o juteiro é, na realidade, um agricultor e pescador que ficou mais conhecido por exercer uma atividade econômica que, embora lhe ocupasse muito tempo e para a qual direcionasse extraordinária energia física, não era o seu principal ganha-pão.²⁰⁶

Portanto, encontro-me no dever de refutar a ideia de que estas pessoas viviam da juta, tal atividade terá um peso significativo em suas organizações econômicas, mas na categoria de economia complementar. Posso afirmar que era uma espécie de renda certa, em meio a uma série de produtos que poderiam ou não serem lançados no mercado para venda. Mesmo entre os que priorizaram esta atividade como a família de Seu Pedro, ela nunca se configuraria como a única forma de aquisição do sustento familiar, será mais uma atividade produtiva dentro de um conjunto de possibilidades.

²⁰³ Andrade (2015), p.316

²⁰⁴ Witikoski, 2007.

²⁰⁵ HARRIS, Mark. *Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo*, in. ADANS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006

²⁰⁶ SILVAN, Denison. *Trabalhadores da juta na Amazônia: trajetória de luta, suor e sofrimento*. 2018. 245f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas. p.71

Com as informações apresentadas acima, não pretendo de forma alguma esgotar o assunto mas somente te oferecer uma noção da importância da juta na vida destas pessoas e do espaço ocupado por ela em seus cotidianos e na sua estrutura econômica. Agora, quero analisar contigo uma das realidades mais discutida e classificada no mundo acadêmico acerca do trabalho com a juta: as fases desenvolvidas totalmente em ambiente aquático, os momentos em que o trabalhador passava o dia parcialmente ou totalmente imerso em água.

2. O trabalho dentro d'água: questões de saúde, risco de acidentes e questões culturais.

De todas as etapas de trabalho com a juta, as desenvolvidas dentro d'água (maceração e lavagem) são as que mais provocaram e provocam debates, sejam dentro da comunidade acadêmica, sejam em outros segmentos. No centro da discussão, o longo tempo de permanência dos trabalhadores em ambiente aquático, sujeitos a problemas de saúde, provocados pelo excesso de umidade, contato prolongado com água contaminada, e a acidentes com animais. Em função destes debates, vou iniciar a conversa sobre esta temática elencando o que alguns dos pesquisadores que trabalharam sobre o assunto afirmaram.

Começamos com Paiva (2009), que vai definir a operação de desfibramento como a mais simples em termo de movimentos físicos, mas ao mesmo tempo a mais difícil em se tratando de condições de trabalho, em função do longo tempo imersos em ambiente aquático²⁰⁷. Segundo a autora, esta condição entra no "*indicador de desinteresse*"²⁰⁸ desses trabalhadores diante de tal atividade.

Ferreira (2016), vai descrever como o trabalho dentro d'água ocorria e elencar alguns dos problemas de saúde e risco a segurança que esta etapa da produção da juta provocava ao trabalhador. Segundo o autor:

Essa etapa do processo produtivo é a mais difícil, pois os camponeses ficam com a água acima do joelho e, às vezes, na altura do ombro, cerca de 8 a 10 horas por dia, durante 6 dias na semana. O desgaste físico é uma

²⁰⁷ Paiva, 2009, p. 81-82

²⁰⁸ Idem, p.95

constante, e as doenças muitas vezes aparecem. Eles se queixam muito de gripe, reumatismo, problemas dermatológicos devido à insolação, fungos nas unhas dos pés e das mãos e problemas oftalmológicos. Nessa etapa, há também o risco iminente de acidentes com animais, tais como: cobras, poraquês, araias, formigas e sanguessugas.²⁰⁹

Olhando para esta descrição, não há como não concordar com o que Paiva afirmou acima, pois, por mais que o movimento físico de lavar e separar as fibras da juta seja simples, as condições em que o trabalhador exerce esta atividade são extremamente complexas e insalubres, sendo a primeira vista inevitáveis tanto os problemas de saúde como os acidentes com animais que habitam o ambiente aquático.

Tentando responder como pessoas são capazes de se submeter a uma rotina de trabalho com este nível de desgastes, Ferreira primeiro afirma que estes trabalhadores conseguem dimensionar as condições em que estão trabalhando: *“Eles sabem dos riscos da sua atividade, todavia, poucas coisas podem fazer para evitar os acidentes, apesar de todo cuidado que tomam”*²¹⁰, para logo em seguida falar que não tem como ser de outro jeito pois: *“há um imperativo categórico à sobrevivência – trabalhar é preciso”*²¹¹.

Outro autor que destinou parte do seu trabalho à análise e compreensão da etapa de produção da juta desenvolvido dentro d'água foi Silvan (2018), que vai primeiro tentar entender por quais razões pessoas se submetiam a condições de trabalho tão insalubres. Nesta busca, este autor vai se deparar com a informação de que alguns sentiam prazer ao realizar tal tarefa: *“...Sem os causar surpresa, de nossa experiência de campo emergiu o fator prazer como estando presente nas rotinas de trabalho do cultivo da fibra nas várzeas amazônicas”*²¹². Na tentativa de entender este prazer que o estranhou, este autor irá buscar na psicologia uma resposta para tal situação e irá encontrar a seguinte resposta: *“...passamos a entender o fator prazer no trabalho insalubre e perigoso no âmbito disciplinar da*

²⁰⁹ Ferreira, 2016, p.283

²¹⁰ Ibidem

²¹¹ Ibidem

²¹² Silvan, 2018. p.130

*psicopatologia do trabalho, quadro teórico proposto por Dejour (1992) sobre os mecanismo de defesa psicológica elaborados intuitivamente pelo trabalhador*²¹³.

Mais adiante, Silvan vai proceder a uma análise sociológica do tema e vai chegar às seguintes conclusões: *“Mesmo atualmente, as condições de trabalho da cadeia produtiva de fibra são objetivamente desumanas, degradantes, fato que se deve, em parte, ao atraso relativo da Amazônia em comparação especialmente com as regiões sul e sudeste*²¹⁴. Sendo assim, além das questões de natureza psicológica, existem importantes elementos de natureza sócio econômica a justificar a permanência de uma forma de trabalho tão degradante para a saúde do trabalhador.

Finalizando as suas descobertas, Silvan vai expor os problemas de natureza ergométricas que o trabalho dentro d'água provocava aos trabalhadores:

Além de reumatismo crônico, os juteiros sofriam com os problemas de saúde decorrentes de condições ergonômicas inadequadas, com fortes e frequentes lombalgias devido à postura incorreta durante a lavagem da juta em água barrenta e extremamente fétida em decorrência do apodrecimento das hastes submersas. Com água pela cintura ou acorados na proa de uma canoa, essa fase do processo produtivo era executada por horas a fio sem o devido cuidado com a pressão do peso do corpo acrescido pelo peso da juta molhada exercida sobre a coluna vertebral. Dia após dia, o esforço repetitivo em posição inadequada causava sérios problemas de saúde ao juteiro principalmente em suas articulações e musculatura.²¹⁵

Olhando pela lente com a qual este autor está analisando a realidade, não dá para não imaginar os enormes estragos que o trabalho de lavagem (desfibramento) da juta provocaram nas pessoas que o exerceram, pois contato constante com umidade, naturalmente predispõe a reumatismo e horas a fio trabalhando em posições inadequadas com certeza, levam qualquer pessoa a ter problemas de natureza ortopédica - ergonômica.

Até este ponto, a partir das informações destes pesquisadores, fica a tentação de ver estas pessoas como trabalhadores envolvidos em um dos piores ofícios existentes. Alguns mais exagerados até podem achá-los dignos de pena. Todavia,

²¹³ Ibidem

²¹⁴ Idem. p.163

²¹⁵ Silvan, 2018, p.204

como este trabalho está centralizado na história de vida, de homens e mulheres, que experimentaram esta realidade e a relataram através de entrevistas, quero agora analisar contigo, através do olhar desses sujeitos, como um trabalho com tal nível de desafios e insalubridade foi vivenciado e desenvolvido por eles.

Começarei apresentando as narrativas que ilustram o tamanho da dificuldade em passar um longo período de trabalho imerso - parcial ou totalmente - dentro d'água, e as impressões que os mesmos tiveram deste trabalho; passagens que corroboram em alguns aspectos e em outros se afastam daquilo que os pesquisadores acima citados apresentaram.

Seu Pedro é o sujeito que mais falará do assunto, mas com relação a atividade em si e suas particularidades, sua narrativa se limitará a mostrar o tempo que passava dentro d'água: *"Passava o dia todo às vezes com água por aqui cortando juta e não sentia nada"*²¹⁶. Também será econômico com relação às impressões deste tipo de trabalho afirmando que: *"Eu só gostava de cortar juta dentro d'água e o meu pai às vezes reclamava: "rapaz..." reclamava, mas eu não sinto nada (risos) e graças a Deus"*²¹⁷. Nestes pequenos fragmentos de sua entrevista, fica claro que embora o trabalho, nestas condições, apresente um grau elevado de insalubridade, para ele, esta maneira de trabalhar era agradável. Mais adiante vou te mostrar as motivações de Seu Pedro para gostar tanto de trabalhar dentro d'água. Por hora, vamos analisar a descrição e as impressões dos outros sujeitos.

Dona Maria Ribeiro também será breve na descrição da jornada de trabalho limitando-se a descrever como trabalhava: *"...a gente entrava dentro d'água. Água por aqui, por aqui (apontando pro joelho, depois para a cintura) aonde tivesse água. Trabalho na água, na perna, por aqui, por aqui!"*²¹⁸; o clima que reinava no trabalho neste ambiente: *"Hí nos era mulher, muita mulher. No era só alegria cantando, em cima daqueles pau, por aí tudo cantando, fazendo aquela alegria quase tudo mundo. Nós trabalhava o dia inteiro. É!"*²¹⁹. Por último, vai nos apresentar em dois momentos a impressão deste tipo de trabalho: *"...até hoje eu tenho saudade daquele lugar. Daquele trabalho, eu tenho, até hoje eu tenho saudade, ainda*

²¹⁶ Santos, 2018

²¹⁷ Idem

²¹⁸ Ribeiro, 2018

²¹⁹ Idem

*daquele trabalho, que eu já fiz, já fiz muito trabalho, eu lavava juta o dia inteiro.*²²⁰ e: *“Foi um trabalho que deixou saudade, muita gente, muita gente. Um trabalho muito bom*²²¹”.

Nota-se que Dona Maria Ribeiro descreveu uma situação análoga a narrada por Seu Pedro, ou seja, ao mesmo tempo que ilustra o período prolongado exposto a água e até por onde ficava imersa, ela vai descrever a experiência como positiva, além de fazer questão de demonstrar a saudade que sentia daquele trabalho e daquele ambiente. Não me espantarei se você, caro(a) leitor(a), se achar neste momento, imerso na vontade de entender as razões por detrás da visão positiva de um tipo de trabalho comprovadamente insalubre. Mais uma vez te peço só um pouco de paciência e, no momento certo apresentarei as justificativas destes sujeitos.

Com os outros dois sujeitos que vamos apresentar a seguir: Seu José e Seu Printes, o enredo já terá uma leve diferença com relação às narrativas de Seu Pedro e de Dona Maria.

Seu José iniciará igual os outros sujeitos descrevendo as condições da jornada de trabalho: *“...é, trabalhava muito molhado, vivia todo tempo é, dentro d’água*²²²”. Não sei se conseguistes perceber, mas o tom do discurso dele já apresenta uma sutil, mas significativa diferença com relação aos dois anteriores, pois enquanto os primeiros descreviam esta jornada com uma certa neutralidade não demonstrando sentimento de aversão, Seu José vai descrever o trabalho dentro d’água com um certo tom de crítica. Esta crítica ele vai aprofundar com as seguintes afirmações: *“...era o trabalho mais intenso, trabalho mais intenso*²²³”, onde compara esta fase com todas as outras atividades desenvolvidas por ele e sua família naquele ambiente; *“...dá, dá pra viver da juta quem tem força de vontade e, muito sangue no olho porque é perigoso*²²⁴”, onde confirma a afirmação anterior e sentencia a necessidade de o trabalhador da juta ter muito brio, muita coragem - *“sangue nos olhos”* - para enfrentar tal atividade. No final, ele vai apresentar a seguinte fala que

²²⁰ Idem

²²¹ Idem

²²² Silva, 2018

²²³ Idem

²²⁴ Idem

servirá como uma síntese de tudo que foi afirmado até aqui: “...foi, foi um experiência boa! Tirando a parte da água, o resto²²⁵”.

Fica claro, na forma como Seu José descreve o trabalho com a juta, especialmente o trabalho dentro d’água, como uma atividade capaz de gerar renda e satisfação financeira - “dá pra viver de juta” - mas que apresenta uma carga de dificuldade muito acima daquela enfrentada por outras atividade - “força de vontade e muito sangue nos olhos”. Algo que me faz lembrar uma expressão popular muito usada no Amazonas: “Só para os fortes!”

Para falar de Seu Printes, preciso trazer à tona alguns fragmentos de historiadores orais tais como Alessandro Portelli (2016):

Quando trabalhamos com fontes orais, então, devemos traçar um caminho complexo cobrindo três níveis distintos, mas interconectados: um fato do passado (o evento histórico), um fato do presente (a narrativa que ouvimos) e uma relação fluída, duradoura (a interação entre esses dois fatos).²²⁶

..A memória é mais do um registro de experiência, do que um arquivo de dados: ela é um trabalho incessante de interpretação e reinterpretação e de organização de significados.²²⁷

Michel Pollak (1992)

...a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.²²⁸

Além do trabalho de enquadramento da memória, há também o *trabalho da própria memória em si*. ...Cada vez que ocorre uma reorganização interna, a cada reorientação ideológica importante, reescreve-se a memória.²²⁹

Com estes fragmentos, não pretendo entrar em uma discussão prolongada sobre a história oral e a compreensão da oralidade e da memória. Trago tais passagens para ilustrar, entre os mecanismos da memória, os responsáveis por atribuir outro significado aos acontecimentos. Tal resignificação, que já foi um problema no passado, hoje é apontada como uma das principais riquezas desta

²²⁵ Idem

²²⁶ PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e voz. 2016. p. 18

²²⁷ Idem, p. 159

²²⁸ POLLAK, Michael, *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, vol.5, n.10,1992, p.200-212. p. 201

²²⁹ Idem, p.207

forma de se fazer história. Com Seu Printes, isso não surge como algo que o historiador deveria buscar nas entrelinhas, sua narrativa já deixa claro que o mesmo via a situação de um jeito, quando a vivenciou e que hoje a enxerga de outra forma. Como referencial para a compreensão destas transformações, está a idade com que o mesmo viveu as experiências por ele narradas - infância - e a sua fase atual, na maturidade. Ao longo de sua entrevista, descrevendo o trabalho com a juta, especialmente o desenvolvido dentro d'água, ele irá repetir com uma certa frequência a frase: “...eu era muito minino²³⁰” ou expressões como “...Naquele momento a minha dimensão era muito piquena²³¹”. Mostrando que, por ser criança, no momento em que vivenciou tais acontecimentos, não tinha como compreender direito o que estava acontecendo. Na primeira narrativa sobre o assunto, ele irá exemplificar isso com a seguinte fala:

Era animado, pra mim era até uma diversão, né mesmo. Mas depois vendo o trabalho de um adulto trabalhando, dentro d'água o dia inteiro, se submetendo a condições adversas do, do próprio ambiente, eu vejo isso aí como uma coisa difícil e até comprometedora da saúde do trabalhador, pro futuro, né; pro futuro.²³²

Em outras palavras, no momento em que vivenciou estas experiências, Seu Printes, por ser criança, considerava o trabalho na juta como um todo, como uma diversão. Já adulto, olhando para o que vivenciou, ele tem consciência de que aquela atividade é prejudicial a qualquer tipo de trabalhador. E tal leitura da situação será aprofundada como uma análise sociológica expressa na seguinte narrativa:

Enquanto eles gastavam muita energia, eles recolham pouco do resultado, do emprego desta energia. Então eles eram muito jovens na época. Eu, eu sou mais crítico porque, a gente, crítico no sentido assim de que era um trabalho mais pesado desse trabalho, do trabalho do pessoal que planta roça, do pessoal que planta melancia. Então nós precisamos, a gente precisa valorizar mais o trabalho do campo e pouco, e na época não era valorizado, tá entendendo. O produto era valorizado, mas o trabalho não.

...er mais observado do lado de que o trabalhador fica mais exposto aos riscos, tá entendendo, em troca de um resultado tão pequeno, do trabalho que ele desenvolveu.²³³

²³⁰ Printes, 2018

²³¹ Idem

²³² Idem

²³³ Idem

Nesta passagem, ao fazer um balanço entre os lucros obtidos pelo trabalhador e as condições em que o mesmo produziu, ele afirma ser enorme a disparidade entre estas duas situações, resultando em prejuízo para o trabalhador apesar do que vai conseguir ganhar com tal atividade. Para reforçar sua análise, Seu Printes, faz um apelo crítico, de que o trabalho do campo seja um pouco mais valorizado.

Diferente das impressões deste trabalho, Seu Printes será bastante econômico ao descrever o trabalho dentro d'água em si, limitando-se a seguinte narrativa: *"...trabalhava o dia inteiro dentro d'água. Um dia inteiro tirando juta, um dia inteiro batendo juta, pra poder avançar com o processo de, da produção da juta, né²³⁴".* Apenas confirma o que já foi visto pelas narrativas dos demais sujeitos, apresentadas acima.

As outras entrevistadas, Dona Irenilda não trabalhou dentro d'água e as outras duas, Dona Maria da Daíze e Dona Marlene, somente descreveram como transcorria este tipo de atividade, não apresentando as suas impressões. Dona Maria começou falando das duas formas de cortar juta: *"...quando estava em terra cortava de...de tesado né... quando estava n'água a gente caía n'água quando com foice, por aqui... por aqui ia com foíça...é... com foice.. dobrava a juteira aqui e cortava pra poder... ela.²³⁵"* para em seguida descrever quando e como começavam a lavar (desfibrar):

Amolecia... bom... dipois de mole, a gente chamava aquilo de jangada , pilha jangada assim.. que elas já tavam mole né... aí a gente pegava botava em cima do pau... fazia ponte de pau assim... e... e... baixava na água sabe... suspendia aquele feiche... aí daí que a gente ia tirar as fibras.... sabe como é? Aí Tirar as fibras, rasgava assim, puxava assim pra rasgar ai...

É! É! É! Quando já tava assim sem as cabeças.. assim que a gente tirava... a rente batia... n'água pra tirar todas aquelas cascas... toda aquelas cascas... dipois de tirar aquelas cascas... a gente... aí a gente enrolava e ia separando né... que elas já estavam lavadas.²³⁶

²³⁴ Idem

²³⁵ Carneiro, 2018

²³⁶ Idem

Temos nesta narrativa o detalhe da formação das jangadas e como ela procedia para lavar a juta com a descrição do ponto ideal em que a juta era considerada lavada, pronta para ser estendida. Por último, em uma passagem já citada no primeiro capítulo, ela vai descrever como transcorria um dia normal de trabalho nestas fases aquáticas:

A rente ia lavar a juta... que cama né... nós ia lavar a juta no roçado... no roçado... quando fosse de tarde, tinha vezes que a gente levava comida pra comer lá em cima d'água... lá em cima da ponte... aí quando batia... quando era de tarde a gente botava a juta na canoa.. ia botando a juta tudo na canoa e vinha embora pra casa... quando chegava no porto de casa.. a rente pegava aquelas... aquelas... aquelas jutas que já tarra tarra lavada... carregava e botava embaixo do varal...²³⁷

Esta fala finaliza a descrição bem detalhada do processo de imersão, onde ocorria a maceração da juta, passando pela lavagem, o transporte até os locais de secagem e o posterior estiramento das fibras em um varal para que os mesmo pudessem ficar secos.

Dona Marlene, assim como Dona Maria da Daíze, somente descreve um típico dia de trabalho com a lavagem da juta:

Aí.. ia pra beira do rio, lá aonde tem, aonde colocava a juta, empilhava a juta, os homens empilhava a juta, quando tarra mole a juta a gente ia lavar, fazia uma ponte, a gente ficava naquela ponte lá, os outros puxam a juta os feiches da juta, ficava lá, em cima da ponte desmanchava aquele feiche e descascava ela tudinho, assim... vara por vara sabe?

Aí tirava tudo aquilo, às vezes a gente lavava até... oitenta feiche quando era duas pessoas que lavava numa pia, aí a gente ia lavando, ia batendo e aí depois, no outro dia a gente ia estender a juta no varal pra enxugar... aí os homens que empilhavam a juta, não era a gente que... eles pegavam a juta, empilhavam lá, depois vinha pra cidade que era pra vender...²³⁸

Nesta narrativa, novamente se observa como procedia a lavagem da juta. Destaca-se neste cenário descrito por ela a divisão de tarefas entre homens e mulheres, com os homens trazendo até as mulheres os feixes de juta para serem

²³⁷ Idem

²³⁸ SILVA, Marlene Gonçalves da. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 19 de outubro de 2018

lavados e depois da secagem, procedendo ao enfardamento da mesma e posterior comercialização.

Descrito como transcorria as fases de trabalho da juta dentro d'água, vou apresentar, a partir das narrativas de nossos sujeitos os perigos existentes neste tipo de ambiente:

Seu Pedro vai descrever três categorias de animais existentes neste ambiente que se caracterizavam em perigo para os trabalhadores: a arraia, o puraqué e os bichos peçonhentos, com destaque para o escorpião. Começemos com a arraia

Arraia²³⁹. Que a arraia dá muito. Ela encontra aquele terreno bem limpinho aí ela vai embora e tem, em toda parte tem arraia. Olha isto aqui!

...tem marca, isto aqui atravessou daqui pra cá!

...outra, por aqui assim, e outra estes nó aqui.

Eu sempre trabalhei calçado, mas a, o esporão dela fura qualquer coisa!

...não tem nada, é mesmo que furar um papelão. Ela bate com muita força! E dói! Isto aqui, passei vinte dia, e o meu pai... Vinte dia com essa perna assim, caramba! Virou um buraco assim.

...duas no pé direito, uma no pé esquerdo (risos).²⁴⁰

Sendo econômico acerca de como se dá a presença deste espécime no ambiente de trabalho da juta, Seu Pedro se detém a narrar os três acidentes que sofreu com o mesmo. Chama a atenção a forma como o mesmo apresenta as cicatrizes e detalha os incidentes, se assemelhando a narrativa de um herói de guerra exibindo com orgulho seus ferimentos de bala ou de estilhaço de algum artefato explosivo. Na sequência vai narrar as situações envolvendo o puraqué:

O **puraqué**²⁴¹, a gente usa o sapato de borracha, que fazem,... O puraqué pode bater em você que você não sente, não sente o choque, se você tiver com o sapato de borracha. Agora se você não tiver coleira, é um choque de 220 voltes. Não tem um, já vi caboclo dá um grito, não tem bom não.

E você não corta ele se ele estiver assim olhando você, o máximo que você chega é assim e o terçado já foi! Num corta não! Se corta ele come eu cansei de cortar muito é escolher a cabeça e tchou no meio, já foi. Mas se

²³⁹ Grifo meu para destacar o animal a ser comentado.

²⁴⁰ Santos, 2018

²⁴¹ Esta espécie de peixe elétrico, típico da Amazônia possui duas formas de ser pronunciado de acordo com a área da região: em algumas localidades ele é denominado de puraqué e em outro de puraquê, por estar apresentando a situação a partir das narrativas dos sujeitos desta pesquisa, vou utilizar a forma como os mesmos pronunciavam.

ele tiver vendo você não corta, mas num corta mesmo. É um, eu sei lá, é um inseto muito perigoso. Ele dá um choque! Lá quase mata um rapaz!

Há, eu peguei muito choque de puraqué! Peguei muito choque de puraqué! Deus nos livre!

O puraqué é cruel meu irmão!²⁴²

Em uma da sua narrativa mais curiosas, Seu Pedro inicialmente dá a entender que com o uso do sapato de borracha feito por eles não tinha como se preocupar com este bicho pois estariam protegido, para no final deixar escapar que pegou muito choque de puraqué. Outra parte que merece destaque é a narrativa de como se poderia matar tal animal, que segundo ele, só poderia ocorrer se o mesmo fosse pego de surpresa, se o bicho visse o seu agressor em posição de ataque, poderia atingi-lo mesmo que esta pessoa estivesse fora da água. Não disponho de base científica para comentar sobre tal afirmação e, por não fazer parte da preocupação principal deste trabalho, não irei procurar entender em detalhes tal afirmação, Todavia, é mister afirmar que, narrações como esta são muito frequentes entre os moradores da várzea.

Por último, Seu Pedro vai narrar as situações envolvendo animais peçonhentos com destaque para o escorpião:

Eu já fui, só não a **cobra**, graças a Deus! Mas **escorpião**, **tucandeira**, **centopeia**, estas coisas assim.

O **escorpião** dá muito na juta, dá demais vou te dizer! E, eu já vi muito homi, homi mermo, gritar e vomitar e dizer que morre. Eu acho que morre mesmo porque, lá no Paraná da Eva tinha uma menina que ficou doida com uma ferrada de escorpião, vou te dizer! Eu não vou dizer que não vou porque pra mim eu já peguei muita ferrada de escorpião. Às vezes a gente atravessando a casa assim, chega com um calção molhado, né. Lava estende, bota lá, quando é de manhã veste, rapaz ali dava escorpião como todo!

E agora pega feixe de juta aqui naqueles paus, que fica em cima daqueles paus, ele gosta de frio né. Pegar aquilo, ô caramba meu irmão, já me ferrou. O pessoal batia lá! Eu era um desastrado, lá queria saber! Fui muito ferrado por escorpião.²⁴³

Após começar elencando a lista de animais peçonhentos que o ferrou, exceto a cobra, Seu Pedro faz uma listagem das situações e dos locais onde é comum o encontro com este bicho e, conseqüentemente existe o risco da ferroadada dele. Para

²⁴² Santos, 2018

²⁴³ Idem

ilustrar melhor o perigo, ele vai narrar acidentes graves envolvendo o escorpião, como no caso da mocinha que enlouqueceu após ser ferrada por um. Numa alusão a pouca preocupação com a segurança no transporte e manuseio da juta, Seu Pedro, usou com frequência durante a entrevista a autodenominação de desastrado, para justificar o alto índice de acidentes com este bicho.

Os demais sujeitos desta pesquisa não foram tão didáticos como Seu Pedro, limitando-se a descrever algumas situações particulares. Dona Maria Ribeiro, elencou alguns dos perigos deste tipo de trabalho, mas finalizou negando saber de algum acidente, fato que ela atribui a proteção divina:

...puraqué, aquele que bate, assim!
...desse, a gente tem medo, tem! Sanguessuga então!
...é, eu tinha medo. E tem medo, mas, fazer o quê?
Graça a Deus! Nada. Ninguém, ninguém, ninguém (inaudível) ao bicho.
Graças a Deus! Todo mundo saiu em paz!
Deus sabe o que faz! Ele deixa grande quem tá trabalhando!²⁴⁴

Seu José vai descrever alguns riscos presentes neste ambiente: “...é, trabalhava muito molhado, vivia todo tempo é, dentro d’água. É, formiga, cobra, é puraqué. Puraqué é, você levantava o braço, puraqué dava um choque. Se ele visse o relâmpago do terçado, né, ele derruba a gente²⁴⁵”. Para em seguida, descrever problemas de saúde decorrentes deste tipo de trabalho: “...o trabalho dentro d’água, acho que até hoje eu sinto. A gente pega uma frieza, por mais que você se trate, mas eu tenho problema no joelho, tornozelo, de tanto viver molhado o dia inteiro. E é porque a gente não trabalhou muito tempo²⁴⁶”. Por último vai narrar alguns acidentes envolvendo sua família e o convívio com a sucuriju e o puraqué:

...bem, não acho que só ferrada de caba. Não o meu pai levou ferrada de arraia!
...de arraia, pegou assim no calcanhar esquerdo dele, aqui que, varou e entre o nervo, varou. Ele passou um bom tempo ruim.

²⁴⁴ Ribeiro, 2018

²⁴⁵ Silva, 2018

²⁴⁶ Idem

Foi, foi o único episódio. Agora a sucuriju a gente às veze vinha mas ela num se atrevia com a gente não, entendeu? E puraqué também, de vez enquanto a gente pegava aquele choquezinho...²⁴⁷

Da mesma forma curiosa como Seu Pedro narra os acidentes com arraia, Seu José faz com relação aos incidentes com o puraqué, pois, olhando a o que foi exposto acima, a descarga elétrica proveniente deste animal é de uma intensidade elevada, mas para Seu José ela é somente um choquezinho.

Seu Printes, já vai fazer uma síntese de todos os perigos tanto para a saúde do trabalhador (doenças) como para a sua integridade física (acidentes como animais):

Ele está exposta a água muito tempo; frio, né, porque a água torna a temperatura do corpo diferente, né, ela altera a temperatura do corpo. Outros riscos que tem dentro d'água né, que são normais a água: dentro d'água tem sanguessuga, tem arraia, tem cobra, as vezes puxa um feixe de juta vem uma cobra,, tá entendendo; tem o puraquê, tem o jacaré que pode aparecer lá de surpresa, tá entendendo. Então são coisas, até piranha pode atacar; a piranha e o candirú também podem atacar o trabalhador, que está dentro d'água trabalhando.²⁴⁸

Dona Maria da Daíze vai ser bem breve na narrativa destes riscos limitando-se a falar do puraqué: *“Não... eu não tinha, não pensava que tinha muito Puraqué que batia na gente... a gente num...Puraqué é um bicho que bate assim na gente e adormece...”*²⁴⁹. Dona irenilda não narrou nada acerca do assunto e Dona Marlene falou do boto, da cobra e do puraqué de forma resumida:

Não, o que a gente tinha medo era só de cobra e boto, o boto que que.. mas assim... o boto não mexia com a gente porque a gente não mexia com ele...

Eles nunca espantaram a gente não... a gente só tinha medo de cobra que ficava no meio da da.. juta né? É... aquele poraquê, que dizem que...

...é... a gente tinha muito medo sim de bicho assim só... mas nunca aconteceu nada comigo assim... graças a Deus não...²⁵⁰

Com Dona Marlene, a única novidade é a presença do boto em meio. Todos os demais entrevistados falaram da arraia, do puraqué, da cobra, mas nenhum dele

²⁴⁷ Idem

²⁴⁸ Printes, 2018

²⁴⁹ Carneiro, 2018

²⁵⁰ Garcia, 2018

mencionou o boto. Todavia, ela vai dizer que este animal embora presente naquele ambiente, e ocasionando uma certa apreensão com a sua presença nunca provocou acidente pois o mesmo não mexia com elas já que elas não mexiam com ele.

A partir deste ponto, me encontro na obrigação de te explicar, por que razão estas pessoas teimaram em continuar trabalhando em uma atividade tão prejudicial à saúde delas. Ferreira, em trecho citado acima, fez menção ao imperativo da sobrevivência como uma forma de entender esta submissão a um trabalho insalubre. Mas será este argumento suficiente para justificar tal situação?

Começo resgatando informação oferecida por Seu Pedro, na primeira parte desses capítulos, de que haviam graus diferentes de envolvimento com a juta em uma mesma região - uns totalmente, outros parcialmente, outros nenhum envolvimento. Se as pessoas são capazes de optar pela intensidade do seu envolvimento com determinada atividade, posso deduzir que elas também são capazes de optar em permanecer ou não com ela. Desta feita, mesmo sem desconsiderar a importância da manutenção da sobrevivência, levantada por Ferreira, não podemos tê-la como a algema que prende estas pessoas a este tipo de trabalho.

Tentando encontrar outros argumentos capazes de fazer-nos entender esta situação te apresento, agora, o trecho da entrevista de Seu Pedro, sobre o trabalho dentro d'água que ainda não havia sido mostrada. Nesse vou te mostrar a resposta para a questão que ficou no ar quando comecei a falar desta etapa de produção da juta: a ideia de que ele gostava de trabalhar dentro d'água.

Ai eu gostava muito. Eu só gostava de cortar juta quando a água estava bem aqui porque eu cortava de foice. Em terra às vezes dá muita formiga e há, dentro d'água já não dá. Cortava de foice né. É por isso que meu cunhado não cortava juta comigo porque a foice é rápida mesmo. Com a foice a gente faz. Depois que você faz a foice, pra cortar é rápido. Você puxa ela, a foice com um cabo deste tamanho assim pra você manusear pra todo lado.

Era muito rápido. Até pra amarrar dentro d'água ela é rápido, né. Porque se você corta em terra assim, quando for para amarrar o cara tem que meter a mão pra suspender, pra poder amarrar o fecho; na água não! Na água borbulha, a gente vem cortado ele, vem puxando ele, pra amarrar.

Em terra não, em terra o cara tem que puxar, pegar ela tudinho, suspender, pra poder passar a fibra pra amarrar. Dentro d'água não, dentro d'água não precisa: ela boia ai o cara é só puxando e cortando.

...aí a gente vai rebocando também, vai rebocando, quatro, cinco feixes, rebocando como eu ô dizendo, porque o roçado é bem feito, né!²⁵¹

É comum em todas as atividades laborais a busca de formas de otimizar o serviço. No corte da juta, em função de ele ocorrer no momento em que o rio começa a encher, o trabalhador ainda se ver às voltas com o fator tempo, pois se o rio cobrir toda a área plantada antes do corte as perdas serão inevitáveis. Diante das duas situações expostas acima, encontrar formas de acelerar a atividade e diminuir o desgaste físico é algo positivo.

Se de um lado, a exposição prolongada ao ambiente aquático provoca um desgaste maior tanto do ponto de vista físico como psicológico em função dos perigos, por outro, como nos apresentou Seu Pedro, nas atividade de corte, formação dos feixes (chamados por ele de jangada), e transporte até o local em que ficarão de molho, a água se configurou como um importante aliado pois ao fazer as hastes de juta cortadas flutuarem, ela torna mais leve e ágil este serviço.

Isto me faz pensar no argumento de Silvan, apresentado no início deste texto de que há uma explicação psicopatológica para o prazer em trabalhar dentro d'água. Sem pretender alongar um debate acerca do tema, vejo na narrativa de seu Pedro, não um problema de natureza psíquica e sim a escolha de uma forma prática de conduzir um trabalho bastante pesado.

Dona Maria Ribeiro também narrou a alegria de exercer tal atividade. Segundo ela o grupo de mulheres passava o dia lavando juta e cantado na beira do rio, o que demonstra, que apesar dos riscos, este tipo de trabalho tem o seu lado positivo.

Um outro elemento, que não pode ser deixado de lado em um debate como esse, diz respeito a forte relação das populações da várzea amazônica com o elemento água. A própria denominação “ribeirinhos” traz consigo uma carga enorme de ligação entre estas pessoas e o mundo das águas.

Em todas as sociedades humanas a água é um elemento vital. Os primeiros aglomerados humanos só se estabeleceram onde havia acesso fácil a mananciais de água. Todavia, o elo que liga as civilizações humanas que viveram e vivem na Amazônia, extrapola toda e qualquer forma de pensar a realidade experimentada

²⁵¹ Santos, 2018

em outras partes do mundo. A água para os moradores desta região, principalmente os que habitam a várzea, vai muito mais além de matar a sede, possibilitar a agricultura e colaborar na higiene; para eles ela é indicador de origem, fonte de mitologia e, acima de tudo, um dos principais elementos constituinte de sua cultura.

Isso tem um peso tão grande na compreensão da realidade das sociedades amazônicas que as primeiras grandes civilizações a se formarem aqui, as mesmas que foram progressivamente desestruturadas com a chegada dos europeus, foram denominadas por Antônio Porro (1996) como “o povo das águas²⁵²”, classificação que foi adotada pela maioria dos pesquisadores que estudam a realidade antropológica, social e histórica desses povos. Quem tem estudado a realidade das sociedades que habitam a várzea amazônica, na atualidade, não possuem dúvida em ligar estas pessoas àquelas que foram encontradas por ocasião da chegada dos europeus. Witkoski (2007) os definem como herdeiros direto dos povos das águas²⁵³. Andrade (2015) aprofundando esta questão apresenta as seguintes passagens:

“O rio é parte indissociável da vida desses homens e mulheres, não somente no sentido material, mas, sobretudo, no campo simbólico...

“...conhecemos muitas pessoas que, ao se identificarem, não se diziam oriundas deste ou daquele município, mas como procedentes deste ou daquele rio...”²⁵⁴

Nelas, fica claro, que somente podemos compreender a cultura destes povos e suas cosmovisão, se entendermos a forma como eles se relacionam com o rio. Não dá para pensarmos nos habitantes da várzea dissociados do rio. Isso tem um peso tão grande que até a indicação de origem dessas pessoas tem como referência não as localidades mas os rios. Este detalhe, por sinal, já foi trabalhado de forma brilhante na tese de mestrado de Leno Barata Souza²⁵⁵, quando analisou a origem das pessoas que formaram a chamada “Cidade flutuante” na orla de Manaus.

²⁵² PORRO, Antonio. *O povo das águas*. Ensaio de etno-história amazônica. Rio de Janeiro: Vozes, 1996

²⁵³ Witkoski, 2007, p. 97

²⁵⁴ Andrade, 2015, p.39

²⁵⁵ SOUZA, Leno José Barata. *Cidade flutuante: uma Manaus sobre as águas (1920-1967)*. 2010. 354f. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Falando de identidade Witkoski²⁵⁶ tem como um dos elementos centrais do seu trabalho, a ideia de que somente podemos pensar o, assim definido por ele, camponês ribeirinho, dentro da sua relação com três realidades: “ terras, florestas e águas de trabalho”, diferente dos demais camponeses cujo único elemento definidor deles é a terra.

Por último, Eliana Pojo (2014) nos diz que: “*Em outras palavras, o esforço é situar o território social dos ribeirinhos a partir das águas e de seus modos de vida, incluindo o imaginário advindo ‘das águas’ que, sem preocupação com o científico, se confunde com o real*”²⁵⁷. Onde fica reforçada a ideia, já citada anteriormente, de que só se compreende o ribeirinho a partir da sua relação com a água. Nesse mesmo trabalho essa autora vai nos dizer que tudo, do trabalho ao lazer, na vida dessas pessoas é ligado à água.

A partir deste pequeno passeio nas pesquisas da academia, e também do que posso observar em minhas andanças pelos município do interior do Amazonas²⁵⁸, fica evidente que o morador da várzea amazônica é uma pessoa que desde a sua infância está em contato constante com a água, você até pode considerar exagero, caro(a) leitor(a), mas é muito comum encontrarmos crianças pequenas, 2 ou 3 anos que já nadam como uma desenvoltura que poucos adultos na cidade tem. Sem contar a facilidade com que moradores desta região pulam no meio de rios e lagos para resgatar pessoas e objetos, retirar capim da palheta de embarcações pequenas e desengatar redes de pesca.

De tudo isso que te expus, quero que entendas que o que a juta trouxe de extraordinário para os homens e mulheres nascidos na várzea foi a necessidade de um período mais prolongado em contato com a água, pois estar dentro d’água não é nada excepcional para eles e elas. Comparando as narrativas que foram apresentadas, as únicas com uma visão negativa deste tipo de trabalho, foi a

²⁵⁶ Witkoski, 2007

²⁵⁷ POJO, Eliana Campos; ELIAS, Lina Gláucia Dantas; VILHENA, Maria de Nazaré. *As águas e os ribeirinhos: beirando sua cultura e margeando seus saberes*. Revista margens interdisciplinar. V. 8, n. 11, (2014). p.176-198. disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3249>. p. 180

²⁵⁸ Como professor-formador do Centro de formação Profissional Pe. José de Anchieta - Cepan, pertencente a Secretaria de Educação e Desporto do estado do Amazonas, vivo as gratas experiências de me deslocar constantemente aos municípios do interior desse colossal estado, para ministrar cursos de formação continuada a professores das rede estaduais e, na maioria dos caso, também municipais.

apresentada por Seu José e Seu Printes, duas pessoas que tiveram um período curto de moradia na várzea, se comparado com os outros sujeitos dessa pesquisa.

Espero que entendas, que não pretendo com estes argumentos, minimizar o tamanho do estrago, que uma atividade desenvolvida em um ambiente com este grau de insalubridade, provoca na vida das pessoas. A minha pretensão com esta exposição, é te ajudar a localizar o trabalho com a juta, especialmente as etapas desenvolvidas em ambiente aquático, como algo perfeitamente encaixado nos padrões culturais dessas pessoas, e refutar as ideias de imposição da necessidade e da patologia psicológica como explicação para os mesmos.

No próximo capítulo, vou passear contigo pela realidade da várzea de forma global para que entendas com um pouco mais de profundidade a maneira de ver o mundo dessas pessoas.

III. A VÁRZEA DOS TRABALHADORES DA JUTA.

Quero iniciar este terceiro capítulo, caro(a) leitor(a), te convidando a ler comigo esta narrativa tirada da entrevista de Seu Printes, um dos sujeitos do nosso trabalho:

E, eu sempre fala pra todo mundo, uma coisa que eu aprendi com, com Márcio Sousa, o escritor, sabe. O Márcio Sousa, ele trabalhava em São Paulo, e, ele constituiu os amigos dele lá em São Paulo e o pessoal queria conhecer a Amazônia, né. O Márcio Sousa aqui de Manaus. E ele não; ele ficou, pra conhecer a Amazônia, “eu não conheço a Amazônia! Eu tenho então também de conhecer a Amazônia prá levar as pessoas pra conhecer a Amazônia”. É pura verdade, quer dizé, pra você conhecer a Amazônia, a Amazônia, não adianta você vir pra Manaus pra conhecer a Amazônia, você não vai conhecer a Amazônia em Manaus, tá entendendo. Manaus é uma cidade como outra qualquer, aqui tem shopping, supermercado, estacionamento, trânsito caótico, tá entendendo.

Agora, se você quer conhecer a Amazônia, tem que vir pro interior, onde você vai ver castanheira, onde você vai ver tucumanzeiro, onde você vai ver açazeiro, onde você vai ver o grande rio, tá entendendo; a correnteza do grande rio, o jacaré, as pessoas como eles vivem na Amazônia, na verdadeira Amazônia que é o interior, tá entendendo. Quem vive na cidade grande não vive na verdadeira Amazônia, a verdadeira Amazônia é o interior. Onde você vai ver as grandes árvores, tá entendendo, do interior, né: o acapu; é o, sei lá, a castanheira eu já falei, mas tem muitas; é a seringueira. Grandes árvores que só tem, que você só vai ver no interior; você não vai ver na cidade grande, tá entendendo. E o trabalho que as

peças do interior; a relação delas com estas árvores, como é que elas tiram, como é que elas fazem, como é que elas aproveitam essas árvores; você só vai saber, indo lá no interior.²⁵⁹

Nessas poucas, mas ricas linhas de seu depoimento, Seu Printes lança um convite, que serve tanto para mim quanto para ti: conhecer a verdadeira Amazônia. Ele ainda põe no meio da narrativa e de seu convite a pessoa de Márcio Souza, importante escritor regional. Dentro do que, se entende, no senso comum, não tenho dúvida de que nosso sujeito está certíssimo. Claro que, do ponto de vista acadêmico, há a consciência de que uma região tão vasta e complexa como a Amazônia, não pode, de forma alguma ser representada com uma única imagem, com uma única forma. Nela é possível encontramos, por exemplo a Amazônia das cidades grandes, como Manaus e Belém, a Amazônia das cidades pequenas, descritas em forma quase poética por José Aldemir de Oliveira (S/d)²⁶⁰, a Amazônia das estradas e assentamentos, a Amazônia da várzea e muitas outras. Mas, uma coisa é certa, a várzea é a face dessa região que mais se mantém ligada às civilizações que outrora dominaram vastos territórios nela, as mesmas descritas pelos viajantes do seiscentos e setecentos e que Antônio Porro (1996)²⁶¹ tão bem as descreve em sua clássica produção. E, convenhamos, Seu Printes descreveu com maestria o cenário encontrado por quem visita a várzea amazônica.

O que pretendo te levar a conhecer, neste capítulo que agora inicio, caro(a) leitor(a), é exatamente o mundo da várzea, onde nossos sujeitos de pesquisa conviveram e se envolveram com uma atividade econômica chamada juta.

Seu Printes nos deixou esta panorâmica, esta bela fotografia dessa parte da Amazônia, a partir das próximas linhas, vou destacar e analisar contigo, alguns pontos dessa imagem, para que, ao encerrar este capítulo, tenhas uma ideia do que foi o ambiente onde estes homens e mulheres conviveram com uma atividade tão desafiante como essa.

²⁵⁹ PRINTES, Raimundo Ribeiro. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 20 de novembro de 2018

²⁶⁰ OLIVEIRA, José Aldemir de. *A cultura, as cidade e os rios na Amazônia*. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000300013

²⁶¹ PORRO, Antonio. *O povo das águas*. Ensaios de etno-história amazônica. Rio de Janeiro: Vozes, 1996

Preciso te esclarecer que não estou desviando da estrada principal e pegando um atalho, muito pelo contrário, o conhecimento do ambiente onde estas pessoas se envolveram com a produção da juta, vai te ajudar a compreender melhor a realidade vivida por elas.

Também preciso te esclarecer, que não pretendo, e nem seria possível, esgotar a análise da realidade da várzea vivida por estes sujeitos. Vou, simplesmente, recortar alguns pontos da fotografia feita por Seu Printes e analisá-los com mais detalhes.

1. Modos de vida na várzea!

Conforme citei acima, querido(a) leitor(a), vou destacar pontos da imagem construída por Seu Printes e analisá-los com calma. Para isso, vou trazer alguns fragmentos extraídos das narrativas dos sujeitos dessa pesquisa e, com a ajuda da academia, buscar o máximo de compreensão deles. Para essa tarefa, fiz uma tabulação dos temas que mais se repetiram nas narrativas dessas pessoas, os quais entendo serem a forma deles/delas de descrever este ambiente, os quais vou enumerar a partir de agora:

a. A enchente

Um dos temas mais desenvolvidos pelos sujeitos dessa pesquisa, principalmente pelos três homens entrevistados - talvez por serem os responsáveis por semear e cortar a juta²⁶² - a enchente, e junto com ela, o ciclo de enchente-cheia e vazante-seca²⁶³ se configurou como o suporte da narrativa desses(as)

²⁶² A sementeira de qualquer cultura na várzea só é possível quando as águas baixam completamente e o corte da juta ou a colheita da maioria dos cultivos nesse ambiente coincide, na maioria das vezes, com o período em que as águas começam a subir.

²⁶³ É importante que você entenda que essas quatro palavras embora pareçam semelhantes não possuem o mesmo significado para a academia: por enchente se entende o período em que as águas estão subindo, já a cheia é o momento em que as águas pararam de subir e atingiram o seu ponto máximo, estacionando, por um tempo nessa cota. Situação semelhante encontramos com a dupla vazante-seca: a vazante é o momento em que as águas estão baixando; já a seca é o momento em que as águas pararam de baixar e estacionaram no seu nível mais baixo. Para aprofundar melhor este tema conferir: CRUZ, Manoel de Jesus Masulo. *Territorialização camponesa na várzea da Amazônia*. 2007. 261f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Universidade de São

senhores(as) sobre o momento em que deveria semear, tanto a juta como os outros vegetais cultivados na várzea bem como serviram de indicadores sobre o momento em que realizavam a colheita.

O primeiro ponto a ser destacado sobre os ciclos de subida e descida das águas é o peso dele na composição do calendário anual de trabalho dessas pessoas. Diferente de outras regiões com predominância da agricultura familiar - ou camponesa como alguns gostam de chamar - na várzea amazônica, o que determina o momento da semeadura é a finalização do processo de descida das águas com o aparecimento completo da várzea. Da mesma forma, quando chega o momento da colheita, já estamos no início ou no meio da enchente, dependendo do ano, ficando a subida das águas como o referencial temporal para a colheita, que no caso da juta é o corte. Recorrendo aos sujeitos dessa pesquisa encontramos as seguintes descrições para a semeadura:

Seu Pedro: *“Baixou, o rio baixa, ai quando sai as terras aí o cara vai e começa a brocar, a brocar como se diz lá na gíria, a brocar, derruba, passa um mês aquele roçado pra fica bem sequinho lá; aí você encoivara. A juta não é como a roça e o capim²⁶⁴”*. Onde o termo “sai as terras” se refere ao final da vazante, quando o nível do rio se estabilizou.

Dona Maria: *“...a gente plantava quando ia saindo a terra, por exemplo, saindo da água, fica aquela temembeca²⁶⁵; meio em terra, meio em água, assim, meia água, mais água do que terra²⁶⁶”*. Em se tratando da produção da juta é a denominada juta de lama²⁶⁷, plantada assim que o rio baixa para ganhar tempo na

Paulo. e WITKOSKI, Antônio Carlos. *Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus, EDUA, 2007

²⁶⁴ SANTOS, Pedro Mair dos. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos e Davi Avelino Leal*. Manaus, 16 de abril de 2018.

²⁶⁵ Palavra que eu não encontrei o significado. Pelo contexto deve ser referir a terra ainda úmida devido ao longo tempo submersa. Quando as águas dos rios baixam na Amazônia, principalmente nos rios de águas barrentas, o solo nos primeiros dias, mesmo já estando fora d'água, apresenta-se amolecido e muito úmido, formando uma espécie de lama. Talvez seja a esse tipo de solo que Dona Maria estava se referindo.

²⁶⁶ RIBEIRO, Maria Vasconcelos. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 11 de junho de 2018.

²⁶⁷ Aldenor Ferreira explica com detalhes este tipo de produção em FERREIRA, Aldenor da Silva, *Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)*. 2016. 487 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. p. 234

colheita. É uma forma de plantio que foi ganhando popularidade ao longo dos anos, mas que somente é utilizada para o cultivo da juta e da malva²⁶⁸.

Seu Pedro também narrou o momento em que a colheita deve ser feita: “...*vai cortando, conforme a água vai subindo o cara vai cortando também, né. Então quando a água invade muito as vezes o sujeito até perdê*”²⁶⁹. O que confirma a informação dada anteriormente.

Seu José e Seu Printes, por sua vez apresentaram em suas narrativas o calendário de trabalho anual. Segundo Seu José:

...não, ninguém trabalhava o ano inteiro não. É, quando, chegava a época do corte, é mais ou menos um mês, um mês e meio cortando juta, lavando estendendo. Porque a água vem enchendo, ela vai, tá. É no período da enchente. No período da vazante, você vai e planta. Você vai, samea ela, aí você tem que limpar, limpar. Ai, no período da enchente você vem cortando, botando de molho e lavando depois.²⁷⁰

Se referindo mais a juta, mas tal calendário também se aplica às outras culturas desenvolvidas na várzea.

Para aprofundar essa questão do calendário de trabalho do habitante da várzea, te apresento um trecho de Antonio C. Witikoski que fala o seguinte sobre a noção de tempo dessas pessoas:

...Uma das características fundamentais da adaptação do caboclo amazônico reside no fato de que considera o tempo de trabalho sob a forma do tempo (eco)lógico e não do modo como está submetido o trabalhador urbano, que vive sob a égide do tempo (crono)lógico - o que lhe oferece uma racionalidade particular, absurda a um estrangeiro, ao lidar com o ambiente onde mora.²⁷¹

Seu Printes, por outro lado, vai apresentar este mesmo calendário, mas entrando num outro tema relativo a este ciclo, a pressa que a enchente impõe aos trabalhadores:

²⁶⁸ A malva é uma fibra vegetal, originária do estado do Pará, que hoje, é a principal fibra produzida na Amazônia, tendo a sua produção superada a da juta na década de 1980.

²⁶⁹ Santos, 2018

²⁷⁰ SILVA, José Cordeira da. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 05 de agosto de 2018

²⁷¹ Witikoski, 2007, p. 93

E outro fator negativo nesta atividade é que, o nosso processo de usar o rio na hora que ele vem, muitas vezes pode surpreender o plantador de juta e chegar um pouco mais cedo e aí a gente não está ou então, às vezes, talvez o plantador tenha plantado um pouco mais tarde, de modo que quando a cheia vem ele não está em condição de usar a água pra, pra, ele tirar a fibra da juta, né. Aí a água já chegou mas a juta ainda não cresceu o tamanho suficiente né, de estar madura pra poder colher.²⁷²

No centro da narrativa de Seu Printes está a imprevisibilidade da enchente. Sobre esse ponto, é importante que você, caro(a) leitor(a) tenha a compreensão que os períodos em que ocorre a subida das águas (enchente), da estabilização em um nível alto (cheia), da descida das água (vazante) e da estabilização ao no nível mais baixo (seca), possuem uma variação bem pequena, tendo praticamente a mesma época do ano para acontecer, e essa informação, é do conhecimento dos moradores da várzea²⁷³. O que oscila é a intensidade dessa cheia e a sua velocidade de subida que variam de ano para anos. Seu Pedro vai nos ilustrar bem isso nessa passagem:

A enchente é uma coisa rápida, é um fenômeno que ninguém sabe, ninguém prevê, o homem não consegue prevê nada; as vezes você vê dizer este ano não vai ter cheia aí vem uma cheia grande, quando não este ano tem uma cheia grande e vem uma cheia pequena. Quando não vem uma cheia rápida. Colega eu já vi cheia tão rápida que a gente observa a água subindo pelas partes plana assim, e aí o cara não dá tempo de colher a planta.²⁷⁴

Como foi exposto de forma bem ilustrativa nessa narrativa, o que é imprevisível não é o período do ano em que ocorre a enchente, e sim o volume dela (enchente grande ou enchente pequena) e a velocidade dela (rápida ou lenta). A última frase dessa narrativa evidencia bem isso quando ele afirma que viu enchente em que eles assistiram a água subir pelas partes planas da várzea.

²⁷² Printes, 2018

²⁷³ A leve oscilação a que me refiro se deve a grande extensão da região e principalmente do rio Amazonas o que faz com que os picos de cheia e vazante, em uma localidade não sejam os mesmos em uma outra localidade mais distante. No entanto, podemos encontrar os picos de cheia entre os meses de maio e junho e os de seca entre setembro e outubro. Janete Gentil em GENTIL, Janete M. L. *A juta na agricultura de várzea na área de Santarém - Médio Amazonas*. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Série Antropologia, VI. 4, 1988, p.145 e Cruz, 2007, p.72 nos dão pistas desse ciclo.

²⁷⁴ Santos, 2018

Será essa imprevisibilidade de volume e velocidade da enchente, que vai impor aos produtores de juta, em alguns anos, a necessidade de estratégias para uma colheita rápida, sob pena de perder parte significativa da produção, expressa nas narrativas de Seu Pedro: *“...vai cortando, conforme a água vai subindo o cara vai cortando também, né. Então quando a água invade muito as vezes o sujeito até perder. Cansei de perder com o meu pai. Perde porque não dá tempo, né; a água sobe e o cara perde.”*²⁷⁵ Dessas estratégia para evitar ou, ao menos, diminuir perdas, encontramos a contratação de trabalhadores pela meia²⁷⁶ expresso nessa narrativa de Seu José: *“...rapaz, a gente tinha uma família muito grande que moravam lá, muito amigo nosso daqui da Compensa, que nos convidou uma época que a gente tava sem trabalho, e tava chegando a enchente, e ele nos propôs, nos propôs, né a, dá de meia”*²⁷⁷.” ou o mutirão onde um vizinho ajuda o outro narrado por Seu Printes nessa passagem:

...mas já vi meu pai cortando. Meu pai tinha foiçe, ele cortava, as vezes chamava os vizinhos lá, fazer aquele processo né, de mutirão e, um ajudava o outro, um vinha ajudava ele e ele ia pra outra comunidade ajudava o outro e era assim, sabe. É animado por isso, muitas vezes a atividade torna-se animada, a gente olha pra todo este processo e também tem um lado, lado positivo, né, de você construir amigos, construir amizades, né; ajudar, ser ajudado. É, é legal!²⁷⁸

Fechando essa conversa sobre a enchente, Seu Pedro narrou com detalhes como é a convivência das populações da várzea com a cheia e os riscos que essas pessoas estão submetidas a conviverem, durante esse período sob a água:

E ai, porque começou a alagar, alagar o terreno, veio já tava bem próximo o primeiro soalho, o primeiro soalho. E aí, mas a gente ia ficar lá ainda, a gente tomava banho e tudo e tinha um bocado de criação desde porco. Quando foi um seis horas da tarde assim, rapaz, nós tava tudo jantando,

²⁷⁵ Idem

²⁷⁶ Cruz, 2007, p. 96 faz o seguinte esclarecimento sobre a prática da meia na cultura da juta e da malva: *“A meia, como forma de trabalho, é uma prática muito recorrente durante o processo de produção da juta/malva distingue da prática de meeiros de outras regiões brasileiras, uma vez que os camponeses-ribeirinhos nessa atividade somente participam como meeiros a partir do período da colheita”*.

²⁷⁷ Silva, 2018

²⁷⁸ Printes, 2018

quando vimos foi o grito de uma porca lá, no chiqueira que tava, meu irmão era uma “cobrinha”, uma “cobrinha de nada”, vou dizer, pegou a porca, pegou a porca e nós fomos lá e matamos. Cortamos o pescoço dela e ela ficou lá debaixo de um capinzal que tinha assim. Quando foi de manhã nós fomos lá e vamos medir esta cobra, tinha 40 palmos, acho que tinha mais de oito metros, porque a mão do papai era muito maior do que a minha, a minha era vinte centímetros a mão do papai era maior do que a minha. 40 palmos colega, medido de um lado pro outro, dessa grossura. Ai o papai se apavorou. Nós tomava banho lá e tanta coisa, se pega uma criança dessa, só em pegar, mata. A cobra ela mordeu na cara da porca assim, que a porca era grande, tava por cima do pau ai. Nós viemos com o terçado e tá que a cabeça dela voou, tá morta, a cabeça ficou aqui.²⁷⁹

Na sequência dessa narrativa ele vai falar da compra de dois terrenos em Manaus, no bairro de Praça 14, para onde a família se mudou depois desse susto. O que merece ser destacado nesse trechos das memórias deste sujeito é a tentativa de convivência normal com a água debaixo do assoalho da casa e os riscos que as pessoas correm vivendo sob tais condições. É uma época do ano, inclusive, que vemos muitas narrativas de acidentes com animais na várzea.

b. A questão da posse da terra

A posse da terra é uma das temáticas mais complexas em se tratando do ambiente de várzea. Diferente do que pode acontecer em outras partes do território nacional, as terras da várzea não podem ser tituladas. Isso não ocorre somente por falta de vontade política, mas devido um entendimento originado desde que o Brasil se tornou independente, que as terras das margens de rios são terrenos de marinha, pertencentes à União, e que portanto, não pode ser titulados de forma alguma²⁸⁰. Sem poder concretizar a posse de sua terra dentro da normalidade legal, os moradores da várzea criaram estratégias padrões culturais que lhes permitam tornarem-se senhores de suas propriedades. Dos nossos entrevistados, dois deles Seu Pedro e Seu Printes, vão descrever esses procedimentos.

²⁷⁹ Santos, 2018

²⁸⁰ Você poderá compreender, com detalhes esta questão lendo o artigo de Juliana Seixas, *Direitos reais e obrigacionais referentes aos terrenos de marinha*, disponível em: <https://julianaseixas83.jusbrasil.com.br/artigos/178787402/direitos-reais-e-obrigacionais-referentes-aos-terrenos-de-marinha> 12/12

Seu Pedro, falando de como conseguiu um terreno pra ele, diz: “...*tá dentro do lago, só um matagal medonho, não tinha dono, ai eu fui e me apossei lá do lago todinho, uma parte de área de terra tudinho, me apossei lá, a casa tá por dentro deste lago do arraia.*”²⁸¹. Por não terem “donos” e, em muitas áreas da Amazônia, ninguém os utilizando, essas terras estão a disposição de quem as utilizar. Seu Printes, falando do mesmo assunto, assim nos narrou:

...não, não era nem deles, nem era do meu pai, era assim, terrenos devolutos. Chegava lá, vou ficar aqui, vou armar minha casa. A gente tinha uma casa lá, escolheu o terreno, fulano escolhe um terreno pra lí; todo mundo ia produzindo e nunca vi confusão, pelo menos naquela época. Não sei se pra hoje, se já estão todos, “agora isso aqui é meu” oficial; não sei como é que tá hoje, mas naquela época não era assim, entendeu! meu pai não tinha documento nenhum do terreno e os outros também não tinham. Mas havia uma convivência muito boa e a gente tinha estar, eu era minino, a gente saia pra ir visitar, visita aí, uma aliança, vizinho vinha, ficava na sua casa. Então, por questão de terra não tinha conflito, pelo menos naquela época.²⁸²

Além de reforçar o procedimento para posse de um terreno na várzea narrado acima, Seu Printes acrescenta a ausência total de documentação e o comportamento da comunidade que respeita a posse de cada uma. Apesar de uma relativa mudança nos padrões de comportamento com relação a posse da terra, ainda hoje, o respeito ao que cada um se apropria ainda é evidente como nos mostra Cruz (2007) nessa passagem:

A fala do camponês-ribeirinho demonstra que havendo possibilidade de se apropriar das terras que surge atrás de sua propriedade, ele assim o faz, pois tem direito, reconhecido por todos da comunidade, inclusive pelo órgão oficial, muito embora nada conste em lei sobre esta forma de apropriação. Esse direito sobre as novas terras é um costume muito antigo nessas áreas em que os espaços são “mutáveis”, ou seja, onde predomina um intenso processo erosivo e uma intensa deposição de sedimentos.²⁸³

Nela se vê que, mesmo com as comunidades da várzea já consolidadas, quando surgem novas terras, fenômeno que ocorre com relativa frequência em rios como o Amazonas, quem se apropria dela, tem esse direito respeitado pela comunidade.

²⁸¹ Santos, 2018

²⁸² Printes, 2018

²⁸³ Cruz, 2007, p. 126

Essa questão da posse informal da terra, se apresenta, até o presente momento como um dos maiores entraves aos todos os tipos de produção na várzea, dos quais a juta faz parte. A respeito disso, é importante lembrar que projetos de financiamento da produção, existem na Amazônia desde os anos 1950, como nos afirma Seu Pedro nessa passagem: “o Banco do Brasil financiava rapidinho, não precisava nem de avalista, não precisava nada, era só o título do terreno²⁸⁴”. Sem a compreensão do contexto, uma pessoa desavisada pode pensar ser o comodismo a razão para uma produção pequena por parte dos moradores da várzea, apesar dos programas de financiamento. Todavia, o que parece ser algo simples, como nos narrou Seu Pedro, torna-se algo bastante complexo devido a dificuldade de se conseguir esta titulação²⁸⁵. Na última década do século XX e nas primeiras do século XXI, até que tentativas de regulamentar a situação dessas terras foram feitas, mas com avanços insignificantes.²⁸⁶

c. O contato com a cidade

As comunidades da várzea, por mais distante que sejam da sede do município, não se encontram desconectada dela. Vários são as motivações para que pessoas dessas localidades procurem a cidade²⁸⁷, pois é nela que se buscam a maior parte

²⁸⁴ Santos, 2018

²⁸⁵ Esta questão teve um enorme avanço a partir da Constituição de 1988 e o seu reconhecimento do direito a posse de terra para todas as comunidades tradicionais, nas quais estão incluídos ribeirinhos, negros, e indígenas. A questão, exclusiva das terras de várzea se encontram muito bem trabalhada em: VALENTE, Manoel Adam Lacayo. *O domínio público dos terrenos fluviais na Constituição Federal de 1988*. Revista de Informação Legislativa. Brasília a. 37 n. 147 jul./set. 2000

²⁸⁶ Duas tentativas, o Programa Terra Legal e o Projeto Nossa Várzea: Cidadania e Sustentabilidade na Amazônia foram desenvolvidos na Amazônia a partir de 2005, foram realizadas para garantir a posse das comunidades ribeirinhas, de acordo com o texto constitucional de 1988. Você pode encontrar detalhes dessas duas tentativas em: VALADARES, Alexandre Arbex. *Terra legal e nossa várzea: duas concepções diversas de políticas de regularização fundiária e acesso a terra*. IPEA: boletim regional, urbano e ambiental | 08 | jul.-dez. 2013

²⁸⁷ A diferença entre município e cidade, que em outras partes do Brasil aparentam ser pequenas, na realidade da Amazônia como um todo e do estado do Amazonas em particular, é enorme. A maioria dos municípios amazonenses possuem áreas territoriais bastante extensas, o que faz com que, até mesmo as pessoas simples se refiram ao município, como a grande área territorial e a cidade como o núcleo urbano, onde está a sede administrativa municipal. Só para você ter uma ideia, do que estou falando, o município de Barcelos, que é o maior município amazonense, possui uma extensão territorial de 122.476 Km², sendo muito maior que os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo juntos. Este mesmo município, tem uma população estimada (2019) em 27 mil habitantes, portanto, tem uma cidade pequena. Desse exemplo, espero que tenha entendido que quando estes senhores e estas senhoras se referem a cidade, eles estão falando do núcleo urbano, sede do município.

dos serviços essenciais à vida dessas localidades. Dessas situações ou motivações de contato com a cidade, cinco fazem parte das narrativas dos sujeitos dessa pesquisa, as quais vamos citar a seguir:

Uma das mais citadas, e que, até hoje motiva muitas migrações para a cidade é a necessidade de estudos. Este, por sinal, é um dos maiores desafios das secretarias municipais e da secretaria estadual de educação, pois algumas comunidades se encontram a distâncias abissais da sede municipal, tendo o acesso a elas sendo bem complexo. Isso faz com que se consiga, na maioria das vezes, se oferecer, no máximo o fundamental e, em algumas, o ensino médio por mediação (EAD). Esses fatores obrigam muitos jovens dessas comunidades a migrarem para a cidade (sede municipal) em busca de complementar seus estudos.

Dona Maria Ribeiro foi a primeira a nos narrar esse assunto primeiro falando da sua ida a cidade para estudar, quando jovem, se hospedando em casa de parentes: “...é, eu vim com a minha tia... Agora eu tava muito nova, muito eu trabalhava muito!²⁸⁸” Situação que ainda hoje ocorre com muitas dessas pessoas; depois falando da mudança da família para os filhos estudarem:

Eu, eu fui pra Parintins. Quando acabou a juta, nós voltamos pra Parintins. Eu já tinha estes filhos (...). Pois é eu já tinha ele. Ele queria estudar, tava no tempo de estudar. Tive que voltar pra Parintins pra butar pra estudar. Ai o outro, também rapaz, veio e eu (inaudível), também depois já tava grande, precisando estudar aí nós saímos de lá do interior e vimos pra cidade pra butar pra estudar.²⁸⁹

Onde se percebe que os filhos estavam crescendo e a necessidade de estudos ficando cada vez mais forte. Ela nos conta que primeiro foi um filho, depois o outro, tornando insustentável a permanência na várzea. Embora, esta situação tenha melhorado muito nos últimos anos, ela ainda provoca a mudança de muitas famílias, da comunidade²⁹⁰, na várzea, para a sede municipal.

Seu Printes, filho mais velho de Dona Maria, em sua entrevista, vai confirmar o que sua mãe falou, dizendo: “Com dez anos eu saí de perto do meu pai pra poder

²⁸⁸ Ribeiro, 2018

²⁸⁹ Idem

²⁹⁰ Cruz, 2007, p.34 afirma que “Na várzea da Amazônia, essa unidade territorial foi denominada no primeiro momento de ‘vila’. A partir do final da década de 60 do século XX, com o trabalho pastoral da igreja católica, passou a ser denominada de ‘comunidade’ “

*ficar na cidade, estudar.*²⁹¹” acrescentando a narrativa anterior a idade com que foi para Parintins em busca de estudos.

Outro que também vai abandonar o trabalho na várzea para procurar estudos será Seu José, afirmando: *“E outra, eu tinha que estudar, meus irmãos tinha que estudar, e, eu vim embora pra Manaus e não voltei mais pra juta. O meu pai também deixou, foi a época que ele adoeceu né*²⁹²”, acrescentando um elemento novo que é o da assistência médica.

As mesmas dificuldades de acesso e logística, em função das distâncias, que afetam a educação, também atingem outras áreas como a saúde, pois é muito difícil montar uma estrutura de atendimento médico que possa oferecer uma cobertura satisfatória a todas as comunidades do município, principalmente as mais distantes. Seu Printes, aprofunda essa questão da estrutura (dos serviços urbanos) colocando ela como um dos principais fatores de migração para Manaus:

É pena que, como te falei, as autoridades de hoje, é, elas não dão a importância para o interior, pra ter, pra poder, manter o homem no interior. Pra poder o homem estar ali no interior, produzir, produzir no interior. Muitas vezes o homem do interior vem, na ilusão da cidade grande e acaba comprometendo a sua vida na cidade grande, de todas as formas porque, adoece, não produz mais.²⁹³

Nesse trecho, Seu Printes acusa as autoridades de colaborarem para precarizar ainda mais a vida do homem do “interior”, - da várzea - obrigando o mesmo a migrar para a cidade grande, a procura de melhorar de vida. Todavia, na opinião desse senhor, a vida na cidade grande, piora para a maioria das pessoas que migram para ela.

Ajuda a compreender o que Seu Printes afirmou acima, a forte atração populacional que Manaus passou a exercer, após a implantação do modelo Zona Franca. Tal ideia nos é apresentado Aldenor Ferreira (2016)²⁹⁴ ao enumerar os motivos do declínio da jiticultura no estado, e por Cruz²⁹⁵ ao falar da diminuição da população da várzea e o conseqüente aumento da população de Manaus.

²⁹¹ Printes, 2018

²⁹² Silva, 2018

²⁹³ Printes, 2018

²⁹⁴ Ferreira, 2016, p.59

²⁹⁵ Cruz, 2007, p.29

Ainda dentro da questão da estrutura, temos o episódio do ataque de uma cobra sucuri, a uma porca, dentro da casa da família de Seu Pedro que obrigou os seus pais a decidirem a mudança de todos para Manaus em busca de segurança.

Seu Printes, citou também, um outro elemento bastante significativo na relação entre cidade e interior (várzea), que era as inúmeras novidades que a cidade tinha a oferecer a uma criança vida dessas comunidades:

...de forma agradável eu lembro quando a gente ia pra cidade que meu pai levava, a gente saía na canoa, com os fardos de juta né, chegava em Parintins, vendia tudo; depois meu pai tava com grana, aí a gente ia comprar, tá entendendo. Era a parte interessante, tá entendendo, era a parte legal, era essa daí. Às vezes a gente ia lá em Vila Amazônia; pra você ter uma idéia, Vila Amazônia era até mais importante que Parintins em termo de comércio. A gente ia em Vila amazônia fazia compras né, eu lembro que o meu pai comprava marmelada; não tinha marmelada em Parintins, só se comprava em Vila Amazônia, e eu gostava de marmelada (risos). Hoje não, pode deportar isso aí que não faço nem questão (risos). Naquela época era um doce muito interessante, muito bom, eu achava bom demais.²⁹⁶

Dá até para imaginar o vislumbre de uma criança, vindo de uma região de várzea, ao se encontrar com inúmeras novidades, seja no campo da paisagem, seja com relação a produtos, como no caso da marmelada, em uma cidade. Embora ele não mencione, mas na forma como descreve as idas para a cidade, são para Seu Printes, uma forma de diversão. A questão da marmelada pode ser reforçada pela expressão de Michael Pollak (1992): “...a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado²⁹⁷”, possibilitando entender como um simples doce pode ocupar um espaço tão grande nas narrativas de uma pessoa.

Também chama a atenção, a comparação feita por ele, entre a cidade de Parintins e Vila Amazonas, com destaque para a segunda, em função da presença dos japoneses e as inúmeras atividades desenvolvidas por eles.

Outro elemento forte na relação entre cidade e várzea é a presença do centro urbano como local de descanso, em fins de semana, para quem não trabalha em comunidades longes da cidade, citados por Dona Irenilda: “Quando vinha pra cidade

²⁹⁶ Printes, 2018

²⁹⁷ POLLAK, Michael, *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, vol.5, n.10,1992, p.200-212. p.203

que passava final de semana com a mãe aqui nessa casa aonde eu nasci, me criei e estou aqui até hoje.²⁹⁸” e por Dona Marlene²⁹⁹:

Aí depois que eu vim do interior aí a gente morava aqui mesmo e eu só ia lá dia de sábado/ segunda- feira... quando era sexta-feira eu vinha embora, aí quando era na outra semana a gente ia de novo trabalhava de segunda a segunda, eu ficava de segunda até sábado...³⁰⁰

Embora, a definição dos dias da semana em que ela ia ao local de trabalho e os que voltava para a casa na cidade pareçam confusos, o que importa é a ideia de que a várzea era o local de trabalho e a cidade o de descanso.

O último ponto a ser citado na relação entre cidade e várzea é com relação à atividade comercial. Este tema será narrado por Dona Irenilda no trecho a seguir:

É... vendia. Tinha os patrões... e aí quando nós moramos aqui no Valente, nós moramos 2... 3 anos aí eu criava muita galinha, ovos, eu juntava galinha, 2/3 frango, eu mandava pra minha irmã vender... ela comprava farinha, mandava ovos, ela comprava o ranchinho que quase no patrão ele só ia tirar dinheiro assim pra pagar os pessoal... que trabalhava, ele passava mês pra lá trabalhando... ia prestar conta e ele ia tirar o dinheiro mas nós nunca ficamos devendo...

Não... a gente só fazia entrega... ele pescava.. ele fazia entrega de carne de jacaré, de pirarucu, de capivara, coró de jacaré ele entregava pra esse patrão...

Era tudo com o patrão... Ele pescava muito, tinha era muito farto lá nesse lado que a gente morava.. ele fazia tudo isso.. ele deixava os meninos no trabalho do roçado e ele pescava... tinha dias dele pegar 5/6 pirarucu... os pirarucu até de 80 kg de dar 12 postos de pirarucu... aí a primeira... a primeira entrega de produto da comida nos entregamos 850 líquido de todo que tinha... jacaré, a carne de jacaré, o coró, pirarucu, capivara, tudo seco né.. entregamos 850 kg líquido aí foi uma ponta beeemm entrada na despesa e nós tiramos um bom saldo.³⁰¹

Nesta longa narrativa, é possível destacar uma série de outros produtos, que concorriam com a juta no comércio com a cidade, com destaque para carnes de

²⁹⁸ GARCIA, Irenilda Evangelista. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 18 de outubro de 2018

²⁹⁹ Pelo fato de Dona Marlene e Seu José terem o mesmo nome de edição - Silva - e terem o mesmo ano de edição, 2018. Para não te confundir, no corpo desse trabalho, toda vez que Dona Marlene for citada, seu nome de edição será sucedido do algarismo 2.

³⁰⁰ SILVA, Marlene Gonçalves da. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 19 de outubro de 2018

³⁰¹ Garcia, 2018

vários tipos de animais caçados e o pirarucu, além de couro de jacaré³⁰². Essa narrativa, reforça o tema das outras atividades econômicas desenvolvidos nos capítulos anteriores e nos ajuda a afastar estas pessoas da visão estereotipada de trabalhadores presos a uma “dívida gosmenta³⁰³” da qual nunca poderiam se libertar. Até aparece a figura do patrão, existe a realidade do adiantamento, mas, além de eles não serem obrigados a trabalhar somente com juta, ainda Têm a possibilidade de extrair riquezas de outras fontes disponíveis na área.

d. A beleza e a fartura da várzea

Nesse tópico, caro(a) leitor(a), me deparei com algo digno de nota: somente os três entrevistados do sexo masculino fizeram uma descrição do ambiente vivido por eles na várzea e da fartura presente nele. As quatro entrevistadas do sexo feminino, passaram ao longe desse assunto, limitando-se a narrar elementos relacionados o trabalho em si e a forma como participaram dele. Confesso que não tenho uma resposta precisa para esse fenômeno, mas, a partir das leituras que tenho, é possível apontar algumas pistas, alguns elementos capazes de nos levar a compreendê-lo.

Dentro da História Oral, a primeira pista vem de Alessandro Portelli (2015) quando afirma: *“Por outro lado, a oposição entre memória e esquecimento também é falsa porque o esquecimento é parte necessária da memória. (...) mais do que um armazém de dados, a memória é um trabalho constante de busca de sentido³⁰⁴,”* onde é possível compreender que, aquilo que não foi lembrado, não possui sentido para quem está narrando. Julia Matos e Adriana Senna (2011) reforçam essa linha de raciocínio ao afirmar que: *“...de certa forma, filtramos nossas lembranças, ativando aquilo que queremos, que nos é significativo³⁰⁵”* e *“Portanto, a memória é*

³⁰² É importante que você entenda que, nesta época, não havia a preocupação com a manutenção das populações de animais silvestres entre ele a capivara e o jacaré citados. Tampouco do pirarucu.

³⁰³ Cf. SILVAN, Denison. *Trabalhadores da juta na Amazônia: trajetória de luta, suor e sofrimento*. 2018. 245f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas. p.72

³⁰⁴ PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e voz. 2016. p. 47

³⁰⁵ MATOS, J.S. & SENNA A.K. *História oral como fonte: problemas e métodos*. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011. p.96

*sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado*³⁰⁶” onde fica claro que a memória só recupera e permite ser narrado aquilo que para ela considera digno de significado e que pesa na construção da memória os acontecimentos do tempo presente: são eles que farão com que determinados assuntos sejam trazidos à tona e outros fiquem esquecidos. Reforçando essa ideia de construção a partir do presente Verena Albert (2004) afirma que “...as formas de concepção do passado são também formas de ação (...) conceber o passado é também negociar e disputar significados e desencadear ações³⁰⁷” afirmando ser esse filtro, essa construção do passado algo que não é realizado de forma passiva, mas é uma ação deliberada do sujeito. Por último Maria Rita Kehl afirma que: “A função da memória, (...) é essencial para manter nosso sentimento imaginário de identidade ao longo da vida³⁰⁸” onde se percebe que todo esse trabalho é para construir um sentido de pertença a uma determinada categoria ou grupo.

Também é possível identificar, no campo das ciências sociais, informações que nos ajudem a entender essa situação. O primeiro a trazer essas pistas é Witkoski (2007) ao afirmar:

...a unidade de produção camponesa é marcada por uma predominância da divisão sexual do trabalho. Essa divisão engendra, no mundo da família camponesa, aquilo que poderíamos denominar de um *mundo de dentro* (mundo do universo feminino) e um *mundo de fora* (mundo do universo masculino).³⁰⁹

Onde se percebe que as tarefas ligadas ao lar, são femininas e as atividades ligadas à aquisição do sustento são masculinas. Temos outra pista com Roberta Andrade (2015) que complementa essa informação afirmando:

É muito recorrente no discurso dos respondentes, inclusive das mulheres, a denominação do afazer masculino tanto na agricultura quanto nas demais atividades produtivas como trabalho e das atividades femininas como ajuda,

³⁰⁶ Idem, p.97

³⁰⁷ ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2004. p. 33

³⁰⁸ KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. 2ª Ed. São Paulo: Bomtempo. 2015. p.127

³⁰⁹ Witkoski, 2007, p. 193

mesmo que as ações desempenhadas sejam iguais ou equivalentes às dos homens...³¹⁰

Onde se depara com a ideia, bastante difundida na região de que a participação das mulheres nas atividades geradoras de lucro, como a juta, independente da intensidade, são consideradas como ajuda.

Pedindo desculpas a ti pelo alongamento da conversa - que considero necessária - vamos a descrição da beleza e da fartura da várzea feita pelos senhores entrevistados.

Primeiro destaco a descrição sobre a fertilidade da várzea feita por Seu Pedro:

...é mesmo que o Nilo, né. É mesmo que o Nilo, é a dádiva daqui. O Amazonas vai ao fundo, quando vai ao fundo não precisa de adubo, não precisa de nada. Sê planta tudo dá.

Tudo que você plantar na várzea dá porque a terra é boa. Não é como as terras firme daqui.³¹¹

Com uma curiosa comparação com o rio Nilo na África, que drena e fertiliza uma região desértica, Seu Pedro demonstra conhecer a clássica afirmação de Heródoto, de que o “*o Egito é uma dádiva do Nilo*” e faz uma curiosa analogia com o rio Amazonas que faz um processo idêntico na várzea regional. Ao término dessa descrição ele afirma que nas terras da várzea, tudo que se planta dá; diferente da terra firme que não tem o mesmo índice de fertilidade. Todavia, mais adiante, este sujeito de pesquisa vai enumerar um único tipo de solo, na terra firme com o mesmo nível de fertilidade que a várzea:

A terra preta sempre dá! A terra preta você faz um roçado, você derruba e queima, você não vai precisar plantar um pé de mamão, ele nasce. Nasce como mato aí você só faz desfilhar ele e tirar a coisa lá. É uma coisa incrível na terra preta, não precisa você plantar não, ele nasce por ele mesmo!

Tudo é terreno do índio!³¹²

³¹⁰ ANDRADE, Roberta F. Coelho, *A composição da vida no beiradão do Rio Amazonas: memórias e identidades ribeirinhas*. Manaus, EDUA, 2015. p. 183

³¹¹ Santos, 2018

³¹² Idem

Este tipo específico de solo, só existe onde, por gerações habitaram populações humanas. Em outras palavras é um solo que já foi trabalhado pelo ser humano, remonta às antigas civilizações que viveram na Amazônia em tempos remotos. Em função dessa característica particular, a terra preta é de grande utilidade para a agricultura, mas, também, para as pesquisas arqueológicas, por são sempre sinais da presenças de civilizações pretéritas³¹³.

Seu Printes, irá apresentar um outro tipo de terreno bastante fértil também: as restingas que se formam constantemente na Amazônia em função do trabalho de erosão e posterior sedimentação feito pelos rios de águas barrentas³¹⁴. No caso em particular, vai descrever uma restinga surgida na frente da cidade de Parintins.

E na época, quando começou a aparecer esta restinga, todo mundo falava: “é a cobra grande”, olha o tamanho dá, aqui no meio do rio, e eu tava ali tá. Hoje não, hoje a restinga tá tão grande, essa faixa de terra tá tão grande, que as pessoas quando o, o rio baixa, né, as pessoas lá de Parintins vão pra lá plantar milho, plantar melancia, plantar jirimum, tudo porque é uma terra bem grande, bem fértil, bem fértil.³¹⁵

Adentrando um tema que irei te expor mais tarde, Seu Printes fala do recurso a lenda da cobra grande para justificar o surgimento de um imenso banco de terras no meio do rio, na frente da cidade. Mas o que, mais interessa para essa conversa é a descrição da fertilidade dessa terra e o seu aproveitamento, pela população local, para todos os tipos de produções de ciclo curto³¹⁶.

Ainda no campo da fartura, Seu José descreveu a fartura da vida na várzea ao afirmar:

Mas por outro lado era boa, a gente tinha cumida a vontade, a gente só comprava o café, é, a farinha e o arroz praticamente. Café tinha na lavoura, a macaxeira a gente tinha na lavoura né. E o tomate, cebola, essas coisas

³¹³ Você poderá compreender com mais profundidade este tipo de solo e as suas múltiplas utilidades conferindo: SANTANA, Genilson Pereira. *Terra preta de índio na região amazônica*. Scientia Amazonia, v. 1, n.1, 1-8, 2012. Revista on-line <http://www.scientia.ufam.edu.br>

³¹⁴ Uma explicação detalhada do processo de formação de uma restinga você pode encontrar em Cruz, 2007, p. 119-120

³¹⁵ Printes, 2018

³¹⁶ Esse é um detalhe que preciso de lembrar: como a várzea é coberta pelas águas dos rios durante a enchente, nela não podem ser plantadas culturas de ciclo longo, por a produção seria perdida com a cheia. Sendo assim, só se planta nessa área culturas de ciclo curto, que possam ser colhidas antes que as águas subam.

assim, tudo a gente plantava. A gente tinha um canteiro grande, cebola, ninguém comprava nada disso.³¹⁷

O curioso dessa passagem, é que ela é feita depois que ele narrou as dificuldades do trabalho com a juta dentro d'água, por isso temos a presença da adversativa. Por essa descrição, temos uma região onde pouca coisa precisa ser comprada fora.

Seu Pedro, vai completar esse assunto com a narrativa sobre a fartura de peixes onde moravam: *“Há na juta era peixe, peixe, carne, era muito raro comer carne. É que naquela época as coisas ainda eram muito fartas. Só era peixe, só era peixe³¹⁸.”*, na qual se percebe uma natureza bastante generosa com os moradores da região da várzea.

Fechando essa parte, temos três narrativas de Seu Printes, descrevendo a beleza da região onde ele trabalhou com juta.

Primeiro temos a descrição do espetáculo dado pela natureza toda vez que ele e seu pai atravessavam o rio Amazonas para entregar juta em Parintins ou em Vila Amazonas:

Então atravessava o Rio Amazonas, porque a gente tinha que atravessar de madrugada porque a gente precisava cruzar, ir pra Parintins cedo. A gente ia cedo pra Parintins, saía cedo, cedo mesmo, noite ainda, tá entendendo; tanto que uma das imagens mais bonitas que eu tenho na memória, é muitas vezes quando a gente tava chegando em Parintins o sol tava nascendo exatamente do lado que a gente tava saindo; aquela bola de fogo por traz da mata, era uma imagem lindíssima.³¹⁹

Salta aos olhos, a força com que essa imagem específica, ficou marcada na memória de Seu Printes. Algo tão marcante em sua infância que até hoje encontra-se presente em sua memória. Isso é algo que talvez possa ser compreendido através do trabalho de investigação da memória *“...lá onde ela não é apenas significado, mas também, acontecimento³²⁰, ação.”*, como nos diz Alberti (2004). Todavia, isso não seria possível em um trabalho como esse.

³¹⁷ Silva, 2018

³¹⁸ Santos, 2018

³¹⁹ Printes, 2018

³²⁰ Alberti, 2004, p.36

Na segunda narrativa sobre o assunto, Seu Printes faz um balanço geral na vida no interior (várzea) e a define assim: “É uma vida interessante o interior...tenho um tio que mora no interior, né, e esse meu tio nunca trabalhou com juta, e ele mora lá em Ancurapá, e eu digo que ele mora no paraíso,³²¹”. Tal afirmação não é de toda nova, já tive a oportunidade de acompanhar muitos estrangeiros em visita pela Amazônia, e é muito comum ouvir deles a frase de que quem mora em contato com a floresta, mora no paraíso.

Após classificar a vida no interior como uma vida no paraíso, Seu Printes fez uma extensa narrativa exemplificando as razões dessa beleza:

Olha, as histórias de interior, assim da vinda no interior, é muito enriquecida, é enriquecida por muitos episódios, por muitos fatos, por muitas, por muitas andanças, tá entendendo, né. E, como eu te falei eu andei pelo, com o meu tio, meu pai, pelo, pelo Paraná do Espírito Santo, pelo Lago de Faro, pelo paraná do Limão, pelo Lago do Jacaré. Todo ali eu andei com o meu pai, pescando, é andando, visitando amigos que meu pai fazia, tá entendendo! É, lá no Lago do, no Paraná do Limão tinha um senhor lá chamado Seu Justino, que era amigo do meu pai. quando sai de férias, quando eu não chegava no colégio, estudava num colégio lá em Parintins, saia de férias e ia lá pro Seu Justino. Era muito legal, alí ele criava gado. Por rapaz, eu já acordava de madrugada, de madrugada o pessoal ia tirar leite, eu tava lá no, ná.

Poisé, então, é, era muito bacana, sabe. E pescar, a gente também pescava lá no, Limão. É, caça, pato do mato, tá entendendo; a gente cumia pato do mato, lá no Limão, porque era uma fartura, rapaz: pato do mato, é, pato, miuau, mergulhão, garça, é um, é uma beleza lá no Limão, uma fartura incrível, sabe. E eu ia pra lá porque eu gostava de tá no meio do, aquela (inaudível) de tirar leite de manhã e comer coalhada, tudo isso tinha lá!³²²

De tudo o que você leu acima, seria até inflacionário tecer alguma explicação, pois, aí temos uma fotografia bem detalhada do que ver quem mora no interior.

e. Outros temas

Este último ponto, da descrição da várzea feita pelos sujeitos dessa pesquisa, quero conversar contigo sobre vários temas importantes levantados, nas entrevistas, por esses homens e mulheres, mas que não seriam possíveis de serem

³²¹ Printes, 2018

³²² Idem

enquadrados em uma categoria como citado fiz até aqui. São informações soltas, apresentadas por eles em particular.

Começo falando em diversão na várzea, até porque, é o único dos temas que irei apresentar, nessa parte, citado por mais de um dos entrevistados. O primeiro a apresentar alguns aspectos de diversão na várzea foi Seu Pedro quando fez a seguinte narrativa: *“Às vezes eu trabalhava domingo porque meu pai me castigava, não guardava domingo. No Testemunha de Jeová não se guarda domingo. Às vezes eu ia pra uma festa e chegava meio assim aí ele diz vai trabalhar. Curava a ressaca trabalhando.”*³²³ falando das festas frequentadas por ele nos dias de sábado mesmo contra a vontade de seu pai que o castigava mandando ir trabalhar no domingo. No final da entrevista ele ainda narrou como conseguia recursos para ir a essas festas: *“...eu cansei de matar pirarucu quatro horas da tarde pra ir pra festa tomar gelada”*³²⁴, *sem um tostão no bolso vou te dizer. Eu digo; “...vou matar um pirarucu agora” e eu ia e matava mermo. Matava ele, metade ficava em casa...*³²⁵ narrativa que vem de encontro a ideia apresentada por Witkoski (2007)³²⁶ ao falar do gado como poupança, como reserva para necessidades. Mesmo se tratando de diversão, não deixa de ser uma necessidade para Seu Pedro.

Além das festas, como não podia deixar de ser em um país onde o futebol é o esporte mais popular, temos também narrativas sobre a prática desse esporte. Primeiro apresentado por Seu Pedro: *“...eu conheci o Rui e uma poção de gente que jogava bola aqui no América. O Rui, nó tinha um time. Meus parentes tinham um time lá na ilha do Cumarú, a Portuguesa, iam jogar, eu era minino e ia com eles.”*³²⁷ Depois apresentado por Seu José:

A gente, as vezes a gente fazia de tudo pra terminar cedo, eu com os meus irmãos, né. Que eu sempre tive dois irmãos mudo, o mais velho e o mais novo. A gente fazia de tudo pra acabar cedo pra nós jogar uma bolinha. Como tinha um capo grande lá, a gente jogava bola.

³²³ Santos, 2018

³²⁴ Expressão regional que se refere a cerveja

³²⁵ Santos, 2018

³²⁶ Witkoski, 2007, p.243: ...Assim, do rebanho bovino pequena quantidade de cabeças é mantida a duras penas, na época da enchente/cheia, na terra firme ou em marombas, como uma espécie de caderneta de poupança.

³²⁷ Santos, 2018

O velho ficava meio puto (risos) mas a gente sempre dava um jeito de jogar bola!³²⁸

Nas duas narrativas, o futebol é apresentado como uma das principais formas de lazer nesse ambiente. Seja com um times constituído, no caso apresentado por Seu Pedro; seja como uma simples forma de relaxar após as atividades laborais conforme a narrativa de Seu José.

Chama a atenção, nas narrativas desses senhores o “matar pirarucu para tomar gelada” ou, “a gente dava um jeito de jogar bola” mostrando as estratégias juvenis para se divertirem nesse ambiente.

Seu Printes, vai apresentar duas informações importantes para a proposta de compreender a várzea onde essas pessoas trabalharam. A primeira delas é o trabalho em mutirão quando narrou o momento do corte da juta:

...mas já vi meu pai cortando. Meu pai tinha foïçe, ele cortava, as vezes chamava os vizinhos lá, fazer aquele processo né, de mutirão e, um ajudava o outro, um vinha ajudava ele e ele ia pra outra comunidade ajudava o outro e era assim, sabe. É animado por isso, muitas vezes a atividade torna-se animada, a gente olha pra todo este processo e também tem um lado, lado positivo, né, de você construir amigos, construir amizades, né; ajudar, ser ajudado. É, é legal.³²⁹

E quando relatou o incêndio ocorrido em sua casa quando era criança, o que para ele foi a lembrança mais triste dessa época. Sobre como eles ficaram depois disse ele falou assim: “...depois a gente se acomodou na casa de um vizinho, mas o meu pai rapidamente, rapidamente com outros companheiros de lá logo construiu uma casa.³³⁰” Tal informação vem reforçar a ideia defendida por Andrade (2015)³³¹ de que as relações sociais nessa região são pautadas pela solidariedade. Também Witkoski (2007)³³² e Cruz (2007)³³³ dedicarão uma parte de suas obras exaltando

³²⁸ Silva, 2018

³²⁹ Printes, 2018

³³⁰ Idem

³³¹ Andrade, 2015, p.272

³³² Esse autor começará dizendo que até mesmo a farinhada (fabricação da farinha) é algo que culturalmente é feito em mutirão, o que explica, na visão dele, a pouca quantidade de casas nas comunidades com a presença de equipamentos para essa atividade. Cf. Witkoski, 2007, p.212

³³³ Esse autor descreverá a dinâmica dessa atividade e as várias formas de uso dela para o benefício da comunidade ou de membros dela. Cf. Cruz, 2007, p. 48-49

esse espírito de solidariedade e mostrando o modus operandis dessa forma de trabalho.

A segunda informação importante apresentada por Seu Printes, a qual seria de grande valia para um futuro estudo sobre a evolução da navegação na Amazônia foi a descrição da maneira como se atravessava o rio, em uma época onde ainda não haviam chegado por aqui os motores movidos a combustão. Primeiro ele vai descrever como se navegava naquela época e o cenário visto da beira do rio:

...o motor é agora, o motor é agora. O, a travessia do rio era a vela, e quando tinha a vela, muitas vezes não tinha vela e ia no remo mesmo. Ná época não tinha motor. Hoje não, hoje você não vê mais a vela. Olha Frank (Franco), Parintins era uma coisa interessante; era bacana, era bonito rapaz. Você vê, por exemplo em Parintins, ao, eu acredito que umas dez horas, onze horas da manhã, você olhava no rio, umas quatro velas atravessando o rio, quatro ou cinco velas atravessando o rio. Era vela vermelha, vela azul, vela branca, tá entendendo, atravessando o rio. Não tinha a rabeta, hoje você vê é “prrrrrr, pá,pá,pá,pá,pá,pá!”

Direto, não tem mais as velas. Isto é a rabeta; naquela época era a vela, o cara metia a vela, o barco corria aqui rapaz, tipo uma voadeira, me lembro...³³⁴

Depois vai descrever como era o procedimento para a navegação a vela:

...eu via que a canoa tinha um buraco bem no meio, quando, no banco da frente, da proa, era forte o banco, reforçado, no meio dele se colocava o mastro da vela, tá entendendo. Era assim, e lá atrás, quem ia segurando a vela, hora soltava a vela, é isso aí: solta a vela, segura, solta...

...exatamente! O meu pai ia pescar, naquele tempo papai ia pescar e eu ia com ele, ele sentava no centro, no meio da canoa, e ele ia remando, só ele, e como é que era o controle, da canoa, se a gente não ia atrás pra guiar? Aí tinha o “João de pau”, não sei se você conhece o “João de pau”?

Era assim que a gente chamava. O “João de pau” era assim, tem a canoa, tem a cano, aqui a canoa. aí, o remador tem que ir na frente, no caso o meu pai, tem que ir na frente, remando, lá na frente. E o menino tá aqui no meio, eu não vou remar, se for remar eu posso ter o risco de cair ai que como, a canoa não vai virar, não vai ficar a deriva; aí entra um cidadão aqui chamado “João de pau”, que é um instrumento de madeira, um leme de madeira que é fixo, tá entendendo.³³⁵

³³⁴ Printes, 2018

³³⁵ Idem

Novamente, não por falta de vontade, mas pela clareza da explicação, não vejo a necessidade de comentários adicionais. Com essa descrição já temos uma ideia de como se navegava pelos rios da Amazônia naquela época.

Finalizando essa parte, te apresento um fragmento que pode ajudar bastante na compreensão da condição feminina no ambiente de trabalho da várzea - te lembro que, em outros momentos, já te falei do conceito de ajuda atribuído ao trabalho feminino.

Quando perguntada sobre divertimento no ambiente de trabalho da várzea, Dona Maria da Daíze informou o seguinte: “*Aí manazinha, meu divertimento era tratar dos filhos.. fazer comida.. Cuidar dos filhos, não tinha divertimento nenhum.. era muito cumurim!*”³³⁶ Tal situação, até pode não ser aplicada a todas as mulheres que viveram e trabalharam no ambiente da várzea, mas certamente se aplica a um grupo significativo delas, cujas vidas se resumem ao trabalho doméstico. Por não ser o ponto central dessa discussão, não vou me aprofundar nele, embora vontade não falte de fazer isso.

2. Universo religioso, mitológico e medicinal dos trabalhadores da juta.

O último ponto que quero conversar contigo, caro(a) leitor(a), é com relação ao universo religioso, mitológico e medicinal vivido pelos(as) trabalhadores(as) da juta no ambiente da várzea. Talvez estejas estranhando a presença do item medicina neste bloco, ela resulta da forma como a população da várzea amazônica concebe uma parcela significativa dos males do corpo: com advindo de forças sobrenaturais o que faz com que seja inserida dentro do universo religioso. Esta é a razão porque, apesar de ser um tema a parte, não podemos falar da medicina da várzea amazônica, fora da concepção de sagrado e de sobrenatural dessas pessoas.

a. Simpatias e medicina na várzea

³³⁶ CARNEIRO, Maria da Daíze Jacaúna. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 16 de outubro de 2018

Apesar de, em toda localidade de interior, seja várzea, seja terra firme, ter uma forte tradição de tratamentos, chás, bênçãos e outras formas de cura para os males do corpo e da mente, somente um dos nossos entrevistados vai tocar no assunto: Seu Pedro. Com todos(as) se conversou sobre o universo religioso mitológico, mas somente ele se sentiu à vontade para narrar pequenos trechos sobre o assunto. Poder ser que seja pela aproximação dele com quem o entrevistava³³⁷, algo que, segundo Portelli (2016)³³⁸ tem um peso muito grande na condução e no sucesso da entrevistas. Independente das motivações, te convido a conversarmos, um pouco, sobre essa área a partir das narrativas desse senhor.

Primeiro vou te apresentar dois pequenos fragmentos sobre as crenças de Seu Pedro e de sua comunidade sobre simpatias. A primeira diz respeito ao que se dizia na comunidade em que ele trabalhou sobre ferroadas de arraia:

Eu vi um homi lá, que trabalhava com nós no roçado do meu cunhado que, interessante, que, tem certas coisas que a gente conta assim, as vezes é uma, digamos assim, é uma simpatia. Mas toda pessoa que trabalhou naquele roçado não bebesse cachaça a arraia ferrou, a arraia ferrou. Meu cunhado foi um que gritava como todo coitado!³³⁹

É claro que não há nada de científico que possa explicar isso, e nem faz parte da proposta desse trabalho se debruçar acerca de tais questões. Eu as estou te apresentando somente para que entendas como funcionava o sistema de pensamento dele e dos seus contemporâneos a respeito de um tema tão falado no ambiente de trabalho da juta³⁴⁰. O próprio Seu Pedro não confirmou e nem negou se bebia cachaça para se proteger das ferroadas de arraia. O que soube, a partir de sua entrevista, é que ele sofreu três acidentes com esse bicho.

A segunda simpatia, ele vai nos apresentar no episódio em que narra a captura de uma arraia de grande porte. Segundo ele, após arpoar o animal, este grudou no solo do rio (o que parece ser um comportamento comum desse animal em situações como essa) e não vinha à tona, por mais força que ele e seu parceiro de pescaria

³³⁷ Te recordo que Seu Pedro é pai e inspiração para esse trabalho, desse pesquisador que vos fala. Essa entrevista, em função dessa particularidade, foi a mais demorada e a que mais me rendeu material de trabalho.

³³⁸ Portelli, 2016, p.12

³³⁹ Santos, 2018

³⁴⁰ Assunto bastante comentado no nosso segundo capítulo.

fizessem. Foi aí que entrou em cena um tio de Seu Pedro, denominado Egídio que chegou em cena e onde ocorreu a seguinte narrativa: *“Tio Ezídio, eu harpuei um bicho aqui, e ele amarrou ali. Dá aqui sua brejeira de tabaco^{341!}” Isso é que é uma ciência meu irmão. O cara passa o tabaco na linha. Lá vem, lá vem, lá vem.*³⁴²

Sobre peixes ou animais aquáticos que se prendem ao fundo do rio, tornando difícil a tarefa de puxá-los para fora, existem muitas simpatias para essa soltura, narradas por pescadores, das quais a de passar tabaco na linha é uma delas. Novamente me vejo diante de algo que não dá para buscar evidências científicas. Embora, do ponto de vista pessoal, pense ser um problema interessante para algum colega de biologia ou de física estudar tais assuntos.

Sobre a questão de medicina, ao narrar como se curou da primeira das três ferroadas de arraia que sofreu, Seu Pedro fez a seguinte narrativa:

Naquele tempo tinha aquelas injeção de penicilina, rapaz eu tomava uma daquela de não sei quantas unidades, caramba meu irmão! Meu braço ficava morto de tanta dor! E não sarava meu irmão, não sarava, não sarava aí, ei vim aqui em Manaus buscando aí um cara disse: “banha de boto, banha de boto sara qualquer enfermidade!”. Comprei no mercadão, banha de boto, é como banha de cobra, sara qualquer enfermidade, banha de cobra e a banha de boto. Passava assim, fedorento no mundo!

Agora, eu sentia que aquilo ia fechando, cicatrizando. E ficou bom!³⁴³

Embora seja somente um fragmento, e trate de um caso particular, essa fala de Seu Pedro sintetiza muito bem a relação da população do interior amazonense, principalmente da várzea com os dois tipos de medicina: a dos sistemas de saúde e a natural. Perceba pela narrativa dele que as duas formas de medicina foram usadas, com predomínio, em termos de eficiência e aceitação, da medicina natural. Sobre essa visão da medicina, Andrade (2015) apresenta a seguinte chave de compreensão:

O uso das ervas medicinais não significa que os respondentes tenham aversão aos remédios obtidos na cidade. Trata-se da alternativa que está

³⁴¹ Termo usado tanto no Nordeste como na Amazônia e se refere a porção de fumo de rolo que o homem do campo masca ou conserva na bochecha, por vezes tirando-a da boca e guardando-a atrás da orelha.

³⁴² Santos, 2018

³⁴³ Santos, 2018

ao alcance das suas mãos, que não depende de dinheiro para a sua aquisição e que, há séculos, tem apresentado resultados satisfatórios para muitas enfermidades...³⁴⁴

E Witkoski complementa:

Utilizando-se da floresta de terra firme e da floresta de várzea, com territórios biológicos distintos e complementares, os camponeses amazônicos possuem verdadeira e significativa *farmácia viva* no meio ambiente em que habitam.³⁴⁵

...Extrair da floresta de terra firme ou da floresta de várzea essa biodiversidade de plantas implica (re)conhecer o conhecimento herdado e produzir um renovado conhecimento que carrega, como objetivo essencial, a incumbência de perpetuar a diversidade social da vida.³⁴⁶

Nesses fragmentos temos três explicações bem consistentes acerca da preferência pela medicina natural por parte das populações do interior amazônico - da várzea no nosso caso específico. A primeira, é com relação a facilidade de acesso a esses recursos. Andrade (2015), no primeiro texto, é muito certa ao dizer que eles utiliza-se dos remédios e tratamentos originados na cidade, mas que a medicina natural está ao seu alcance. Ao que Witkoski (2007) complementa falando da abundância de opções de terapia e tratamento disponível a eles no ambiente em que vivem, no primeiro texto, e falando da força do conhecimento tradicional presente no trato com a medicina natural.

Completando as explicações da academia para essa questão Renan Freitas Pinto (1982) apresenta as seguintes informações:

O conhecimento das propriedades medicinais de uma grande variedade de plantas constitui uma das formas de controle da natureza para assegurar os padrões de existência das famílias.

Apesar de, em cada casa, ser possível encontrar plantas medicinais, há sempre na vila uma família que se especializa no cultivo de uma grande variedade de plantas para a produção de remédios. Essa produção é mantida pela mãe da família, secundada pelo marido ou pelos filhos.³⁴⁷

³⁴⁴ Andrade, 2015, p.216

³⁴⁵ Witkoski, 2007, p. 268

³⁴⁶ Idem, p. 269

³⁴⁷ PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. *Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no Médio Amazonas*. 1982. 187 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia, Política e Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p.133

Onde as questões culturais são reforçadas com a inserção do controle da natureza no uso desses medicamentos e na existência de alguém especializado, em cada comunidade, nesse tipo de medicina.

b. A religiosidade do povo da várzea

Em termos de religiosidade, oficialmente, temos o predomínio do catolicismo na várzea amazônica, apesar do avanço das igrejas denominadas de evangélicas nas últimas décadas. Todavia, temos nesse caso, uma religião completamente diferente da encontrada nas grandes cidades. Sua religião em uma grande mistura conforme nos diz Eduardo Galvão (1955) nessa passagem: *“O caboclo de Itá, como da Amazônia em geral, é católico. Não obstante, sua concepção do universo está impregnado de ideias e crenças que derivam do ancestral ameríndio.”*³⁴⁸ Todavia, essa mistura, também ocorrida em outras partes da América, aqui se comporta de forma diferente porque, segundo esse mesmo autor: *“A integração dessas crenças no corpo da moderna religião do caboclo, não assumiu, porém, a forma de “sincretismo” que se observa nos cultos afro-brasileiros de algumas regiões do país (...) A “pajelança” e o culto dos santos são distintos e servem a situações diferentes*³⁴⁹”.

Com esses dois exemplos, espero que tenhas compreendido que estamos diante de um “sistema religioso”³⁵⁰, como também nos diz Galvão (1955), onde duas formas de religiosidade convivem harmoniosamente e são usadas em momentos e situações distintas. Mark Herris (2006), outro autor que nos ajuda bastante a entender esta expressão religiosa, vai nos ajudar nessa compreensão dizendo que: *“Desse modo, ‘somos católicos’ é uma afirmação positiva sobre a maneira como se percebem e sua conexão com o ambiente. (...) Isso sugere que o catolicismo é visto quase como uma demonstração de fato, de bom senso e observação, e não como*

³⁴⁸ GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. p. 3

³⁴⁹ Idem, p.6

³⁵⁰ Idem. p.7

*uma questão de crença*³⁵¹.” ficando esse catolicismo presente na várzea amazônica como um dos componentes da cultura. Ele é mais do que um religião é a forma dessas pessoas se conectarem com o ambiente.

Após essa conversa inicial, te convido a ver comigo, como esses homens e mulheres via essa situação.

Sobre o catolicismo, em si, somente temos um pequeno trecho da narrativa de Dona Maria Ribeiro falando do culto dos santos. Na primeira entrevista, somente comigo, pouco antes de encerrar ela assim falou: *“Eu tô aqui diante dos meus santos, eu tô olhando pra eles. É, eles tão bem, me protegendo e tão me ouvindo! (risos)*³⁵²”, na entrevista na presença de meu orientador, ao ser indagada sobre sua religião ela disse: *“...é, eu tenho uma Nossa Senhora de Nazaré! Eu tenho santos!*³⁵³”. Os demais, não deixaram explícito a sua religião, mas, pela forma como se referiam aos fenômenos naturais, a possibilidade de não serem católicos é pequena. Desses, o único que tenho certeza que é católico, é Seu Pedro^{354/355}.

O culto aos santos, é, ao menos para o catolicismo popular, o centro da sua religião. Os santos para os moradores da várzea são uma espécie de ser ou entidade protetora. Essas pessoas, embora acreditem em um Deus criador, dirigem seus pedidos e fazem as suas oferendas, diante dos santos. Nisso faz sentido a expressão de Dona Maria ao se referir aos santos como espécie de seres poderosos que a ouvem e protegem.

Galvão (1955), vem explicar melhor essa situação quando diz: *“Os santos, podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santos baseia-se (sic) num contrato mútuo, a promessa...*³⁵⁶”. Dentro desse pensamento religioso, cada santo tem uma responsabilidade para com as realidade terrenas

³⁵¹ HARRIS, Mark. *Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo*, in. ADANS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 98

³⁵² Ribeiro, 2018

³⁵³ Idem

³⁵⁴ Novamente te lembro que trata-se do pai desse pesquisador que te fala.

³⁵⁵ Para que não fiques em dúvida, já que acima, Seu Pedro mencionou ser Testemunha de Jeová: ele cresceu em uma família que frequentava essa religião e aos poucos foi se aproximando do catolicismo. Ao casar com uma moça de família tradicionalmente católica, assumiu de vez a pertença a essa religião.

³⁵⁶ Galvão, 1955, p.42

(amor, comércio, trabalho, etc) e atua auxiliando os seres humanos em problemas que envolvem essa sua área de responsabilidade: quem tem dificuldades de encontrar a pessoa amada, por exemplo, pode recorrer a Santo Antônio, que, na crença popular, é quem responde por esse assunto. Esse auxílio porém, segundo essas pessoas, se dá a partir de uma contrapartida a ser prometida diante da imagem do santo, a qual deve ser paga, caso se obtenha aquilo que foi pedido - a graça. Esse é o cerne do contrato mútuo apresentado acima por Galvão.

Dentro dessa forma de conceber a relação entre as pessoas e o santo, Galvão, um pouco antes desse fragmento, vai nos citar que: “... *O tema mais comum dos relatos de milagres é o da punição de um faltoso pelo santo a quem fizera uma promessa e deixara de pagar*³⁵⁷.”, assinalando o que pode ocorrer com quem recebe a graça e não cumpre a promessa feita. Esse mesmo autor, mais adiante vai afirmar que a preocupação das pessoas dessas localidades não é com relação ao pecado em si, mas sim em cumprir as promessas feitas ao santo. Para eles, qualquer outro tipo de crime se torna um problema para a lei; agora, deixar de cumprir uma promessa a um santo, é uma falta gravíssima que pode submetê-los a uma punição, disso eles têm medo³⁵⁸.

c. Os mitos da várzea.

Este é o elemento, dessa temática, onde esses homens e mulheres mais deixaram informações, onde temos o maior número de narrativas. Cinco dos sujeitos dessa pesquisa narraram algo relativo a esse tema.

Antes de começar a apresentar a narrativa de nossos sujeitos é mister te falar, que a Amazônia, apesar do muito que se tem estudado dela, ainda apresenta muitos fenômenos e situações que precisam ser conhecidas melhor pela comunidade científica. Muitos desses fenômenos, provocam situações que fogem à racionalidade, à primeira vista. Sem pretender apresentar algum tipo de explicação, não podemos deixar de suspeitar que esses fenômenos além da compreensão,

³⁵⁷ Ibidem

³⁵⁸ Cf. Galvão, 1955. p.89

possam estar por trás, de algumas das lendas e mitos presentes na Amazônia, principalmente na várzea³⁵⁹.

Saindo do campo das divagações, vou te apresentar o que nossos sujeitos narraram. A primeira categoria que te apresento são as lendas e mitos que eles afirmam conhecer, sabem que existe, porém nunca viram:

Seu Pedro, além de uma citação rápida a uma das lendas mais famosas da Amazônia - a do boto, vai nos narrar sobre dois animais que apresentam algo de extraordinário, de mitológico. Primeiro o frango d'água: *“Agora frango d'água ele sai de perto de ti colega, bate água de perto e tchum, e você não acha de jeito nenhum, e é um frango mesmo, vou te dizer, eu, digo³⁶⁰”*. Segundo, outra ave chamada alencó³⁶¹, que, segundo ele, possui uma particularidade de acordo com o horário em que é caçada:

...alencó é um pássaro grande que a gente mata de madrugada ele tem carne; se matar de dia ele não tem carne”

Parece mentira, não tem carne, você mata ele é do tamanho de um peru, você mata ele pega assim é só choc!, choc!. E de madrugada se você matar ele o peito tem carne mermo.³⁶²

Essa ave tem também outra particularidade com relação a sua origem, que, segundo Seu Pedro, tem uma forte ligação com outra lenda muito popular na Amazônia, a da cobra grande:

Esses bichos diz que é criação de cobra. Ele bota dois ovo; um é cobra e o outro é alencó. Eu não sei , porque eu cansei de ver o ninho dele assim pequenininho, tem os dois ovos mermo. E ele quando nasce, parece um peruzinho, branquinho no terreiro. A gente só encontra um filho, o outro ninguém sabe. Ai que dizem que um é cobra e o outro alencó. Ele, quando um temporal assim, quando a cobra se mexe, de onde ela tiver, se mexe mermo, isso aí eu já, há. Estremece tudo, ai o alencó, canta de noite, pode ser a hora que for meu irmão: “hã bu,bu”, canta alto. Porque ele sente o estrondo do animal, só pode ser como diz os homi, a cobra mermo. Eu nunca vi, graças a Deus!³⁶³

³⁵⁹ É mais uma sugestão que apresento aos colegas pesquisadores de das outras áreas de conhecimento.

³⁶⁰ Santos, 2018

³⁶¹ Também conhecida, principalmente no restante do Brasil como anhumã

³⁶² Santos, 2018

³⁶³ Idem

Seu Printes, inicia sua narrativa sobre esse assunto falando da lógica por detrás das lendas:

...hoje talvez estas lendas esteja assim, digamos assim, se esvaindo, se desfazendo. Porque o legal quando tem a lenda é que jura.. que viu e que você não vai alí porque tem um, sei lá; não vai alí, alí tem um “bicho folharal”(risos). Nunca vi um “bicho folharal”, eu nunca vi, fulano também nunca viu, mas dizem que tem (risos).³⁶⁴

Esse é realmente um dos elementos mais curiosos da narrativa de uma lenda: a maioria delas é sempre uma repassagem do que outras pessoas falaram. É raro encontrar alguém que realmente viu, foram os outros que viram.

Falando sobre as lendas que ouviu falar, Seu Printes distingue dois momentos, duas fases de seu contato com lendas. A primeira, na várzea:

...um outro fato era a “cobra grande”. Todo mundo falava em “cobra grande”, “cobra grande”, “cobra grande”. Às vezes eu olhava de noite, olhava e via aquela luzinha lá no horizonte, muito distante, piquinininha, eu imaginava, “aquilo deve ser o olho da “cobra grande”(risos). É rapaz, isso era engraçado. eu hoje lembro dessas aqui e tudo, tudo e realmente é até, motivo de riso mesmo.³⁶⁵

Realmente, a cobra grande, das lendas amazônicas, é a mais falada, é a mais famosa. Inúmeros, furos³⁶⁶, acidentes fluviais, tremores de terra, quebras de barrancos e outros episódios extraordinários ocorridos nos rios, ou em suas margens são atribuídos pela população à cobra grande.

O outro conjunto de lendas narrados por Seu Printes são as que ele presenciou morando na cidade de Parintins, para onde foi estudar:

Aí, quando eu vim pra Parintins, vim pra Parintins, tinha um lugar onde nós íamos, dá aquela frutinha chamada mirí, parece uma uva, mas é piquinininha, sabe, e ela dá rapaz, aí a gente faz aquele grupo de garoto, de menino e vamos buscar miri. Só que detalhe, a gente ia lá no campo, no campo grande, a gente ia no campo grande, a gente ia bastante, detalhe, meio dia, a gente nem sabia que hora era meio dia, pra nós é quando o sol tá bem a pino. Meio dia tinha que sair do Campo Grande, urgente, rápido,

³⁶⁴ Printes, 2018

³⁶⁵ Idem

³⁶⁶ Canal estreito que liga duas grandes massas de água, podendo ser um rio a outro, ou uma ponta de uma grande curva de um mesmo rio a outra, ou um lago a outro. Muitos furos surgidos repentinamente são atribuídos a passagem ou fuga de uma cobra grande de um lugar a outro.

porque senão o “Zé Pretinho” ia aparecer. Era o “Zé Pretinho”, era o “Bicho Folharal”, rapaz sabe. Lá pro interior tinha o “Jurupari” sabe, tinha o “Juma”, tinha o outro, comé Meu Deus, o “Jurupari”, o “Juma”, tina a “Mãe d’água” também, você tinha que ter cuidado com a “Mãe d’água”, enfim, todas estas lendas. Em Parintins na época elas era muito vivas, sabe, muito presente, nas lendas.³⁶⁷

Algumas dessas lendas, como o bicho folharal e o Zé Pretinho, só passei a conhecer depois dessa entrevista³⁶⁸. Não sei se notastes, caro(a) leitor(a), mas a maioria dessas lendas são uma forma de criar medo nas crianças e incuti obediência nelas. Nesse contexto, o risco do distanciamento dos pais ou a frequência a um local desaconselhado por seus genitores, pode resultar no encontro com alguns desses seres.

Dona Maria da Daíze será bem sucinta, narrando somente sobre a lenda da cobra grande: *“Cobra grande dá nesses rios mais fundos assim como o Amazonas... esses igarapé grande fundo... nesses rios...”*³⁶⁹, mostrando onde podemos encontrar essa criatura. Indagada na sequência se temia tal animal ela respondeu: *“Eu (gargalhada) não posso acreditar que eu nunca vi!”*³⁷⁰, confirmando a informação posta acima.

Sobre as famosas histórias contadas por terceiros, só temos a narrativa de Seu Pedro sobre um episódio ocorrido com um tio seu envolvendo o bôto:

...era um temporal meio feio, e o meu tio tava na praia, atrás de bicho de casco né, quando ele viu, lá ia um camarada na frente dele, andando né, andando disque o chapelão grande né, aí ele “vou já puxar a cara desse cara né” pra andar, meu tio num era...

Aí ele “ei cara, para aí, para aí”, o cara correu mermão, o cara correu, quando chegou na beira ele tche, ele dentro d’água, aí disque ele disse tá doido que esse cara boiou lá fora, o cara boiou ele tcha!

Ele disse que era o boto que tava atrás das meninas, que emprenhava até as mulher né, uma historia né!³⁷¹

³⁶⁷ Printes, 2018

³⁶⁸ Aqui paro para retomar contigo algo curiosos contado por Seu Printes no início da entrevista, que é o desaparecimento dessas lendas nas cidades. Também em Manaus não foi diferente, antes essa cidade era cheia de lendas urbanas, hoje, a maioria delas desapareceu. Talvez esse fenômeno seja a consequência do crescimento das cidades.

³⁶⁹ Carneiro, 2018

³⁷⁰ Idem

³⁷¹ Santos, 2018

Todas as narrativas sobre o boto falam que, em noite de lua cheia, ele se transforma em um homem, descrito como de bela aparência, sempre vestido de branco e um grande chapéu, na cabeça (para encobrir o buraco de respiração), que vai aos bailes e festas para seduzir as mulheres e, em muitos casos, as levar para o fundo do rio. Foi um personagem desse tipo que foi perseguido pelo tio de Seu Pedro. Galvão (1955) também descreve outras características desse ser mitológico:

É frequente a sua aparição como um jovem atraente que seduz as mulheres. Algumas vezes quando a mulher é casada, toma a semelhança do marido e a possui sem que a vítima perceba o que está acontecendo. A continuação das relações faz com que a mulher emagreça e fique "amarela".³⁷²

De todas as formas, o boto está sempre por detrás de situações envolvendo mulheres. Acerca dessa questão, destaco aqui, o artigo das juízas Elinay Melo e Núbia Guedes (2017)³⁷³, que apresenta uma das explicações mais sensatas e plausíveis para essa lenda: a associação dela a casos de violência sexual contra mulheres, envolvendo familiares ou pessoas próximas da família.

Com Dona Irenilda, entramos em uma outra categoria. Ela irá falar de uma única lenda, descrevendo um local onde a mesma ouviu falar e presenciou, muitas situações curiosas: a de um lago, próximo ao local onde trabalhavam, que era encantado. Primeiro ela vai descrever o local:

Lá nesse lago aonde a gente morava.. tinha um lago que chamava de encantado.

Era pra lá, esse lago do boiador lá aonde a gente morava.. primeira... foi aonde eu fui a primeira vez... por exemplo, no horário de meio dia... era cachorro latindo, gado uirrava 3, onça uirrava, é carneiro berrava, é... a gente ouvia conversa de pessoa assim... parece que tava pertinho de casa... aí a gente ficava com cabelo arrepiado, ficava suados meu garoto mais velho... aí o pessoal de lá contava que pra lá pra esse lago, ninguém pescava, porque era... era as pessoas que tentavam ir pra lá não voltava mais... e ele graças a Deus que ele ouvia as pessoas ele nunca foi.. cabreiro! (falando com voz aguda e rindo) ficava fechado assim...

Ninguém!!... tracajá, tartaruga, pirarucu... Quando tu olhava assim meio dia... assim na beira do campo... embaixo daquelas plantas... tudo aqueles bichos descansando... os bichos do fundo com tracajá, tartaruga, os

³⁷² Galvão, 1955, p.95

³⁷³ MELO, Elinay & GUEDES, Núbia. *Não foi boto sinhá: a violência contra a mulher ribeirinha*. Justificando, 2017. disponível em : <http://www.justificando.com/2017/02/01/nao-foi-boto-sinha-violencia-contramulher-ribeirinha/>

peixe-boi, pirarucu boiando... mas era muito difícil a gente olhar... as senhoras de lá dizia “ olha não vá muito pra lá, a senhora ainda é muito nova” elas diziam...

O lago lá era igual ao rio Amazonas, imenso o lugar do lago, a água assim era branca igual do rio Amazonas.³⁷⁴

Uma narrativa que se assemelha bastante as lendas narradas por Seu Printes na cidade de Parintins para impedir alguém de ir a um local, que, pela descrição dela, era muito farto. Algo que não seria de todo improvável, já que seu marido trabalhava em uma terra arrendada. Mas diante das dificuldades em provar tal hipótese, ficamos por aqui.

Na sequência, ela vai narrar um episódio ocorrido com um dos trabalhadores do vizinho de seu marido envolvendo esse referido lago. É uma narrativa longa, mas bem interessante:

Olha a única coisa que aconteceu lá um dia.. nós fomos andar no campo assim... eu e meu filho mais velho... gostava de juntar tapereba aí tinha lá em cima, chegamos lá não tinha.. os macacos arriava cedo né?(...) Quando nos vínhamos andando assim, na beira do outro lado do mato... Eu encontrei um... um estrume de cavalo assim, “novo” aquele estrume, eu fiquei com medo fiquei estranha, porque lá não tinha gado não tinha cavalo, não tinha nenhum animal que dissesse passou aqui.. lá eu peguei, quando eles chegaram 4 horas do roçado, eu disse “ ah eu nem conto uma história pra vocês” ai ele me chamava de cabloca... “ Que foi cabocla que tu vistes?” (risos e sorriso) eu disse “ Olha nós fomos ali com o Paulo pro taperebazeiro, bem ali assim, tem um estrume de cavalo... “ mas aonde..?” ... “ tem... tu quer... vocês querem vê, bora lá!”... aí nós fomos, era 14 rapaz que tinha trabalhando com a gente, aí eu, ele o filho nós éramos 17 pessoas tudinho... aí nós fomos pra lá vê... chegar lá... aí um senhor que era mais velho disse assim “ isso é bem um cavalo marinho que passou aqui” ele falou sabe... aí... quando foi de noite.. todo mundo já tava dentro... ria.. conversando... lá pro lado do barracão deles assim...que tinha um barracão pros homens... aí ele fechou um quarto meu quarto.. ai.. no meu quarto e um pequeno (voz começa a ficar baixo como se tivesse sussurrando a história, áudio começa a ficar comprometido) ai ele disse “ escuta só”... o lago tava enchendo.. ai disse assim... tu já... escuta... ele tinha uma lanterna de 3 metros ele focou mana deu direito no bicho... chega brilhava aquilo parecia ouro... o que ele fez... ele tinha uma espingarda calibre 20... é calibre 16...

Era. Ele pegou deu um tiro, só viu o estrondo mana! Vummmm (barulho do tiro), aí que o negocio pra lá da visagem era um barulho doido pra lá... com três dias sumiu um rapaz... da outro equipe que era nosso vizinho... aí...

é... ele apareceu desse lado na beira do campo onde ficava o rio do encantando... aí foram procurar o rapaz, acharam ele era umas dez horas da noite todo molhado lá no roçado... ele não falava era só gemendo...

³⁷⁴ Garcia, 2018

gemendo... ai trouxeram ele pra cá pra Parintins, aí levaram ele numa mulher... tinha uma ignorância né... curador essas coisas...

É... ai a mulher disse pra... pra abrir mão dele do rapaz... Seu Dias que o... o Luís Meideiro tinha matado o cavalo dela e ela levou o rapaz não fez nada pra ele pra dar um exemplo... mas a vontade dela mesmo era pegar esse que matou o cavalo dela... mas ela ia curar o rapaz... ela curou o rapaz só que era pra ele não voltar mais pra lá e ele não voltou mais...³⁷⁵

Nessa categoria de acontecimentos vividos, Seu Pedro vai narrar um episódio, supostamente envolvendo uma cobra grande:

Agora, uma coisa que eu vi, como diz o pessoal, com meus próprios olhos foi lá na Ilha do Cumarú:

Saiu um bicho de dentro do aningal. Esse aningal ninguém pescava. Uma vez eu fui pescar pra lá com o papai de noite a gente viu uns grito, diz que era a onça d'água num sei o que e nós fomos embora. Nós fomos pra Itacoatiara, e quando nós voltamos, dentro da Ilha do Cumarú tem um paraná que chamam Ressaca, né, é água preta interessante. Quando nós voltamos lá aquela água barrenta e tanta coisa, colegazinho, quando nós chegamos que vemos, tava rasgado um garapé do lado do paraná. Rasgado mesmo, tinha peixe que veio, peixe morto de tudo tamanho que veio com a água, vou te dizer, aqueles taramanzeiro que tinha do lado que não tava derrubado, tava esfolado a casca, vou te dizer, tava esfolado a casca. Era um buraquinho assim do tamanho, da largura desta casa, vou te dizer. Ela rasgou com terra, com tudo, e acabou-se a visagem de madrugada. Aquilo com diz os homi, não foi feito não, aquilo veio do lago pro paraná. Era um buraco Franco, na terra assim, aquele garapé, que tava escorrendo aquela água era praticamente do tamanho desta casa, era da largura desta casa.³⁷⁶

Como falei acima, é uma das muitas narrativas de origens de furos atribuídos a cobra grande.

Fechando essa parte, temos três narrativas de fenômenos ou situações provavelmente naturais, mas que ganharam uma conotação mitológica. O primeiro, narrado por Seu Pedro, se refere a barulhos estranhos ouvidos na parte de trás da ilha do Cumarú, primeiro local em que sua família trabalhou com juta:

Ilha do Cumarú é uma ilha que diz que tem encanto, né!
E eles, estes mergulhadores com escafandro vinham consertar estas coisas assim, eles descobriram que a Ilha do Cumarú só é fixo na frente, pra traz ela é flutuante.

³⁷⁵ Garcia, 2018

³⁷⁶ Santos, 2018

...então, dizem que a ilha do Cumaru tem um encanto né, pessoal escuta tocarem flauta, mais lá atrás eu cansei de ir, tem muito feio aquele, aquela terra feia caindo assim mermo, é terrível a parte lá atrás né...³⁷⁷

Uma narrativa que começa descrevendo o próprio local com um toque extraordinário, pois nessa parte da ilha ela não seria fixa, seria flutuante; e termina descrevendo sons, como de flautas ouvidos neste local. A outra situação diz respeito a um fenômeno natural denominado pelos moradores da várzea de rebojo³⁷⁸.

O rebojo, é um fenômeno que não, até agora o pessoal. Eu já estudei tanto, sou um cara corrido, mas não descobri o que é o rebojo. Ele vai, veja bem. Cansei de ir pra Itacoatiara no remo, que a gente ia vender milho estas coisas assim quando era pequenininho, e quando ia passar no rebojo, o rebojo fica na ponta da Ilha do Cumaru com a Arapapá, aquela parte de lá, silêncio, de manhã cedo, saia quatro hora da madrugada, pra chegar oito hora em Itacoatiara que não é tão longe né, vamos passar no rebojo, não se faz uma zoadá, não se faz uma zoadá, remando sem bater na canoa e se passa no rebojo. Mas se você bater, pó!, Ele espoca meu irmão, espoca e, chega faz o redemoinho. Que dizer, espoca mesmo e se for uma canoa pequena, vai embora. Pra você vê, como é o fenômeno do rebojo, né!³⁷⁹

Este fenômeno que deve ser conhecimento dos colegas de geografia e, realmente tem algo de curioso em seu início aparentemente repentino. Mas a sua localização em um ponto fixo, deixa escapar uma possível explicação no terreno do fundo do rio no local ou em seu entorno, ou no comportamento das águas naquele local³⁸⁰.

Fechamos essa parte com uma história lendária, narrada por Seu Printes, de uma pirarara³⁸¹ de grandes dimensões que habitava uma localidade próxima a casa dele e que era uma ameaça a quem passava por ali. Talvez seja somente mais uma história para fazer medo e deixar a meninada mais atenta:

³⁷⁷ Idem

³⁷⁸ Redemoinhos que surgem inesperadamente no meio de rios.

³⁷⁹ Santos, 2018

³⁸⁰ Não encontrei nenhum trabalho consistente sobre esse fenômeno

³⁸¹ *Phractocephalus hemiliopterus*: peixe de couro (liso) que possui uma cabeça grande e ossificada, podendo alcançar 80 kg de peso e, o tamanho de 1,5 m, mas que na tradição da população da Amazônia pode alcançar dimensões ainda maior. Popularmente é apontado como capaz de comer pessoas, o que lhe valeu o apelido de tubarão da Amazônia.

lá no Paraná do Espírito Santo, eu ia muito com o meu pai por ali, porque a gente ia pescar, e o meu pai ia por rumo de Faro, ele remava, passava no paraná e aí pro outro lado e na volta a gente passava, vinha pelo Paraná do Espírito, rapaz a gente tinha medo ali do Paraná do Espírito Santo, porque diziam que tinha uma pirarara, ali na boca do paraná, você sabe, eu ti falei isso aí.

...na boca do Paraná do Espírito Santo, rapaz a bicha era enorme, tava grande ali.

...é, se caísse ali estava na boca da pirarara.

...então eu ficava preocupado lógico né, sem pretender por qualquer coisa cair dentro d'água de repente e morrer na boca da pirarara.³⁸²

Com essa narrativa encerro essa nossa panorâmica pelo ambiente da várzea esperando que você tenha conseguido ter uma noção do ambiente que envolvia e onde viveram esses senhores e essas senhoras que tivemos o prazer de te apresentar, neste trabalho.

3. Contudo, não estamos no paraíso!

Este pequeno texto que usarei para encerrar o atual capítulo, embora esteja em formato de apêndice, tem uma vital ligação com essa unidade e com as outras, no sentido de evitar equívocos na mensagem que desejo lhe passar.

Tudo o que vimos ao longo dessa redação, principalmente nesse capítulo, podem te levar a falsa ideia de que o ambiente da várzea é desprovido de conflitos e contradições. De certo, que as narrativas dos sujeitos dessa pesquisa, ao se concentrarem na descrição da realidade da produção da juta e do ambiente em que viveram e conviveram com essa atividade, passam ao largo dessas realidades. Todavia, é mister te advertir que eles existem, somente deixaram de ser explicitados.

Apesar disso, é possível encontrar alguns fragmentos de possíveis tensões ou situações que destroem de uma convivência totalmente harmônica. Essas pequenas narrativas nos permitem exemplificar dois tipos de situações de conflitos.

A primeira diz respeito a permanência de estruturas machistas, secularmente enraizadas na cultura dessas populações, explicitadas na forma de se ver o trabalho

³⁸² Printes, 2018

feminino³⁸³, presentes nessa fala de Dona Maria da Daíze: “É... É... eu aguentava peso que eu pudesse... carregava... eu ajudava o marido né, naquele a gente trabalhava junto com o marido... é...”³⁸⁴ onde o trabalho da mulher, mesmo que seja com a mesma intensidade do trabalho do homem sempre será visto como ajuda, numa clara alusão de que os verdadeiros ofícios feminino são os de dentro da casa. Seu Pedro, por sua parte, ao narrar as divisões de tarefas na produção da juta afirmou que “Lavar juta é serviço pra mulher fazer³⁸⁵”, onde se pode tanto inferir sobre um sentimento de proteção às mulheres como a consolidação da ideia de que tudo que se ligue aos ditos “serviços domésticos”, do qual lavar é um deles, se enquadram em atividades exclusivamente femininas.

A segunda se refere ao relacionamento com o chamado “patrão”, o comprador da produção. Nas narrativas apresentadas por essas pessoas, fica evidente que a convivência entre moradores da várzea e patrões é cercada de tensões em conflitos. Embora não seja exemplificado nenhum episódio em particular, os fragmentos narrados apresentam pistas dessa tensão.

Começemos com Dona Irenilda que vai falar da existência do patrão e do sistema de aviamento³⁸⁶ presente nesse universo de trabalho:

É... vendia. Tinha os patrões... e ai quando nós moramos aqui no Valente, nós moramos 2... 3 anos ai eu criava muita galinha, ovos, eu juntava galinha, 2/3 frango, eu mandava pra minha irmã vender... ela comprava farinha, mandava ovos, ela comprava o ranchinho que quase no patrão ele só ia tirar dinheiro assim pra pagar os pessoal... que trabalhava, ele passava mês pra lá trabalhando... ia prestar conta e ele ia tirar o dinheiro mas nós nunca ficamos devendo...³⁸⁷

Na qual é ilustrado a presença dessa pessoa que adianta mercadorias dos mais diversos tipos para serem pagas com a produção. Nota-se a preocupação de

³⁸³ Analisado no capítulo I, quando foi trabalhado o ingresso no universo da juta de Dona Maria da Daíze

³⁸⁴ Carneiro, 2018

³⁸⁵ Santos, 2018

³⁸⁶ entende-se por Sistema de Aviamento, a prática secular, existente na Amazônia de conceder crédito adiantado, em forma de mercadoria para depois ser paga com a produção. Foi a mola propulsora de todas as grandes atividades econômicas existentes na história regional como as drogas do sertão e a borracha.

³⁸⁷ Garcia, 2018

Dona Maria da Daíze com o risco de ficarem sem saldo, ou seja, de produzirem valores abaixo do que foi adiantado a eles.

Seu José, ao falar dos patrões, embora não explicando a modalidade de patrão, apresentará a preocupação em manter a qualidade do produto para não dar oportunidade à ambição desse personagem:

E, vinha os patrões, pra quem a gente vendia juta, e a gente ainda carregava porque a gente fazia o fardo e deixava dentro de casa, armazenado. Não podia molhar, que se molhasse a gente tinha prejuízo. É, eles iam querer descontar, alguma coisa. Sabe como é que é o patrão né? O patrão, se ele puder tirar de você ele tira, então é isso meu!³⁸⁸

Passagem, em que chama a atenção a frase “...*se ele puder tirar de você ele tira*” onde fica evidente o caráter oportunista desse sujeito e a preocupação dos trabalhadores em evitar que o mesmo tenha a oportunidade de usar esse oportunismo.

Seu Pedro, por sua parte, vai apresentar estratégias usadas tanto por produtores como compradores para tirarem vantagem na verdadeira “guerra comercial” existente nos ambientes de trabalho da várzea. Primeiro ele apresentará as táticas dos produtores de juta:

Você vende juta. Foi como outro dia no museu do seringal,³⁸⁹ né, que ela dizia que butavam coisas dentro da borracha né. A juta meu irmão, a juta é que tinha estes cambalachos. Para ficá pesado o cara butava desde tora de bananeira (risos). Às vezes, às vezes não tava nem seco, né; bem direito aí o cara já enfardava pra pesar mais, o pesa. Há! acharam muita imundice! Às vezes o cara desconfiava, o comprador, “porra tá muito pesado, parte este, esse” olha um pedaço de toro de bananeira (risos) no chão.³⁹⁰

Passagem que chama a atenção por, além de apresentar as estratégias de resistências dos produtores de juta, traça um paralelo com a borracha: atividade que também gerou muita riqueza e conflitos entre trabalhadores e patrões.

³⁸⁸ Silva, 2018

³⁸⁹ Visita realizada ao Museu do Seringal Vila Paraíso, em setembro de 2017, em minha companhia..

³⁹⁰ Santos, 2018

Além das táticas de resistência dos trabalhadores, Seu Pedro vai narrar as formas que os patrões usam para lucrar mais em cima dos produtores, ilustrando a fala de Seu José, apresentada acima:

Agora outros comprador, que roubavam na balança as vezes paguei. A balança Filizola o cara faz. Ela vem com esta tara, o cara faz menos né ou mais pra puder o peso ser, e roubar na balança. Pra puder oferecer o preço maior. As outra custavam oitenta centavo aqui ai o cara dizia: “não, te pago noventa” ai o cara, ele era roubado na balança, como na borracha também né! Tudo meu irmão!³⁹¹

Também, vai descrever a intensa disputa comercial entre patrões no ambiente de juta:

Mas quando é no tempo da juta, há mas aparece muito comprador! Deu nos livre. Ai o cara oferece tantas das coisas, mas só na hora quando já está colhido. É você vê um motor atrás do outro oferecendo preço melhor e não sei o quê e tanta coisa. Diz que outros caboclos, tem caboclo sem-vergonha né!³⁹²

Mesmo sem ter a intensão, Seu Pedro descreve uma situação de tensão constante entre patrões e trabalhadores e entre patrões e patrões.

Com esses pequenos exemplos, espero que tenham entendido que o universo de trabalho da juta, em que essas pessoas viveram, é belo, desafiador, e repleto de vivência humana com seus conflitos, contradições e estratégias de sobrevivência e resistência encontradas em qualquer agrupamento humano.

Encerro esta nossa conversa te lembrando que a minha intenção, neste capítulo, a qual espero ter alcançado, não era a de esgotar esse tema e sim o de dar uma amostra do ambiente vivido por eles. Pontos da fotografia descrita por Seu Printes, no início, foram analisados com calma e, com eles, espero ter te mostrado como era e é “a várzea dos trabalhadores da juta!”

³⁹¹ Idem.

³⁹² Idem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No senso comum, é muito difundido nos centros urbanos da Amazônia, especialmente os de grande porte como Manaus, a ideia de que o povo da várzea é incapaz de se envolver em uma rotina de trabalho mais sistemática - popularmente preguiçoso - e por isso se autocondena a uma vida de miséria com poucas opções de crescimento humano e social. Ao longo dessa conversa, espero que tenhas percebido que isso não passa de uma imagem preconceituosa de quem não conhece a rotina desse local e, portanto, não sabe como vivem essas pessoas.

Também tivemos, por uma parte da academia, uma espécie de senso comum, que, contrastando com os padrões dos moradores do campo em outras partes do Brasil e, em muitos casos limitado a uma chave de leitura estruturalista, enxergava essas pessoas como “pobres coitados”, “vítimas passivas” de um perverso sistema de exploração econômica, que os amarrava em seus tentáculos e os condenava a essa vida de miséria³⁹³.

O que foi possível perceber através das narrativas dos sujeitos dessa pesquisa, somando ao que algumas pesquisas recentes têm apontado³⁹⁴, é que os

³⁹³ São exemplos dessa linha de pensamento, trabalhos como: SILVAN, Denison. *Trabalhadores da juta na Amazônia: trajetória de luta, suor e sofrimento*. 2018. 245f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas;

³⁹⁴ Desses destacamos: ANDRADE, Roberta F. Coelho, *A composição da vida no beiradão do Rio Amazonas: memórias e identidades ribeirinhas*. Manaus, EDUA, 2015; CRUZ, Manoel de Jesus Masulo. *Territorialização camponesa na várzea da Amazônia*. 2007. 261f. Tese (Doutorado em

moradores da várzea são pessoas com potencial produtivo imenso e com padrões culturais perfeitamente adaptados à dinâmica desse tipo de lócus, o qual tem como destaque os ciclos de enchente-cheia e vazante-seca, Portanto, uma realidade completamente diferente daquelas vividas nas cidades o que torna difícil aos habitantes desses lugares compreenderem a vida na várzea.

Comecei falando dos moradores da várzea no geral, pois os sujeitos dessa pesquisa - os trabalhadores da juta - não forma um grupo à parte, são partes desse mesmo grupo. Essa questão, inclusive, compõe a primeira das hipóteses que passei a ter já após a análise preliminar das entrevistas dessas pessoas. A compreensão desse princípio, é importante por dois motivos:

Primeiro para que entendamos que a entrada da juta na vida dessas pessoas não foi o resultado da manobra de uma instituição poderosa que os atraiu para uma armadilha da qual eles entraram e não puderam mais sair. Quem pensa assim, analisa a realidade dessas pessoas através de um esquema pré-concebido. Nas narrativas deles, pelo contrário, ficou bem evidente que a juta foi uma opção que se apresentou a eles e da qual entraram e saíram quando consideraram conveniente, todos mostrando que ela era somente mais uma das atividades que desenvolviam.

Segundo, para pensarmos sobre a tendência a classificar esses trabalhadores como juteiros, adjetivo que me causa desconforto pois entendo que só podemos aplicar o sufixo *-eiro* à pessoas que vivem exclusivamente de uma atividade, como ferreiro e padeiro. As pessoas cuja entrevista usei neste trabalho, não se encaixavam de forma alguma nessa categoria, pois, apesar da juta ter um peso significativo na composição das receitas de suas famílias, ela não se configurava como a única atividade geradora de renda, além de não os ocupar o ano inteiro. Sendo assim, é mais fácil considerá-los como moradores da várzea que trabalharam com juta ou simplesmente, produtores de juta.

A segunda hipótese, enfatizado no primeiro capítulo e aprofundado no segundo é com relação a compreensão da dinâmica e da visão dessas pessoas sobre as fases de trabalho desenvolvidas dentro d'água. Não há dúvida que trata-se de uma

Geografia Humana) Universidade de São Paulo. e WITKOSKI, Antônio Carlos. *Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus, EDUA, 2007

atividade laboral com um alto teor de insalubridade. Disso não dá pra não associar uma porção de doenças que podem advir de um trabalho nessas condições. Nesse ponto tudo o que a academia até o momento falou sobre esses trabalhadores está correto.

Todavia, precisamos olhar por um ângulo que considero pouco observado pela academia. Enfatizo inicialmente sobre a forma com eles/elas viram essa forma de trabalhar. Dentro do que foi percebido ao longo das narrativas dessas pessoas, ficou claro que elas tinham consciência do tipo de trabalho em que se envolveram, portanto não se envolveram com ele de uma forma ingênua. Outro ponto que precisamos observar - o que pra mim é o cerne da questão - essas pessoas não estavam desenvolvendo um tipo de trabalho alheio ao seu modo de vida. É bom que se saliente, que a juta se adaptou com muita facilidade a cultura do povo da várzea amazônica exatamente por se encaixar aos padrões culturais dessas pessoas. Para que entendas melhor o que estou a dizer, é fundamental a compreensão de que os moradores da várzea já possuem uma longa convivência com a água, os rios fazem parte de sua vida, uma parcela significativa dos recursos vitais à sua sobrevivência vêm da água. Portanto, a juta não os levou para um ambiente aquático, ela somente intensificou a convivência com esse ambiente, ampliando as horas de permanência nele.

A terceira hipótese, trabalhada no segundo e aprofundada no terceiro capítulo, é de que nunca poderemos compreender as pessoas que trabalharam com a juta fora do contexto da vida da várzea. Aquilo que enfatizei na primeira hipótese, de que não podemos compreender a economia da juta separada da demais atividades econômicas desenvolvidas por esses sujeitos, se aplica com mais intensidade à vida e à cultura dessas pessoas. Por isso, não existe condições de se entender quem trabalhou com juta sem entender a vida na várzea. Não é possível isolar o trabalhador da juta do ribeirinho, como em uma experiência de laboratório, e daí entender sua vida. Em uma metáfora, que talvez te ajude a entender, temos que olhar a vida das populações da várzea como um organismo vivo e a juticultura como um dos órgãos desse organismos.

A quarta e última hipótese desse trabalho (que retorna a colocação inicial) é que a vida na várzea está longe de ser monótona e com poucas opções. Na

verdade, a rotina desse local é de uma dinâmica inimaginável por quem passa ao longo dos rios e enxerga esse ambiente de longe. Mergulhar no mundo das populações que habitam as margens dos rios amazônicos, é adentrar em uma cultura extremamente rica com estruturas de relacionamentos próprios, códigos de ética, padrões sociais, e relacionamento com o sagrado completamente diferente de outras partes da Amazônia. A segunda parte do terceiro capítulo veio exatamente com o intuito de te oferecer uma amostra da dinâmica da vida dessas pessoas expressa em seus mitos e em sua forma de conceber o sagrado.

Portanto, através dessa pequena amostra - sete entrevistados - busquei te levar a compreender como as populações da várzea amazônica se relacionaram, e ainda se relacionam, com uma atividade bastante exigente chamada juta. Não fiz isso com o intuito de heroicizar essas pessoas, nem enxergá-las com a quem devemos ter pena em função de uma vida miserável. Longe desses extremismos, quis simplesmente te mostrar, através dessas sete histórias de vida a riqueza por trás da trajetória histórica dos homens e mulheres que conviveram ou convivem com um ambiente tão singular como esse. Espero ter te ajudado a compreender esta bela realidade para que, entendendo como ela funciona, possas valorizá-la. A Amazônia é um imenso reservatório de realidades ricas e diversas e os seus vários ambientes reservam muitas histórias belas e interessantes precisando ser contadas. Te coloquei em contato com uma célula desse imenso organismo, tem muitas outras esperando serem analisadas. Esperando que outros possam adentrar no universo de compreensão da realidade do ambiente e das populações amazônicas aqui me despeço agradecendo a tua companhia ao longo dessa caminhada.

Até a próxima!

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALBERT, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

AMAZONAS, Associação Koutaku do. *A saga dos Koutakusseis no Amazonas: uma história de pioneirismo, sofrimento, perseverança e SUCESSO*. Manaus, 2011

ANDRADE, Roberta F. Coelho, *A composição da vida no beiradão do Rio Amazonas: memórias e identidades ribeirinhas*. Manaus, EDUA, 2015

ARAÚJO, Carlos. *História da imigração japonesa no Estado do Amazonas*. Manaus: FIEAM, 1995.

ARENDT, Hannah, *A condição humana*. 10^a Ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2007

CARNEIRO, Maria da Daize Jacaúna. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 16 de outubro de 2018

CEHIB (Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil). *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1992

CRUZ, Manoel de Jesus Masulo. *Territorialização camponesa na várzea da Amazônia*. 2007. 261f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo.

EMMI, Marília Ferreira. Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira (1850-1950). Belém: Naea/UFPA, 2013

FERREIRA, Aldenor da Silva, *Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)*. 2016. 487 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955

GARCIA, Irenilda Evangelista. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 18 de outubro de 2018

GENTIL, Janete M. L. *A juta na agricultura de várzea na área de Santarém - Médio Amazonas*. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Série Antropologia, VI. 4, 1988

HARRIS, Mark. *Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo*, in. ADANS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. *A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola*. Brasília: Embrapa, 2016, 2a Ed.

KAWADA, Takuya. *Histórico da imigração japonesa no estado do Amazonas*. Manaus: Fieam, 1995.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. 2ª Ed. São Paulo: Bomtempo. 2015

LIRA, Talita de Melo & CHAVES, M^a do P. S. Rodrigues. *Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sócio cultural e política*. Campo Grande: INTERAÇÕES, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2016.

MATOS, J.S.& SENNA A.K. *História oral como fonte: problemas e métodos*. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MELO, Elinay & GUEDES, Núbia. *Não foi boto sinhá: a violência contra a mulher ribeirinha*. Justificando, 2017. disponível em : <http://www.justificando.com/2017/02/01/nao-foi-boto-sinha-violencia-contramulher-ribeirinha/>

OLIVEIRA, José Aldemir de. *A cultura, as cidades e os rios na Amazônia*. Amazônia/Artigos. S/d

PAIVA, Alciane Matos. *Agricultura camponesa e desenvolvimento rural/local: um estudo da organização da produção de juta e malva na várzea do município de Manacapuru*. 2009. 130f. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal do Amazonas

PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. *Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no Médio Amazonas*. 1982. 187 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia, Política e Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

POJO, Eliana Campos; ELIAS, Lina Gláucia Dantas; VILHENA, Maria de Nazaré. *As águas e os ribeirinhos: beirando sua cultura e margeando seus saberes*. Revista margens interdisciplinar. V. 8, n. 11, (2014). p.176-198. disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3249>

POLLAK, Michael, *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, vol.5, n.10,1992, p.200-212

PORRO, Antonio. *O povo das águas*. Ensaios de etno-história amazônica. Rio de Janeiro: Vozes, 1996

PORTELLI, Alessandro. *Ensaios de história oral*. São Paulo: Letra e voz, 2010

_____. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e voz. 2016

_____. *História oral e poder*. Rio de Janeiro: Mnemosine, Vol. 6, nº 2, p.2-13 (2010)

PRINTES, Raimundo Ribeiro. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 20 de novembro de 2018

RIBEIRO, Maria Vasconcelos. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 11 de junho de 2018.

RIOS, Kênia Sousa (org.). *História oral e natureza: resistência e cultura*. Coleção história oral e dimensões do público. São Paulo: letra e voz, 2019

SANTANA, Genilson Pereira. *Terra preta de índio na região amazônica*. Scientia Amazonia, v. 1, n.1, 1-8, 2012. Revista on-line <http://www.scientia.ufam.edu.br>

SANTOS, Pedro Mair dos. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos e Davi Avelino Leal*. Manaus, 16 de abril de 2018.

SEIXAS, Juliana.. *Direitos Reais e Obrigacionais referentes aos Terrenos de Marinha*. Disponível em: <http://julianaseixas83.jusbrasil.com.br/artigos/178787402/direitos-reais-eobrigacionais-referentes-aos-terrenos-de-marinha>

SILVA, José Cordeira da. *Entrevista concedida a Franco Lindemberg Paiva dos Santos*. Manaus, 05 de agosto de 2018

SILVA, Marlene Gonçalves da. *Entrevista concedida a Mayra de Oliveira Uchôa*. Parintins, 19 de outubro de 2018

SILVAN, Denison. *Trabalhadores da juta na Amazônia: trajetória de luta, suor e sofrimento*. 2018. 245f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas

SOARES, Gesiane Tavares. *Sustentabilidade sócio-ambiental: um estudo de caso na cooperativa de fibras vegetais, malva e juta, de Manacapuru no Amazonas*. 2015. 110f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Amazonas.

SOUZA, Leno José Barata. *Cidade flutuante: uma Manaus sobre as águas (1920-1967)*. 2010. 354f. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

THOMPSON, *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TRISTAN, Daniela Rabelo Monte. *Trabalhadores da tecejuta: Experiência Operária e Construção de Memória numa Fábrica Têxtil do Oeste do Pará (Santarém 1951-1990)*. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas

VALADARES, Alexandre Arbex. *Terra legal e nossa várzea: duas concepções diversas de políticas de regularização fundiária e acesso a terra*. IPEA: boletim regional, urbano e ambiental | 08 | jul.-dez. 2013

VALENTE, Manoel Adam Lacayo. *O domínio público dos terrenos fluviais na Constituição Federal de 1988*. Revista de Informação Legislativa. Brasília a. 37 n. 147 jul./set. 2000

WITKOSKI, Antônio Carlos. *Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus, EDUA, 2007

